

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

NATHÁLIA EDWIRGES AMADO

Comunicação, Memória e Lugar:
Análise das interações do grupo do *Facebook*
“Ravena e suas memórias”

Belo Horizonte
2017

NATHÁLIA EDWIRGES AMADO

Comunicação, Memória e Lugar:
Análise das interações do grupo do *Facebook*
“Ravena e suas memórias”

Dissertação entregue e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais – Linha de Pesquisa Processos Comunicativos e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Simeone
Henriques

Belo Horizonte
2017

301.16 Amado, Nathália Edwirges
A481c Comunicação, memória e lugar [manuscrito]: análise das
2017 interações do grupo do Facebook “Ravena e suas memórias”
/ Nathália Edwirges Amado. - 2017.
133 f. : il.
Orientador: Márcio Simeone Henriques.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1.Comunicação – Teses. 2.Comunidade - Teses. 3. Comunicação de massa – Teses. 4. Facebook (Recursos eletrônicos) – Teses. I. Henriques, Márcio Simeone . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

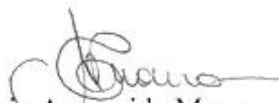
*COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E LUGAR: Análise das interações do grupo do
Facebook: "Ravena e suas memórias"*

Nathalia Edwirges Amado

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora:



Márcio Simeone Henriques
(orientador – Universidade Federal de Minas Gerais)



Maria Aparecida Moura
(Universidade Federal de Minas Gerais)



Maria Ângela Mattos
(PUCMinas)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 04 de abril de 2017.

*Aos meus queridos pais, Vicente e Elenice,
que não tiveram a oportunidade de estudar,
mas possibilitaram que seus filhos o fizessem.*

Meu carinho e eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus por minha vida, Nossa Senhora e São Judas Tadeu pela intercessão.

Aos verdadeiros mestres da família! Meus queridos pais, Elenice e Vicente, por todo apoio e amor incondicional que sempre me ofertaram.

Ao meu irmão Paulo pelo auxílio, leitura e revisão.

À professora Carine Caetano de Paula, meu eterno carinho, por ter acreditado que essa empreitada poderia dar certo.

Ao Professor Márcio Simeone por ter me guiado ao longo desse percurso sempre com leituras atentas, observações e incentivo.

Às professoras Maria Aparecida Moura, Maria Beatriz Bretas e Maria Ângela Mattos pela disponibilidade em ler e contribuir com esta pesquisa. Estendo meu agradecimento aos professores do PPGCOM e a todos os demais professores que me ofertaram conhecimento em alguma etapa da minha vida.

Aos meus colegas do mestrado (e doutorandos) por terem acompanhado e dividido comigo vários momentos de dúvida, cansaço, e os cafés com pão de queijo e prosa nos intervalos.

À Jéssica Caldeira, pelos textos e trabalhos feitos em conjunto, pelo carinho e apoio de sempre.

Ao Mobiliza e seus membros pelas discussões e à Raíssa pelo auxílio em uma das etapas de pesquisa.

À querida Ohana, amiga que sempre esteve por perto, acompanhando o desenrolar.

A todos os amigos que compreenderam o motivo da ausência e os compromissos desmarcados.

À criadora e demais membros do “Ravena e suas memórias” que me possibilitaram partilhar desse passado e com ele escrever novos capítulos do meu futuro.

RESUMO

Este estudo observa as conformações comunitárias contemporâneas em ambientes midiáticos e tem como objetivo entender como se dá o processo de ressignificação do lugar por meio dos fragmentos de memória, compartilhados em interações em uma mídia social digital. Sendo assim, tomou-se por objeto um grupo no *Facebook* chamado “Ravena e suas memórias”, criado por moradores do distrito de Ravena, Sabará – Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG – para promover a partilha de imagens, textos e arquivos sobre o lugar e sua população. Partindo da ideia de que não existem ambiências separadas, nessa pesquisa considera-se que “virtual” e “real” são instâncias que compõem a dinamicidade da vida contemporânea. Apoiada no conceito de comunidade, como ideal de sociabilidade buscado ainda hoje, a premissa principal é de que a relação que se constrói entre homem e espaço fundamenta a conformação do lugar. Implicado diretamente no objeto estudado está o conceito de memória, pois trata-se de um grupo em mídia social com escopo exclusivo de compartilhamento de lembranças. Para observar aspectos das ambiências implicadas, a metodologia escolhida une análises diferentes. Primeiro, uma análise de conteúdo das postagens, com a observação das discussões e temas; e, uma análise dos fluxos das interações, com levantamento de informações da plataforma *Facebook*, relevando as especificidades do objeto. Na segunda fase da metodologia, exploram-se dados obtidos por questionário *online* e uma análise de seis entrevistas em profundidade realizadas com alguns interagentes do “Ravena e suas memórias”. Finalizados os procedimentos, destacam-se algumas dimensões que evidenciam a conformação do sentimento de amor ao lugar, e na pesquisa optou-se por examinar as dimensões do saudosismo e do pertencimento. Essas dimensões demarcam a relação afetiva dos sujeitos com a memória local e as interações evidenciam traços da ressignificação do lugar, tanto no ambiente digital, quanto na comunidade física. A comunicação aparece como principal agente nesse processo. Entende-se então que o grupo “Ravena e suas memórias” tem papel importante no processo de (re)configuração da localidade, pois atua diretamente nas dimensões do pertencimento, cativando um saudosismo diretamente implicado na topofilia. No entanto, embora haja um reconhecido valor, a iniciativa ainda deixa potencialidades inexploradas.

Palavras-chave: Comunidade. Interações. Mídias Sociais. Lugar.

ABSTRACT

This study looks at contemporary communities in media environments and aims to understand how the process of re-signification of the place occurs through the fragments of memory that are shared by individuals in interactions in a digital social media. So we analyse a Facebook group called "Ravena e suas memórias", created by residents of the Ravena district, Sabará - Metropolitan Region of Belo Horizonte / MG - was created to promote the sharing of images, texts and archives about the place and its population. Starting from the idea that there are no separate ambiances, in this research it is considered that "virtual" and "real" are instances that make up the dynamicity of contemporary life. Based on the concept of community, as the ideal of sociability sought until today, the main premise is that the relationship between man and space is the base of the conformation of the place. Implicated directly to the studied object is the concept of memory, since it is a group in social media with exclusive scope of sharing of memories. In order to observe aspects of the ambiances involved, the chosen methodology unites different analyses. First, a content analysis of the posts, with the observation of the discussions and themes; and, a later analysis of the interactions flows, with information gathering of the Facebook platform, highlighting the specificities of the object. In the second phase of the methodology, the data obtained by online questionnaire were analysed, and the analysis of six in-depth interviews with some actors of "Ravena e suas memórias". At the end of the procedures, some dimensions were highlighted that demonstrate the conformation of the feeling of love to the place, and in the research we opted to examine the dimensions of nostalgia and belonging. These dimensions demarcate the affective relationship of the subjects with the local memory, and the interactions show traces of the signification of the place, both in the digital environment and in the physical community. Communication appears as the main agent in this process. Thus, the group plays an important role in the process of (re) configuring the locality, since it acts directly on the dimensions of belonging, captivating a nostalgia directly implicated in topophilia, however, although there is value, the initiative leaves unexplored potentialities.

Keywords: Community. Interactions. Social Networks. Place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Família Ferreira Pinto.	12
Figura 2: Página e foto de capa do grupo “Ravena e suas memórias”.	27
Figura 3: Página de “capa” do grupo “Galera de Ravena”.	38
Figura 4: Imagem de “capa” do grupo “Moradores de Carbonita” no <i>Facebook</i>	42
Figura 5: “Capa” do grupo “Acervo Histórico – Carbonita/MG”.	42
Figura 6: Gráfico - Faixa etária dos membros do “Ravena e suas memórias”.	62
Figura 7: Relação do membro do grupo com o distrito (moradia, trabalho e estudo).	62
Figura 8: Frequência de idas ou visitas dos membros do grupo ao distrito de Ravena.	63
Figura 9: Gráfico referente à quantidade de acessos dos membros do grupo ao <i>Facebook</i>	64
Figura 10: Tempo de participação no grupo “Ravena e suas memórias”.	65
Figura 11: Hábitos de utilização do grupo (curtidas e comentários em postagens).	65
Figura 12: O que o membro mais gosta no grupo.	66
Figura 13: “Diálogos” nos comentários e posicionamento dos sujeitos.	75
Figura 14: Ravena “reconstruída” nos comentários.	80
Figura 15: Postagem e comentários que indicam que o grupo extrapola a mídia virtual.	83
Figura 16: Comentário com convocação de novos colaboradores.	83
Figura 17: Jovens saudosos.	86
Figura 18: Valores.	90
Figura 19: Relações de parentesco evidenciadas pelas formas de tratamento.	91
Figura 20: “Nossa Ravena”.	93
Figura 21: Exemplo de comentários com sentidos topofílicos.	97
Figura 22: Foto de Capa do Grupo – Retrato da Praça de Ravena.	98
Figura 23: Lembranças de personagens a partir de outros elementos.	100
Figura 24: Um lugar remete à lembrança de pessoas.	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 COMUNIDADE: “TERRITORIAL” E “VIRTUAL”	16
1.1 Ravena, Sabará.....	16
1.2 Ravena como comunidade	19
1.3 Comunidades virtuais	22
1.4 Comunicação e mídias sociais digitais	28
2 COMPARTILHAR O LUGAR E AS EXPERIÊNCIAS	32
2.1 O elo entre lugar e experiência	33
2.2 Comunicação, contexto e vivências online e <i>off-line</i>	37
2.3 Intercorrências entre <i>online</i> e <i>off-line</i>	39
2.4 Memória e Internet.....	44
2.5 Fotografia como gatilho de memória.....	49
3 POR DENTRO DO “RAVENA E SUAS MEMÓRIAS”	52
3.1 Desenho da Pesquisa.....	52
3.2 <i>Corpus</i> da pesquisa	52
3.3 Procedimentos.....	53
3.3.1 Primeira fase	53
3.3.2 Segunda fase	58
3.4 “Ravena e suas memórias” e seus membros	61
3.5 Análise de Fluxos das Interações.....	67
3.5.1 Frequência ao grupo	67
3.5.2 Atitude responsiva	69
3.5.3 Posicionamento dos sujeitos.....	72
3.5.4 Relação imagem com comentários	77
4 A RECONSTRUÇÃO DO LUGAR NA MÍDIA SOCIAL DIGITAL	79
4.1 Saudosismo	81
4.2 Pertencimento	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE A – Tabela de Análise de Conteúdo	113
APÊNDICE B – Convite Grupo Focal	129
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista	130
APÊNDICE D – Termo de Consentimento	131
APÊNDICE E – Questionário Padrão	132

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e da internet ampliaram o acesso à informação e às formas de interação. Diretamente ligado a isso, os *sites* e aplicativos de redes sociais se tornaram ferramentas cada vez mais presentes no cotidiano. Há centenas deles, e é cada vez mais difícil conhecer um indivíduo que não utilize nenhuma dessas ferramentas.

Diante dessa realidade cada vez mais conectada, fica difícil imaginar como era a vida sem nenhum dispositivo tecnológico. Sem dúvida a existência desses canais de comunicação modificou a forma como os sujeitos relacionam-se uns com os outros e também com o mundo. Trata-se de um círculo vicioso, onde as influências são mútuas. Mas, mais importante do que buscar explicações para os impactos de um mundo virtual no “mundo real” é a tentativa de compreender as intercessões que nos mostram que se trata de uma única realidade. O que está na tela do computador ou do *smartphone* não é algo separado do que se vive dentro de casa ou na rua – pelo contrário, conforme se pensa, diz respeito à vida como um todo, sugere e é sugerido pelo cotidiano. É sempre uma troca. E foi pensando nessas trocas, que surgiu essa pesquisa.

Este estudo se baseia em dois pilares, o primeiro é a experiência pessoal da pesquisadora com o local onde nasceu e morou até os seus 19 anos de idade, e no qual ainda tem amigos e familiares – o distrito de Ravena, na região de Sabará. O segundo é a formação da autora em Comunicação Social, o que lhe rendeu um olhar mais apurado para as mídias sociais digitais enquanto canais de interação, com potencial cada vez mais amplo.

Em 2013, então como membro de alguns grupos no *Facebook* relacionados à comunidade de Ravena, uma postagem feita no grupo “Ravena e suas memórias” – hoje objeto de estudo – chamou-lhe a atenção. Um dos participantes compartilhou uma imagem da família do Sr. Pedro de Alcântara Ferreira Pinto (Figura 1). O patriarca, sua esposa e os filhos do casal. Até então, aquele nome era apenas conhecido da pesquisadora, pois a rua da escola onde estudou durante mais de dez anos homenageava esse senhor. Porém, jamais havia visto um retrato do mesmo, nem conhecido sua história. Na foto, ao lado do casal, uma de suas filhas, Maria da Conceição, se destaca por ser a única moça da foto de vestido escuro. Um dos interagentes explica que, casada à época, esperava seu primeiro filho, por isso a vestimenta negra, costume naquele tempo. Então outro comentário: “Maria da Conceição, mais conhecida como Maria da Casa de Pedra...”. E nesse momento, a autora dessa pesquisa

acabava de conhecer por meio de uma foto no *Facebook* a figura de sua bisavó materna, pessoa sobre a qual havia ouvido “causos”, mas que jamais havia visto uma única fotografia sequer. Consequentemente, o tal Sr. Pedro de Alcântara, que nomeava a rua, era seu tataravô e esta nem sabia disso.



Figura 1: Família Ferreira Pinto.
Fonte: *Facebook* – Grupo “Ravena e suas memórias”.

Após a descoberta, a pesquisadora mostrou a imagem à sua mãe, que sempre fora avessa às tecnologias. Porém, após ver a imagem da avó, ainda jovem naquele retrato, se sentou e disse: “Vai, mostra mais!”. E isso se deu também em outras ocasiões, com outras fotos postadas. Posteriormente, soube-se que outras pessoas em Ravena tiveram a mesma reação. Alguns indivíduos mais velhos se prontificaram a procurar seus arquivos familiares, solicitaram aos netos que digitalizassem e postassem. Houve um movimento para que aqueles arquivos fossem transpostos para esse novo “álbum”, um álbum maior, onde cabia todo tipo de foto e que muitos podiam acessar e ver.

Aos poucos as pessoas começaram a falar dos personagens das fotos, lembrando-se das festas, do tempo em que Ravena não tinha asfalto, no qual o transporte era feito com animais, no tempo dos tropeiros, das roças, das comidas feitas no fogão à lenha. As memórias de um passado em comum foram sendo remontadas, coletivamente, com *posts* e comentários

feitos em diferentes momentos, que foram se complementando. Aos poucos, é como se uma colagem sobre uma Ravena pouco falada – até então desconhecida dos mais jovens, mas muito saudosa – começasse a surgir no *Facebook*. O interessante é que além desse grupo, há outros agrupamentos na mídia social digital que dão conta de outros aspectos da vida ravenense e todos trazem esse entrelaçamento entre a realidade cotidiana e a vivência virtual, construindo diferentes faces do distrito na virtualidade, e influenciando mutuamente no dia a dia social.

Essa pesquisa nasceu durante a utilização dessa ferramenta de mídia social digital, da curiosidade e da noção da pesquisadora de que a comunicação era a grande engrenagem que estava movimentando tudo isso. O processo de transpor essas memórias para o *Facebook* aponta para uma realidade cada vez mais midiaticizada. Ao disponibilizar esses relatos e registros – que antes ficavam restritos aos encontros face a face – em um ambiente midiático, essa memória é complexificada, pois a mídia não é um mero canal, mas um agente no processo comunicativo, e o contexto atual nos mostra que cada vez mais mídia e sociedade estão interligadas (HJARVARD, 2012).

Então, buscando respostas para algumas das dúvidas, deu-se a proposição desse estudo e a escolha pelo recorte empírico, no caso, o grupo no *site* de rede social *Facebook* chamado “Ravena e suas memórias”, que tem por finalidade o compartilhamento de imagens, textos e arquivos sobre o lugar e sua população, e é constituído por moradores, ex-moradores e pessoas que possuem alguma ligação com o distrito de Ravena, Sabará – Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG.

A escolha do objeto de pesquisa se justifica principalmente pelas singularidades que este apresenta. Trata-se de uma comunidade virtual, referente a uma comunidade territorial que reúne indivíduos que convivem no cotidiano, mas também outros que já não estão mais ali diariamente – e o que os une são as memórias que compartilham daquele lugar. Entende-se também que a comunicação tem papel fundamental nos processos tanto *online* quanto *off-line*, e a pesquisa se inscreve na categoria de estudos preocupados em compreender as novas configurações de sociabilidade, buscando percebê-las no contexto do cotidiano e entendendo a comunicação como processo estruturante da vida em comum e do espaço público.

A curiosidade vem daí. De certa forma, infere-se que há uma Ravena que está tendo sua história recontada virtualmente. Mas também há uma Ravena do cotidiano dessas pessoas, um lugar diferente, que vem crescendo e que recebe os impactos sócio-estruturais consequentes disso. O “Ravena e suas memórias” mostra Ravena como uma comunidade

estabelecida em uma determinada localização geográfica, mas que também está no mundo virtual. E em ambas é possível perceber que há algo em comum sendo compartilhado. Como isso impacta o entendimento do que é aquele lugar para os que ali vivem?

Esses são alguns dos questionamentos que foram surgindo à medida que a ideia foi sendo trabalhada. E para compreender melhor como as interações que se constroem nas intercessões entre o “Ravena e suas memórias” e a Ravena do dia-a-dia deixam-se transparecer, é preciso entender melhor esses sentidos comunitários contemporâneos. É necessário, pois, compreender que as transformações sociais, auxiliadas pelo desenvolvimento de novos meios de comunicação, transformaram profunda e definitivamente essas conformações comunitárias.

De acordo com Bauman (2003), vive-se atualmente a decadência da comunidade, pois nossos laços humanos são frágeis, se desintegram e poucas são as possibilidades de reunir o que foi rompido. O que se toma por esse coletivo social é muito diferente daquilo que de fato foi um dia. A palavra comunidade carrega em si significados e sensações de conforto e segurança que Bauman considera atualmente perdidos. Hoje se vive numa constante tentativa de resgatar esses valores que se esvaíram com o fim da vida comunitária.

Henriques (2014), porém, aponta que a ideia de comunidade como esse modo de vivência e convivência é muito importante, e faz pensar sobre esses modos de sociabilidade e sobre nossas formas de comunicação. Para o autor, mesmo que o que se tinha como ideal de comunidade, sob a forma tradicional, não exista mais, é interessante pensar as razões porque persiste um sentido de “comunitário”. Aliada a essa questão do sentido comunitário aparece uma discussão sobre espaço e lugar. De acordo com a visão do geógrafo humanista Tuan (1983), o lugar é o espaço que ganhou significado por meio da experiência. A convivência dos sujeitos e as relações que se dão em determinado ambiente ressignifica e transforma os sentidos entre o homem e o espaço. E no caso estudado, trata-se, na maioria das vezes, do lugar onde se nasceu e se vive, gerando um sentimento ainda mais forte de pertencimento.

Pensando no papel da comunicação nesse contexto, acredita-se que as interações entre os sujeitos podem dizer muito sobre esses contrastes. Esta pesquisa se enquadra nos estudos que se preocupam em analisar as trocas comunicativas de modo a compreender como o processo comunicativo e os elementos que o compõem deixam entrever particularidades relativas ao contexto no qual esses interlocutores estão inseridos. A proposta é refletir sobre a apropriação dos espaços, tanto o virtual quanto o territorial, entendendo nisso qual o lugar das pessoas.

Ravena é transportada ou reconstruída em um meio virtual, tomando por base a memória. Por isso quer-se investigar que elementos presentes nessas interações, em uma mídia social digital, evidenciam a construção desse comum compartilhado por meio desses fragmentos de memória, e como isso implica a noção que esses indivíduos têm a respeito desse lugar. Sendo assim, nossa pergunta principal é: como o compartilhamento de fragmentos de memória no espaço da mídia social digital implica na reconstrução do entendimento de lugar?

Para chegar às respostas esperadas, escolheu-se uma metodologia que unisse diferentes procedimentos. Primeiramente definiu-se uma análise de conteúdo dividida em duas etapas. Inicialmente se avaliou o conteúdo textual, levantando os principais temas e discussões do grupo e, posteriormente, realizou-se uma análise de fluxos, na qual foram levantados dados da plataforma, como número de curtidas, comentários, os perfis dos interagentes, a temporalidade das postagens, construindo um panorama sobre o grupo específico. Na segunda fase da metodologia foram realizados o envio de um questionário *online* para membros do “Ravena e suas memórias”, e posteriormente, realizadas seis entrevistas em profundidade com membros ativos do grupo.

A proposta da pesquisa é refletir sobre a apropriação dos espaços, tanto o virtual quanto o territorial, entendendo que o lugar das pessoas não é só o espaço físico onde elas vivem, mas vai além, pois essa construção é dotada de significação, concatena vivências e relações que ali se deram. O que inicialmente se sabe é que o próprio fato de existir um grupo com esta proposta aponta para um forte sentimento de alguns indivíduos por Ravena, e a partir da observação, é possível que as interações no “Ravena e suas memórias” demonstrem traços que evidenciam esse entendimento coletivo de lugar. É claro que essa relação é multifacetada e dinâmica, e pode comportar diferentes possibilidades; sendo assim, espera-se com esse trabalho conseguir clarear aspectos que possam evidenciar o que o grupo no *Facebook* acrescenta a esse processo através deste tipo de interações no ambiente digital.

1 COMUNIDADE: “TERRITORIAL” E “VIRTUAL”

Diante do desafio de refletir sobre as relações que se constroem entre a “Ravena” territorial e a “Ravena” virtual, é importante frisar que não é objetivo, aqui, entrar na discussão entre “real” e “virtual”, tampouco superestimar um em detrimento do outro, mas pensar como ambos conformam a mesma complexidade. Neste estudo toma-se como base a ideia de virtualidade como forma de falar do ambiente de compartilhamento de informações por mídias digitais, disponibilizado pela internet, caracterizado por Levy (1996) como sendo desterritorializado, livre de laços de tempo e espaço. O interesse dessa pesquisa é o de compreender as implicações das dinâmicas comunicativas em diferentes ambiências, e como elas podem influir no sentido comunitário e na ressignificação do lugar. Entende-se que é necessário, antes de iniciar a pesquisa propriamente dita, discorrer um pouco sobre o próprio distrito de Ravena, e situar o leitor do contexto dessa comunidade, apresentando o objeto dessa pesquisa. Acredita-se que a realidade atual e a forma como se deu, sobretudo, a formação populacional do distrito implicam em características importantes para a realização deste estudo, uma vez que possibilita uma visualização de questões como o saudosismo, o pertencimento e o amor ao lugar.

Posteriormente, busca-se elencar uma série de conceitos relevantes para a discussão empírica daqui. Para isso, são acionados autores que abordam temáticas que se coadunam com o objeto estudado. Primeiramente, aparece como relevante a ideia de comunidade e as suas novas conformações. Considerando a existência de um elemento comum que faz com que os indivíduos se reconheçam enquanto partícipes de algo, e, no caso, como copartícipes na construção do sentido comum atribuído a um espaço. Além disso, associam-se as noções de espaço, lugar, território e experiência, como pontos fundamentais na compreensão de como se dá a relação entre os sujeitos e o ambiente onde vivem. Tenta-se também trazer uma breve discussão sobre memória, relevando sempre o papel da mesma em processos desencadeados em ambientes dinâmicos como as comunidades virtuais.

1.1 Ravena, Sabará.

Atualmente, o distrito de Ravena vincula-se político-administrativamente ao município de Sabará – Minas Gerais – e está localizado pouco mais de 25 km da capital Belo Horizonte. O local ainda preserva características interioranas, com ambiente mais rural. Não

há dados demográficos oficiais sobre a localidade, uma vez que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não disponibiliza os dados individualizados de distritos, mas somente a totalidade de cada município brasileiro. Procurada, a Prefeitura Municipal de Sabará informou que não realiza esse tipo de estudo sobre o município e as respectivas localidades a ele ligadas¹. Em contato telefônico com um membro do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) de Ravena, soube-se informalmente que não existem estudos relativos à contagem populacional de Ravena, mas a estimativa é de que, na atualidade, algo em torno de 16 mil pessoas residem no distrito.

Também não há dados oficiais sobre a fundação do distrito, mas sabe-se que se deu no século XVIII em função das expedições dos bandeirantes e da exploração de ouro. Ravena, na época denominada Arraial da Lapa, serviria de apoio para a então Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. A mudança de nome ocorre em homenagem ao religioso católico Frei Luís, de Ravenna, na Itália. O capuchinho era o então superior da ermida de Nossa Senhora da Piedade², paróquia vizinha.

Apesar de ainda manter forte tradição agrícola, hoje a maior parte da mão-de-obra deixa o distrito diariamente para atuar em atividades diversas na capital mineira e em outros municípios vizinhos. É grande também a quantidade de jovens que deixam o local para ingressar em cursos de ensino técnico ou superior, visto que a localidade só possui escolas de ensino fundamental e médio.

A principal via de ligação entre Ravena e a capital mineira – e outras localidades – é a Rodovia BR-381. Conhecida por muitos como a “Rodovia da Morte”, devido a seu trajeto tortuoso, repleto de curvas muito acentuadas e, conseqüentemente, pela quantidade de acidentes automobilísticos nela ocorridos. A BR-381 está entre os principais problemas ressaltados pela população ravenense. O distrito está localizado exatamente em um dos trechos mais perigosos da via – entre Belo Horizonte e Caeté. Segundo reportagem publicada pelo Jornal Estado de Minas em 28 de fevereiro de 2016³, somente no período entre os anos de 2009 e 2012, a Polícia Rodoviária Federal registrou 718 acidentes. Muitos moradores do distrito já se acidentaram e outros perderam suas vidas em centenas de colisões,

¹ A pesquisadora entrou em contato via telefone com diferentes secretarias ligadas à administração do município de Sabará, e em todos os órgãos, os responsáveis negaram a existência de qualquer estudo ou banco de dados relativos ao contingente populacional do distrito de Ravena.

² Dados disponíveis em: <<http://paroquiaassuncaoaravena.blogspot.com.br/>>. Acesso em 13 de junho de 2016.

³ PARANAÍBA, Guilherme. Rodovia da Morte chega a ter tráfego até 13 vezes maior do que o limite de segurança. Estado de Minas. Belo Horizonte. 28 de fevereiro de 2016. Acesso em 12 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/28/interna_gerais,738314/rodovia-da-morte-chega-a-ter-trafego-ate-13-vezes-maior-do-que-o-limit.shtml>

atropelamentos e capotamentos ocorridos na rodovia. Além disso, quando há incidentes, o trânsito pára, e torna-se quase impossível sair ou chegar a Ravena, principalmente para aqueles que se utilizam da única linha de ônibus que realiza o transporte metropolitano de passageiros entre a localidade e a capital, a linha 4872 Ravena – Estação São Gabriel.

Uma das maiores reivindicações dos ravenenses é a duplicação da via. Mas, apesar da obra ter sido iniciada em algumas partes da rodovia, no ano de 2015, o trecho no qual Ravena se insere ainda não saiu do papel, visto que no processo de distribuição dos lotes às empreiteiras interessadas na licitação, nenhuma empresa prontificou-se a trabalhar nessa parte da BR-381. Além disso, outras obras viárias ainda em planejamento estariam para ser implantadas, transformando a geografia do distrito, dentre estas o chamado Rodoanel⁴, obra com objetivo de interligar as rodovias do entorno de Belo Horizonte, e retirar o trânsito de veículos pesados do atual Anel Rodoviário.

Mesmo com problemas de mobilidade urbana e outras questões de infraestrutura, a localidade vem apresentando nos últimos anos um aumento de população. O distrito de Ravena está localizado muito próximo à capital mineira e, devido a essa proximidade, vem apresentando um crescimento demográfico considerável⁵. Muitas pessoas são atraídas pelo valor baixo de terrenos ilegalmente loteados, aliado a um ambiente que ainda preserva certa tranquilidade. Porém, o crescimento desordenado vem ocasionando uma série de outros problemas, como a insuficiência do sistema de distribuição de água que gera problemas de desabastecimento. Há também problemas de saneamento básico – não há coleta de esgoto doméstico, o que afeta diretamente os córregos da região – e com a superlotação de serviços básicos como os de saúde e de transporte público. Considere-se ainda o considerável aumento da violência, patente dado o aumento das denúncias de furto e roubo, e um aumento considerável no índice de assassinatos ocorridos na região.

Apesar de todas essas questões, ainda há uma parcela da população que mantém um estilo de vida bem interiorano, ainda preservando fortes as relações construídas muitas vezes por antepassados. A grande parte dos que ainda mantêm esse estilo de vida são pessoas que nasceram na região, ou se mudaram para a localidade há muitos anos e ali possuem família. A

⁴ PARREIRAS, M. Nova pista do Rodoanel muda paisagens da Grande BH. Estado de Minas. Belo Horizonte. 27 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/07/27/interna_gerais,552317/nova-pista-do-rodoanel-muda-paisagens-da-grande-bh.shtml>. Acesso em 12 de junho de 2016.

⁵ De acordo com a pesquisa de Carvalho (2010) o distrito de Ravena/Sabará está crescendo desordenadamente e vêm apresentando “ocupações espaçadas e pouco estruturadas” (2010, p. 100), situação que, segundo a autora, merece maior atenção da administração municipal uma vez que a região do distrito tem grande potencial de desenvolvimento e expansão devido principalmente à proximidade com a capital mineira.

maioria da população nativa do distrito ainda conserva laços fortes de vizinhança e também de parentesco, visto que descende de grandes famílias que chegaram ao distrito há muitos anos, e se estabeleceram na terra e organizaram o espaço da forma como ainda está.

Andando pelo distrito ainda é comum ver homens montados a cavalo, levando suas latas com leite ordenhado há pouco no curral, mercearias que ainda utilizam o sistema de cadernetas escritas à mão e penduram o “fiado”. Crianças descendo de carrinho de rolimã a ladeira do Largo do Rosário, casas com portas e portões abertos, amigas de infância que estudaram nas mesmas salas do antigo Grupo Escolar e cultivam amizade de décadas, vizinhas sentadas em frente às suas casas e falando sobre a vida. De certa forma, ao visitar a localidade, parece que se está em uma temporalidade outra, com um ritmo de vida mais lento, mas que vem aos poucos se transformando.

Mesmo com o crescimento recente, Ravena ainda atrai poucos empreendimentos comerciais e fabris. Além de pequenas lojas e pontos comerciais, a localidade hoje abriga uma fábrica de café de pequeno porte e uma filial da BRF Brasil, gigante do segmento alimentício. Apesar desses dois empreendimentos, poucas pessoas do distrito estão empregadas nessas fábricas e a maioria acaba deixando a localidade diariamente para executar atividades diversas na capital e em outros municípios vizinhos como Sabará ou Caeté. A maioria da mão-de-obra possui baixa qualificação, e diferentes profissões como pedreiros, empregadas, motoristas, marceneiros, vendedores, balconistas, cozinheiras, frentistas etc. Porém, a média de anos de estudo vem mudando recentemente. Isso impulsionado por programas de acesso ao ensino fundamental e médio, como o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Além disso, com a ampliação do acesso ao ensino superior, boa parte da população vem concluindo uma graduação, mas pelas poucas oportunidades de emprego na região, a maioria não retorna com os conhecimentos adquiridos para atividades locais, e prefere optar por buscar emprego em outras cidades.

1.2 Ravena como comunidade

Diante do cenário de formação do distrito, bem como do contexto atual, acredita-se que a vida que ali se constrói carrega importantes elementos da vivência comunitária. Sabe-se, porém, que diferentes significados e modelos podem caber no que é chamado hoje de comunidade. As possibilidades de mobilidade permitem aos sujeitos estarem em trânsito e mudança constante. O desenvolvimento das telecomunicações também contribui para esse

processo, uma vez que possibilita que as relações humanas extrapolem em muito os limites geográficos. Mas, ainda assim, há diversas formas e agrupamentos que recebem a denominação de comunidade.

Por ser bastante ampla, a ideia de comunidade tem sido objeto de estudo nas ciências sociais há muitos anos, e diversos autores já se propuseram a pensar sobre as nuances e dimensões comunitárias. De acordo com Paiva (2003) o conceito de comunidade tem sido alvo de inúmeras revisões e controvérsias, sendo estudado por autores como Weber (2002)⁶, Nisbet (1977)⁷ e Ferdinand Tönnies (1954)⁸. Uma forte oposição entre as ideias de “sociedade” e de “comunidade” – proposta em boa parte dos estudos – redonda sempre na percepção de que o paraíso comunitário fora perdido (PAIVA, 2003).

Nas pesquisas em Comunicação Social que abordam a temática, a controvérsia não é menor, porém, essa questão na maioria das vezes não é o objetivo dos estudos. Boa parte dos trabalhos da área dedicados à ideia de comunidade se encaixa no viés de pesquisas sobre comunicação comunitária e popular (CARVALHAL, 2010; PERUZZO, 2009) focados em formas de contra-hegemonia em movimentos populares. Mas também podem ser encontrados estudos de comunicação organizacional que abordam a comunidade enquanto público que interage com as organizações. Esse é o caso das pesquisas de Oliveira, Lima e Monteiro (2011); Monteiro (2013); Ferreira (2011); Tanure (2010); Barros (2010) e Brito (2009).

Bauman, em seu livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” (2003), fala de uma busca pelo ideal comunitário perdido. Segundo ele, a palavra comunidade remete a segurança e aconchego, sentimentos estes que foram perdidos e que perseguimos na tentativa de reencontrar um lugar onde nos sintamos de fato seguros. Para o autor, se trata de uma busca inútil por um “paraíso perdido”, inalcançável devido às constantes preocupações individualistas impostas pelo mundo contemporâneo (BAUMAN, 2003). No entendimento do autor, uma comunidade se baseia em um sentimento recíproco e vinculante, que vai além de acordos e desacordos e faz com que as pessoas permaneçam unidas, independente das diferenças. As lealdades que ali se estabelecem não resultam de lógicas sociais externas ou relações econômicas de custo-benefício. Por isso o autor define comunidade como um lugar aconchegante, longe da frieza imposta pela sociedade contemporânea:

⁶ Weber (2002) trabalha comunidade como algo que implica uma relação social orientada em um sentido solidário e que seria resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.

⁷ Nisbet (1977) faz um retrospecto sobre o conceito de comunidade ao longo dos séculos, passando pelas influências que o conceito recebe de áreas como a política, filosofia, e história.

⁸ Tönnies (1954) contribuiu para a sociologia com a distinção entre comunidade e sociedade, diferenciando-as como tipos de organização humana.

[...] nenhum agregado de seres humanos é sentido como “comunidade” a menos que seja “bem tecido” de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa. É essa experiência que falta hoje em dia, e sua ausência que é referida como “decadência”, “desaparecimento” ou “eclipse” da comunidade. (BAUMAN, 2003, p. 48).

A visão de Bauman é bastante rica, mas também muito pessimista ao dizer que já não é mais possível resgatar o sentido comunitário. De fato, o resgate da comunidade tal como ela foi um dia se torna impossível pelas transformações que ocorreram no mundo ao longo dos séculos. No entanto, ainda é possível perceber arranjos que se aproximam daquilo que já existiu, e a vida comunitária não se extinguiu de todo, embora, se encontre em mutação, acompanhando a complexidade do mundo contemporâneo. A vida moderna exige que novos elementos sejam incorporados, transformando de maneira progressiva a própria noção de comunidade (HENRIQUES, 2009).

Vive-se, atualmente, uma intensificada midiatização cultural e social, que perpassa todas as instituições socioculturais. Ao entender que a comunicação tem papel fundante e constitutivo na sociabilidade, é fundamental pensar como a mídia implica nesse processo, pois ela possui um papel relevante no mesmo. Na realidade midiatizada, mesmo o que não passa pela mídia sofre influência dela, sendo impactado por suas lógicas. Assim, a midiatização implica que o mundo seja visto de outra maneira, porque tudo passa de certa forma pela lente da mídia, e isto reconfigura os modos de ser das diferentes sociedades. (HJARVARD, 2012 e 2014). Aponta-se, aqui, para o que Sodré (2001) chama de *bios midiático*. Segundo o autor, a no o de *bios* vem de Aristóteles, e trata do âmbito onde se desenrola a existência humana. A midiatiza o na visão de Sodré pode ser apontada como um quarto âmbito existencial, ou como tecnologia da sociabilidade.

Paiva (2003) reconhece que a contemporaneidade nos propõe mudanças importantes. O entendimento de comunidade é um dos aspectos que sofre influência direta dessa nova ambiência midiatizada. Segundo a autora, essas mudanças nos sistemas comunicativos e também de mobilidade alteram as no oes de espaço e tempo, antes características edificantes, principalmente da no o de comunidade:

As medidas que definiam tempo e espaço não são hoje mais determinantes. O aperfeiçoamento dos sistemas, em especial o dos transportes, propicia um deslocamento físico satisfatório, encurtando as distâncias. Também o equipamento relativo [ s] telecomunica oes, aliado à expansão informacional, consolida essa situa o, alterando não apenas espaço, mas também o tempo, além de introduzir a possibilidade de nova e impensada realidade: o virtual. (PAIVA, 2003, p. 44).

O termo comunidade passou, portanto, por uma evolução. Ampliou-se de um sentido quase “ideal” de família, de comunidade rural, passando a integrar um maior conjunto de grupos humanos ao longo do tempo. No entanto, essa noção de comunidade nunca foi unânime; pelo contrário, sempre suscitou diferentes pontos de vista (RECUERO, 2002). E essa não unanimidade permite que o termo se utilize para denominar diferentes conformações, em diferentes espacialidades, como é o caso do objeto deste estudo: um grupo no *Facebook* que também pode ser chamado de comunidade virtual.

1.3 Comunidades virtuais

Um dos primeiros autores a se debruçar sobre o estudo dos agregados sociais que se manifestam através da internet foi Rheingold. Ele observou as primeiras configurações de comunicação entre grupos na rede mundial de computadores, às quais denominou “comunidades virtuais”. O autor foi pioneiro na utilização do termo, e o definiu da seguinte forma: “as comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço.” (RHEINGOLD, 1996, p. 18).

De acordo com Recuero (2002), Rheingold, ao se apropriar da palavra “comunidade”, quebra com o significado sociológico mais clássico do termo, que remete à ideia de um agregado humano baseado em um determinado território. E é daí que surge um dos principais empecilhos para a transposição da ideia de comunidade para o ciberespaço: “um dos grandes problemas (...) para a definição da comunidade virtual, que foi logo apontado por diversos pesquisadores: a ausência de uma base territorial, até então um dos sustentáculos da ideia de comunidade desenvolvida pela sociologia clássica” (RECUERO, 2002, p. 228).

Desde o surgimento dessas comunidades virtuais, muito se tratou a respeito das possibilidades democráticas desses ambientes, mas também sobre o temor de que estas afetassem negativamente as interações sociais, ocasionando um possível abandono da comunicação face a face. Ao longo do tempo, percebeu-se, porém, que essas configurações comunitárias tecnológicas possibilitaram avanços, mas não sem impor novos desafios aos pesquisadores, principalmente no sentido dos impactos dessas para a sociabilidade, inclusive no âmbito *off-line* (MOURA, 2005).

Para Recuero (2006), o conceito de comunidade virtual visa explicar esses agrupamentos no ciberespaço, tentando entender as mudanças de sociabilidade. Essas

mudanças implicam fortemente na própria ideia de uso do termo comunidade, uma vez que há um sentido comunitário emergindo em um ambiente livre de amarras geográficas e temporais como aponta – tal como também evidencia Peruzzo:

Por outras palavras, a configuração de comunidade não precisa restringir-se a demarcações territoriais geográficas, podendo as pessoas estarem cultivando (sic) relacionamentos e compartilhando interesses, identidades etc. também através das ondas eletromagnéticas, do ciberespaço ou rede de computadores. (2002, p. 06).

Mesmo que o elemento territorial não se faça presente, para que haja de fato uma comunidade, pelo menos uma das características desse sentido deve permanecer, e fica claro que há agrupamentos sociais *online* que possuem tipos de vinculação comunitária (PERUZZO, 2002). Para Paiva (2003) o desenvolvimento da mobilidade, aliado às comunicações auxiliam na construção de agregados comunitários com indivíduos espacialmente distantes. Sendo assim, mesmo não dividindo o mesmo espaço, é possível que os indivíduos estejam compartilhando algo maior do que o sentimento relativo ao lugar, algo que pode ser comparado ao que um grupo divide quando vive em uma mesma localidade, um sentimento identitário que os permite estar juntos e configurar um grupo, mesmo que espacialmente distantes.

De acordo com Santaella (2014), é preciso ter em mente que as questões de comunidade tratam primordialmente de processos de confiança entre indivíduos: “Em lugar disso, devemos reconsiderar comunidades como processos de confiança – esta assegurada por meio da negociação mútua, recíproca e múltipla de incertezas e riscos mediados, interpessoais e organizacionais” (SANTAELLA, 2014, p. 80). Deve haver algo sendo compartilhado: um estilo de vida, objetivos, cultura, ou linguagem. A participação em uma comunidade virtual fica condicionada principalmente a uma identificação com aquele grupo. É preciso haver esse “comum compartilhado”, elemento essencial de qualquer configuração comunitária (MARTINO, 2015).

Wellman (1999) é um dos autores que estuda as comunidades virtuais problematizando as relações e os laços como pontos principais para a existência do comunitário. Ele defende que as comunidades nunca deveriam ser estudadas a partir da ligação com o territorial, mas pelo seu elemento humano e seus relacionamentos. Crítico dos estudos que apontam para o fim das conformações comunitárias ideais, Wellman afirma que há uma busca por um passado “pastoral” que na verdade jamais existiu. Segundo ele, o uso humano dessas tecnologias tem possibilitado a criação e sustentação de laços comunitários. E

esses laços, segundo ele, transformam o “*cyberspace*” em “*cyberplaces*”. Nessa visão, as relações humanas construídas em meios virtuais ressignificam o ambiente virtual e criam ali uma ideia de lugar dotado de significação (WELLMAN, 1999 e 2001).

Sobre a questão do ambiente virtual, Recuero (2002) aponta que a noção de *virtual settlement*, pautada nas ideias de Jones (1997), pode se agregar no estudo das comunidades virtuais. O conceito de *virtual settlement* – algo que talvez possamos traduzir como “estabelecimento virtual” – é sustentado na ideia de que há um ciber-lugar que seria caracterizado, segundo o autor, por quatro fatores principais: em primeiro lugar, um nível mínimo de interatividade, em segundo, uma variedade de comunicadores, ou, melhor dizendo, interagentes. Em terceiro, um nível mínimo de adesão, e em quarto lugar, um espaço comum, público, onde uma porção significativa da interação ocorre (JONES, 1997).

Para Recuero (2002), se juntarmos a ideia de comunidade virtual à ideia de *virtual settlement*, é possível perceber que, para que exista uma comunidade virtual é necessário também haver um espaço público, onde se desenvolverão as trocas interativas.

As ideias de Jones trazem alguns pontos que podem ajudar-nos a esclarecer um pouco a ideia de ‘comunidade virtual’. Se agregarmos, como o próprio autor determina, ao conceito de comunidade virtual o de *virtual settlement*, veremos que também existe como condição para a comunidade virtual, a existência de um espaço público, onde a maior parte da interação da comunidade se desenrole. Este espaço por si só não constitui a comunidade, mas a completa. A comunidade precisa, portanto, de uma *base* no ciberespaço: um lugar público onde a maior parte da interação se desenrole. A comunidade virtual possui, deste modo, uma base no ciberespaço, um senso de *lugar*, um *locus* virtual. Este espaço pode ser abstrato, mas é ‘limitado’, seja ele um canal de IRC, um tópico de interesse, uma determinada lista de discussão ou mesmo um determinado MUD. São fronteiras simbólicas, não concretas. (RECUERO, 2002, p. 230).

Essa questão do espaço público é importante para esta pesquisa por se tratar de um tema relativo a uma comunidade. Tanto na comunidade geograficamente localizada quanto nas suas respectivas menções no ambiente virtual há marcas de individualidade e de coletividade que exemplificam bem as tensões entre público e privado, que são inerentes às conformações comunitárias. Aliam-se a isso as questões de visibilidade e de quem faz parte ou não da comunidade. O espaço público de uma comunidade é sempre conflituoso, pois é dinâmico e construído por diferentes indivíduos, seus pontos de vista e interesses.

É preciso compreender que as redes sociais na Internet não se limitam apenas ao ciberespaço, há essa permeabilidade. É possível que a comunicação mediada por um computador seja apenas um dos instrumentos utilizados para manter ou criar novos laços. É importante ter em mente que a comunicação pelas mídias sociais digitais, as relações humanas

e as configurações comunitárias que ali se formam não estão isoladas da realidade e do cotidiano dos interagentes (RECUERO, 2006). Sendo assim, pode-se dizer que a produção de sentido comunitário atravessa as relações entre *online* e *off-line*, pois se dá na intercessão e no contato. Para a autora:

Não se pode reduzir a interação unicamente ao ciberespaço, ou ao meio de interação. A comunicação mediada por computador corresponde a uma forma prática e muito utilizada para estabelecer laços sociais, mas isso não quer dizer necessariamente que tais laços sejam unicamente mantidos no ciberespaço. (RECUERO, 2006, p.135).

Presume-se, então, que comunidades *online* que se referem a agrupamentos comunitários fisicamente estabelecidos demonstram certo espelhamento. Ao observar uma e outra, portanto, percebe-se que são reflexos. Esse é o caso do objeto dessa pesquisa. Os indivíduos que participam virtualmente compartilham algo em comum – nesse caso, a vivência em determinado lugar, as experiências vividas em Ravena e, de certa forma, transpõem esse comum para o ambiente *online*, onde esse elemento é publicizado.

Esse compartilhamento não se dá apenas no ambiente virtual e nem muito menos a partir dele. Sempre esteve presente. Trata-se de uma rede social que não existe apenas no ambiente virtual, mas se baseia fortemente em relações *off-line*. Desse modo, o lugar íntimo “Ravena” e as memórias que dizem sobre ele é esse elemento em comum que, quando compartilhado em uma mídia social digital, perpassa as relações face a face, começa a reverberar de outra forma, e adquire novos significados. Há um transporte da comunidade física para o espaço virtual por meio dos laços comunitários entre os indivíduos – a maioria destes, criados nas relações *off-line* – e que no grupo *online* ganham uma dimensão, por assim dizer, virtualizada.

Assim como a maioria das localidades brasileiras, Ravena vem acompanhando o crescimento e modernização do acesso a serviços de comunicação tais como a telefonia celular ou móvel e a internet. Atualmente, apesar de algumas operadoras ainda não cobrirem a área, outras disponibilizam bons serviços. Além delas também há empresas que oferecem serviço de internet via rádio para as residências e comércios. Essa ampliação do serviço e os novos aparelhos celulares com acesso à rede possibilitaram que mais ravenenses tivessem contato com a internet e, conseqüentemente, pudessem utilizar *sites* de redes sociais. Não há estimativas sobre isso, mas é possível concluir que uma parcela considerável da população do distrito utiliza esse tipo de mídia digital social e aplicativos de comunicação via *smartphone*. E pode-se dizer que boa parte desses ravenenses utilizam as redes sociais e integram grupos,

ou como alguns autores preferem chamar: comunidades virtuais, algumas delas criadas tendo o distrito como tema. O próprio lugar é elemento comum, de identificação.

Vários são os grupos que utilizam “Ravena” em seus nomes como forma de reunir aqueles que têm alguma ligação e vivência naquele espaço. No entanto, nesta pesquisa o que chama atenção é um grupo que tem por objetivo compartilhar no espaço da mídia social digital sentidos que dizem da conformação da comunidade, diretamente ligados ao entendimento do que é Ravena enquanto lugar.

Fica claro que as comunidades virtuais carregam importantes dimensões sobre a vida daqueles que ali interagem e trazem aspectos importantes para serem pensados. É como se houvesse um espelhamento mútuo entre os formatos de comunidade. Ambas são responsáveis por conformar os sujeitos de Ravena, pois há uma afetação recíproca entre a vivência no espaço físico e as vivências virtuais, e tudo conforma a experiência.

Mesmo que o indivíduo não faça parte de uma dessas “realidades”, ou seja, mesmo que não participe do grupo, ou não more em Ravena, ele sabe que as duas existem simultaneamente e só por isso já é afetado. Há uma produção de sentido comunitário que se dá no espaço virtual, mas que afeta de certa forma às relações e a vivência cotidiana dos indivíduos.

Para a realização deste estudo tomou-se como objeto empírico um grupo público no *site* de rede social *Facebook*, nomeado sugestivamente por seus administradores como “Ravena e suas memórias”. A representação de tal grupo *online* foi criada em novembro de 2013, e atualmente conta com 1.292 membros⁹ (Figura 2).

O grupo reúne, basicamente, moradores, ex-moradores e pessoas que ainda tenham alguma ligação, principalmente de parentesco, no distrito de Ravena, Sabará/MG. O escopo do mesmo é o compartilhamento de fotos, vídeos e depoimentos relacionados à história do distrito e de seus moradores e antepassados. O grupo foi criado pela iniciativa de uma moradora do distrito, que adicionou como membros pessoas que faziam parte de sua rede social, que moravam em Ravena ou vinham com frequência ao distrito. Logo, outros membros foram sendo inseridos, incluindo pessoas que possuem poucas ligações na localidade – que tenham um ou dois conhecidos em Ravena.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/545910882166541/>>. Acesso em 21 de janeiro de 2017.



Figura 2: Página e foto de capa do grupo “Ravena e suas memórias”.
Fonte: Facebook.

Logo nos primeiros meses da criação era intenso o fluxo de postagens sendo feitas na página. Muitas pessoas se mobilizaram para compartilhar fotos, e também era grande a quantidade de comentários e curtidas que cada publicação recebia nesse período. Passado algum tempo, houve uma diminuição do conteúdo, mas é constante a chegada de novos membros. Também é importante ressaltar que há alguns membros “fiéis” que estão sempre visitando a página e compartilhando conteúdo, seja fotografias mais recentes com personagens locais ou recompartilhando o material que já foi postado.

Os vínculos que se dão na comunidade extrapolam o espaço virtual, e essas relações perpassam o simbólico e se conectam a vida cotidiana – semelhantemente ao que sugere Peruzzo (2002). Pensando por esse viés, não se deve dizer que há um mundo virtual e um mundo “real”, não há fronteiras que os separem, ambos vivem em simultaneidade e se influenciam mutuamente. Para Turkle (1999), os cidadãos das comunidades virtuais recusam essas fronteiras, o que demonstra muito claramente o quanto estas são permeáveis ao acessarem os dois aspectos ao mesmo tempo.

Sendo assim, mais importante do que pensar o que a tecnologia pode oferecer à sociedade, é pensar os modos como os indivíduos se apropriam destes espaços para diferentes fins. Não há separação entre o virtual e a vivência cotidiana, por isso é tão comum encontrar comunidades virtuais com discussões pautadas por questões do dia a dia de comunidades territorialmente estabelecidas. Há diferentes formas e agrupamentos em diferentes mídias

sociais digitais. Hoje o indivíduo se conecta com pessoas por meio de grupos de *e-mail*, *Facebook*, *LinkedIn*, *WhatsApp*, *Instagram*, e uma infinidade de outros aplicativos que permitem essa constituição comunitária. O nosso caso de estudo ainda levanta outra questão interessante, que é o fato de se tratar de uma comunidade virtual sobre uma comunidade que ainda guarda traços mais tradicionais. É como se o grupo “Ravena e suas memórias” fosse uma reconstrução da comunidade ravenense feita por meio dos registros e relatos nostálgicos dispostos no espaço público da rede social. E esses relatos, essas trocas comunicativas carregam traços relevantes sobre como se dá essa conformação do lugar.

1.4 Comunicação e mídias sociais digitais

Tomando por base o modelo praxiológico da comunicação (cf. QUÉRÉ, 1991 e FRANÇA, 2003), este trabalho entende a comunicação enquanto prática de constituição da vida social numa dimensão organizante. As interações comunicativas podem evidenciar esses elementos do sentido comunitário, possibilitando visualizar a comunidade como forma em construção. Numa perspectiva praxiológica e relacional, os sujeitos são vistos como interlocutores ativos, responsáveis pela construção do mundo e da interação. A linguagem e as interações têm papel fundamental na construção dos próprios sujeitos e do social, pois os sentidos não estão dados, mas são construídos na relação. Assim, pode-se pensar que as interações e as formas simbólicas ali contidas são objetos de análise muito ricos, já que carregam muito do contexto, bem como nos falamos dos sujeitos que se encontram em relação e, assim, atribuem sentidos a um espaço público e circunscrevem um lugar para si.

As trocas comunicativas viabilizam a construção desse espaço público comunitário. Tanto quando falamos de um espaço geográfico ou de um ambiente virtual, entende-se a comunidade sempre como uma construção coletiva, pautada nas experiências dos indivíduos com o lugar e as relações humanas que ali se desenrolam. A proposta de estudo traz, então, um grupo que trata de uma projeção pública de uma Ravena construída coletivamente. Essa comunidade virtual garante condições de publicidade das memórias que aqueles indivíduos carregam sobre o espaço que se transformou em lugar pela vivência íntima. A recuperação dessas memórias é importante, pois conecta os sentidos mais tradicionais e os contemporâneos de comunidade, fazendo surgir outros tensionamentos na estruturação de um espaço público comum, e do distrito como lugar. Acredita-se que essa conformação está

baseada na afetividade entre indivíduo e lugar, e deve haver outros pontos que possam evidenciar os sentidos que são despertados pelo grupo.

O próprio fato de os moradores se unirem, mesmo que virtualmente, para criar um espaço de compartilhamento de memórias, aponta para o contexto em que essas pessoas se encontram. Passado, presente, futuro – virtual e territorial, estão inscritos nessas relações que se constroem na mídia digital. Onde há esse cruzamento das experiências virtuais com o resto da vida configuram-se as melhores possibilidades para o desenvolvimento das comunidades virtuais – pontos onde as pessoas podem estabelecer vínculos que não são transitórios. Para Turkle (1999), uma das características para se pensar o comunitário é justamente essa permanência, pois garante a partilha de uma história, uma memória.

A proposta de Turkle reflete sobre os primeiros formatos interativos, como as listas de discussão. Claramente, a plataforma que abordamos nesse trabalho traz características de usabilidade e interatividade mais avançadas. E essas novas características são extremamente relevantes para pensar o objeto estudado.

Primeiro, é preciso considerar que o objeto aqui estudado é um grupo e não uma página, por exemplo, o que já confere especificidades. De acordo com o próprio site *Facebook* em sua aba “Central de Ajuda”¹⁰, há a definição de página e outra também de grupo. Segundo tal distinção, uma página permite que empresas, organizações, figuras públicas e marcas se aproximem do público que as curte e construam por ali um canal de comunicação. Essas páginas devem ser gerenciadas especificamente por representantes oficiais, não há limites de curtidas e geralmente a página, bem como todas as informações ali postadas, ficam acessíveis a qualquer usuário, aparecendo em seu *feed* de notícias. Já os grupos, de acordo com a definição do *site*, são espaços para pessoas conversarem sobre interesses em comum e podem ser criados por qualquer pessoa. Diferentemente das páginas, os grupos possuem diferentes configurações de privacidade. De acordo com os interesses de seus criadores, pode ser “Privado”, onde só participa quem tem convite ou quem é aceito pelo administrador ou outro membro, “Público” como é o caso do “Ravena e suas memórias”, que fica disponível para qualquer usuário do *site*, ou há também os grupos “Privados ou Secretos”, que não podem ser encontrados pelo mecanismo de busca e tampouco seus conteúdos podem ser acessados por não membros. Além disso, quando alguém publica na *Timeline* dos grupos, os membros recebem uma notificação automática, e qualquer membro pode participar dos

¹⁰ Disponível em < <https://pt-br.facebook.com/help/155275634539412>>. Acesso em 15 de novembro de 2016.

bate-papos, carregar fotos, compartilhar alguns tipos de documentos e convidar outros perfis para participar do grupo.

Além disso, a própria interface do *Facebook* facilita a interação, pois é pensada para gerar o mínimo de dúvida ao usuário, possibilitando a conversação de modo simples, inclusive por meio dos botões “curtir” (que recentemente foram enriquecidos com novas opções que tentam imitar as reações e feições humanas). Há também o uso de figurinhas animadas e os chamados “emojis” ou “emoticons” que são figuras e símbolos criados especificamente para dar um tom mais interativo e dinâmico às conversas. Essas características da plataforma também modificam os modos como se constrói a interação. As conversas e as trocas no ambiente do *Facebook* não são isentas ou tampouco podem ser consideradas idênticas as que ocorrem em interação face a face; pelo contrário, não há neutralidade, a plataforma têm implicações diretas no desenrolar da interação.

Turkle (1999) propõe que em um grupo *online* os interagentes estão ali dispostos a responder, a se comunicar com o outro. O indivíduo escreve algo e imediatamente outro pode retornar àquela ideia, desenvolvê-la, ou remeter a outra coisa. Essa disposição à comunicação e à interação é gratificante, estimula o sentimento de filiação e de construção coletiva. No entanto, é importante deixar claro que a pesquisadora não trabalha a questão do grupo no *site Facebook*, mas sim plataformas *online* antecedentes, mas que possuíam lógicas semelhantes. Aliando essa visão ao conceito de memória coletiva é possível pensar que o contexto atual no qual esse sujeito se encontra promove uma resignificação daquilo que foi lembrado, relegando novos valores às lembranças (HALBWACHS, 2006). A noção de memória coletiva se aproxima da proposta de comunidade, pois é preciso partilhar algo em comum, é preciso se sentir parte do grupo para que essa memória coletiva exista de fato. No caso desse objeto, os indivíduos utilizam uma plataforma moderna de compartilhamento para fortalecer vínculos com o passado da comunidade.

Ademais, a plataforma *Facebook* facilita esse tipo de construção, inscrição e registro das memórias. Essa construção é única e se dá de maneira totalmente diversa de outros tipos de objeto ou mídia. Publicar no *Facebook* é diferente, por exemplo, de colar imagens em um álbum, ou quando um historiador resolve contar sua versão em um livro, ou salvar arquivos em CD. São esforços diferentes e impactos diferentes. Na mídia social digital, especialmente no caso dos grupos, essa construção da memória se dá de modo fragmentado e cumulativo, não há uma ordem ou alinhamento a seguir. Além disso, não se deve esquecer que o *site* possui um algoritmo de funcionamento que organiza de acordo com suas funcionalidades a

ordem e o que aparece ou não para cada indivíduo, e isso também implica nos modos de construção dessa memória. A própria forma como a ferramenta expõe aquele conteúdo para cada usuário atua muito nesse processo de construção da memória e é algo que está diretamente ligado aos laços que esse indivíduo tem na mídia digital, a forma como ele recebe esses conteúdos compartilhados, se ele curte, se comenta; tudo isso influencia nos modos como essa informação irá chegar até ele pela rede social.

As interações que compõem esse resgate histórico são carregadas de sentidos, pois trazem consigo bem mais do que meros registros, mas também muitos relatos e experiências que fazem parte da história individual e exprimem o envolvimento emocional dos interagentes. Cada indivíduo contribui com sua parcela – ou versão daquela história – e, nesse ponto, pode-se aplicar o pensamento de Halbwachs (2006) e problematizar a memória individual, que ali é compartilhada e se refere àquele interagente. No entanto, esta já vem impregnada de significados e da memória compartilhada pelo grupo do qual este indivíduo faz parte. Portanto, a construção dessas memórias carrega consigo algo tanto da individualidade, quanto da coletividade.

Turkle (1999) dispõe ainda sobre alguns aspectos relativos às características do próprio ambiente virtual. Uma das facetas importantes, segundo ela, é o fato de as interações ficarem ali, onde é possível ter a transcrição das interações *online* e rever esses arquivos. A ferramenta digital permite que as narrativas sejam construídas através da interação, possibilitando uma nova forma de narrar. Além disso, essa história construída em conjunto não está escrita em papel. Não se rasga e não se perde com o tempo, o que é bastante significativo. Para a autora, “temos um novo instrumento, um novo objeto para pensar, outra possibilidade de reflexão sobre a memória” (TURKLE, 1999, p. 122).

Serve para o pensamento daqui, também um dos pressupostos que guia a pesquisa de Henriques e Dodebei (2013): o de que a interação via computador, principalmente pela internet, tem mudado o relacionamento das pessoas com a memória. De acordo com estas autoras, de certo modo os processos de lembrar e de relembrar permanecem os mesmos, mas é preciso considerar que as ferramentas que existem atualmente trabalham sobre registros e modificam os tempos da memória (HENRIQUES e DODEBEI, 2013).

2 COMPARTILHAR O LUGAR E AS EXPERIÊNCIAS

No centro da questão sobre comunidade está o entendimento de que esta se estabelece quando os sujeitos compartilham algo em comum. Esse compartilhamento se aproxima daquilo que Rancière denomina como “partilha do sensível”: o “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo, tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, e ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2009, p.15. *Grifos do autor*).

Esse compartilhamento aponta para uma configuração direcionadora. Se implicarmos o objeto, podemos pensar que esse compartilhamento de memórias tem um significado político, uma vez que traz a ideia de quem faz parte ou não de Ravena, mas também aponta para uma definição “do que é Ravena?”. Essa proposição salienta o que Rancière propõe sobre partilha do sensível. Há um comum sendo partilhado entre essas pessoas que define quem está dentro e quem está fora. Mas, vai além. A participação do sujeito, enquanto agente de voz, que compartilha parte de sua biografia para recontar aquela história garante um aspecto particular carregado de significado nesse modo de “construir” o lugar. Quem pode partilhar dessa memória e de fato pertencer e ser ravenense? Essa construção do “lugar” compartilhado é o reflexo da subjetividade e da realidade social daquela comunidade – e isso a diferencia de todas as demais.

Segundo Henriques (2010) “um sentido primordial ao qual recorreremos quando pensamos em comunidade é o de *lugar* no qual as pessoas compartilham alguma coisa” (HENRIQUES, 2010, p. 48. *Grifo do autor*). Para Tuan (1983), as noções de espaço e de lugar são diferentes, e dizem do elemento humano que ali se encontra, pois dependem basicamente das formas de experiência humana. Sendo assim, o processo de significação de um espaço se dá através das experiências que ali se constroem e essa relação faz com que um espaço se transforme em lugar: “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151).

Assim, as experiências cotidianas é que dão uma significação espaço-temporal e a linguagem é o que possibilita fluir a conexão íntima que se estabelece entre pessoa, espaço e tempo. Aquilo que se vivencia gera significado e transforma espaço em lugar. Algumas dessas experiências são profundas e formam o que o autor chama de lugares íntimos: “lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (TUAN, 1983, p. 152). Mais importante do

que o sentido geográfico que possa parecer estar ligado a essa questão, a noção de lugar, de fato, remete aos significados que emergem na relação dos sujeitos com aquele espaço onde constroem momentos de sua história pessoal. Assim, o lugar é esse local onde se projeta o sensível, esse comum compartilhado que diz dos que são partes daquela comunidade.

Bauman também se aproxima dessa proposição ao abordar que alguns lugares ganham significado especial de acordo com a experiência do indivíduo: “talvez os outros lugares, os lugares das outras pessoas, não importem – mas aquele lugar especial, seu próprio lugar, importa” (BAUMAN, 2003, p. 102). Isso reforça a ideia de que o local onde se vive e se desenrolam os acontecimentos do dia a dia tende a se transformar em um lugar íntimo, o espaço onde se projetam as “partilhas do sensível”.

Associando essa ideia à proposta de pesquisa, tende-se a pensar que uma comunidade onde ainda existem laços humanos fortes de parentesco e vizinhança como Ravena – que se insere nessa realidade confluyente e midiaticizada, implicando outras formas de construir e manter relações – desafia as formações anteriores, pois se trata de uma nova conformação. Tanto as relações que se desenrolam face a face, como as que se dão no ambiente virtual, todas contribuem para o elo que os indivíduos têm com aquela localidade. No grupo e no cotidiano, pessoas compartilham o espaço geográfico, mas também outras coisas. Os indivíduos compartilham experiências, entretanto, ao ganhar outros ambientes, como ocorre quando são compartilhadas no grupo *online*, essas experiências ganham caráter público. Principalmente pelo fato de ser um grupo aberto a qualquer pessoa que possua ou venha possuir perfil nesse *site*. Há, então, uma tensão entre público e privado que emerge dessa perspectiva de comunidade, uma vez que se trata de um espaço público, construído por um coletivo de indivíduos, formando assim, diferentes partes e experiências. Essa construção não é simples, pois há questões de interesse público que a perpassam. Há a questão da visibilidade, do quem pode ou não partilhar desse comum, e também os interesses que estão implícitos e explícitos em toda relação humana e que se fazem presentes nas questões de comunidade. Sendo assim, conseqüentemente a comunidade é local onde há conflito, e onde deve haver constante negociação de sentidos.

2.1 O elo entre lugar e experiência

Antes de se dedicar à escrita de “Espaço e lugar”, Tuan se concentrou na escrita de um livro inteiramente dedicado ao que ele chamou de “topofilia”. A palavra é um neologismo

criado para denominar o que ele define como o sentimento de ligação do ser humano com o espaço onde se desenvolve e constrói suas “raízes”. Topofilia é “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 05). A proposta do geógrafo congrega diversos pontos na construção deste sentimento topofílico. Sua pesquisa envolve a narração de modos de vida e formas de enxergar o meio ambiente de diferentes grupos humanos, dentre os quais, o de tribos de aborígenes da Oceania e o de populações urbanas de cidades da China, dos Estados Unidos e do Brasil. A influência da paisagem, dos astros, das formações hidrogeológicas, também da arquitetura e suas formas, engendrados com a cultura e a vida em grupo, segundo ele, transformaram a maneira como o ser humano enxerga o espaço em que vive e o modo como se relaciona com este. O grupo humano afeta a percepção, a atitude e o valor agregado ao meio ambiente (TUAN, 1980).

Para Tuan a cultura influencia diretamente na maneira como o homem lida com o meio ambiente e o modifica. Ela dita inclusive os modos de percepção dos espaços, uma vez que algumas culturas são capazes de instigar o desenvolvimento de certos sentidos nos corpos de seus indivíduos. Do ponto de vista do autor, o sentido humano mais aguçado, principalmente com as características de vida contemporâneas, é a visão: ver para crer – e tudo é pensado para que seja visualmente belo e atraente. Mas, há culturas que se dedicam a sentir o mundo de outros modos, desenvolver o olfato, a audição para sobreviver. Quando há uma busca entre as memórias, percebe-se que a vida nos traz lembranças ligadas a sensações diferentes das que apenas foram visualizadas. É possível se lembrar do som da voz de algum ente querido, do cheiro da comida da mãe ou o sabor do café com bolo da avó. São experiências sensoriais que marcam pela força com que se materializam, mesmo não retornando à mente por meio de *flashbacks* visuais.

Além da cultura como esse grande “filtro” que direciona os modos de ver das sociedades e grupos humanos, o autor também trabalha com a noção de experiência como um ponto importante na construção da afeição ao lugar. A familiaridade, a maneira como se vive e se constrói a vida, isso tudo carrega aquele local de significação que só quem vivencia sabe dizer. “Os sentimentos nutridos para com o ‘lar’ são mais permanentes e fortes, pois é *locus* de reminiscências” (TUAN, 1980). Bougnoux (1999) corrobora essa visão, ao dizer que o ser humano se apega ao ambiente e constrói uma relação forte com as dimensões territoriais. Segundo ele: “o homem é um ser territorial, mais apegado do que se pensa aos valores do lar ou do *em casa* (...)” (BOUGNOUX, 1999, 187). O local onde se vive, onde se tem uma experiência cotidiana, adquire um significado diferente dos demais espaços por onde se passa

ao longo de uma vida. Torna-se uma espécie de santuário onde estão guardadas as lembranças que contam a história daquele indivíduo, sua família ou seu povo. Adquire caráter simbólico, repositório de significados: “os significados emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. As experiências profundas têm muitas vezes um quê sagrado, extraterreno, mesmo quando elas se originam na biologia humana” (TUAN, 1980, p. 166). Pensando no objeto daqui, fica claro que o elo entre ravenenses e o distrito é forte e é possível que no grupo haja manifestações que apontem para esse sentimento topofílico.

Dewey (1980) propõe que a experiência é aquilo que resulta, isto é, a consequência da interação entre um ser e algo do mundo no qual está inserido. O autor estabelece uma reflexão sobre o agir e o sofrer, ou seja, uma dupla dimensão/transformação que se alcança ao fim de uma experiência. Do ponto de vista do autor, quando se finda *uma experiência*, nem o ser, nem o meio, serão os mesmos, pois houve uma transação entre o organismo e o ambiente. Mundo e sujeito interagiram e nenhum dos dois pode dizer que serão como antes. Pensando por esse viés, é possível perceber que não é só o meio e suas características que afetam os modos de experiência do ser humano. Também as sociedades e grupos que constroem suas vidas em determinados locais modificam consideravelmente estes e os transformam de diferentes modos, atribuindo-lhes novas características, interferindo até mesmo nos aspectos naturais, ora derrubando uma árvore para construir uma casa, ou derrubando uma floresta inteira para erguer uma cidade, ambas as ações demonstram que a interação entre ser humano e natureza geram experiências que diferenciarão para sempre ambos os lados.

Quéré (2010) ao estudar a ideia de experiência, conforme trabalhada por Dewey, reforça essa questão de ser um processo que se dá entre organismo e ambiente. “Não se trata, portanto, apenas de interações com condições circundantes, mas de atividades conjuntas, feitas junto e interdependentes; não sendo as atividades do ambiente menos importantes que aquelas do organismo” (QUÉRÉ, 2010, p. 31). Os termos dessa equação têm o mesmo valor e, portanto, a influência é sempre mútua e impactante para os dois pontos. É importante ressaltar, no entanto, que ambiente aqui tem um significado que vai além de natureza ao redor, diz do contexto em que se dá essa interação.

Nos termos de Dewey e Quéré, o sujeito não é o “portador”, mas sim “fator” da experiência, uma vez que a experiência se caracteriza como um processo externo e objetivo. Na visão do francês, esse processo de experiência é apreendido como acontecimento – em seu sentido hermenêutico daquilo que ocorre e, sendo assim, deve-se considerar que o organismo e o ambiente partilham a posição de agente (QUÉRÉ, 2010). Porém, o autor ressalta que o

agente humano possui característica que o difere dos demais objetos e acontecimentos do ambiente, pois é capaz de orientar-se, ao menos em parte, visando determinados fins e, por outro lado o ambiente não tem um papel flexível, mas também impõe barreiras e travas:

Entretanto, o modo de atividade do agente humano permanece muito diferente daquele dos objetos e dos acontecimentos do ambiente, pois esse agente tem a capacidade de orientar, ao menos em parte, o processo e função dos fins, de lhe dar a forma de um movimento ordenado e organizado. Além do mais, o ambiente não é apenas cooperativo: ele é também o que objeta e resiste, o que freia e entrava, o que bloqueia e se opõe, o que suscita tensões e conflitos. É como tal que ele entra como fator na experiência. (QUÉRÉ, 2010, p. 33)

Assim, pode-se pensar que o processo que se dá entre ser humano e o ambiente e as experiências que surgem a partir do encadeamento de interações entre eles geram transformações mútuas e influenciam os modos de ser tanto do organismo quanto do ambiente. Então, percebe-se que a vinculação entre o humano e o espaço se dá por um processo lento, consubstanciado e que justamente por se dar por meio de uma troca de “efeitos”, gera significados fortes, relevantes para ambos e resulta no afeto – moldado como resultado do verbo afetar.

E é essa coletânea de experiências, obtidas na interação entre o indivíduo e o meio que o cerca, pautadas principalmente pela cultura e pelos modos de vida que diz da construção de uma história comum de um povo, grupo ou sociedade em um determinado espaço. Cada grupo, independente de seu tamanho, constrói uma relação íntima com o espaço em que vive e essa relação diz muito tanto do elemento ambiental quanto do humano, pois se deu na intercessão dos dois. Para Paiva (2003) essa questão da territorialidade, da vida comum que é construída por um grupo em determinado local e da história, marcada e construída pelo povo que ali vive, é traço marcante e característica básica das comunidades tradicionais. A ligação do elemento humano com o território e as construções simbólicas que ali se desenvolvem só reforça a questão da comunidade como agrupamento que divide algo em comum, algo que os une em torno de um conjunto de significados compartilhados. A ligação homem-espaço é preciso ser considerada, mas deve-se ter em mente que é necessário redimensioná-la, principalmente devido às novas configurações que os meios de comunicação têm possibilitado. O desenvolvimento tecnológico quebra com as barreiras espaciais, e expõe uma “superfície topológica determinada pelos meios de comunicação” (PAIVA, 2003, 76).

Integrada a esse desenvolvimento tecnológico há a intensificação da influência da mídia em nossa sociedade. A mídia conforma o contexto, não como instituição organizadora, mas como presença forte, notável, que oportuniza maneiras de pensar a cotidianidade e

interfere nos modos de ser dos sujeitos. Vive-se a mediação, processo que alcança todos os âmbitos da vida, conformando uma nova forma de sociabilidade e interação. E essa realidade mediada atinge todos os agrupamentos sociais, com maior ou menor intensidade. (MATTOS e VILLAÇA, 2012).

Para Daniel Bounoux, o ideal é que os estudos comunicativos nunca desintegram ou fragmentem os aspectos simbólicos das questões mais técnicas dos fenômenos: “uma ferramenta técnica é sempre uma relação social, e nossas relações sociais são informadas e mediadas por dispositivos técnicos. A relação pragmática e a relação técnica giram em círculo” (BOUGNOUX, 1999, p. 121). Para Turkle, mais importante do que olhar para a tecnologia e o papel dela nas interações *online* é buscar o aspecto subjetivo ali presente que diz o que o sujeito faz com a tecnologia e não o contrário (TURKLE, 1999).

Sendo assim, em comunicação, nunca se deve tomar a técnica pela técnica, tampouco supervalorizar o aspecto humano em detrimento do outro, é preciso haver um equilíbrio. Deve-se compreender que a realidade hoje é afetada pela forte presença midiática, que modificou a relação humanidade – mundo.

Para Henriques (2010) essas configurações modernas vêm confrontando a construção de um comum partilhado. Os elementos comuns, a noção de experiência que dão significação ao espaço, que transformam em lugar, agregando-lhe uma noção política, dando-lhe o sentido de território. Mas é um desafio pensar essa transformação do espaço em lugar, principalmente, em um contexto mediado. A mediação implica novos sentidos e um contexto diferenciado na conformação da comunidade. Hoje, há novas formas de se experienciar e produzir sentido, e a mídia não é um elemento distante, está na palma das mãos, seus conteúdos acessíveis a qualquer hora e local e isso modifica as maneiras de lidar com a comunidade, pois um reflexo dela está ali, para ser acessado de onde quer que se esteja.

2.2 Comunicação, contexto e vivências online e *off-line*

Atualmente no distrito de Ravena existem grupos nas mídias sociais digitais com propostas diversas, relacionados ao distrito, possibilitando a seus membros interagir sobre questões diversas que envolvem a localidade. Há um grupo que discute os eventos esportivos, outro que fala de festas e comemorações, e há ainda um denominado “Galera de Ravena”¹¹ (Figura 3) – grupo fechado no *Facebook* que conta com 2.138 membros, e aborda temas

¹¹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/204152506368399/> > Acesso em: 25 de dez de 2015.

diversos sobre a comunidade se propondo como um espaço mais aberto para discussões sobre políticas públicas no distrito. Partindo para outra mídia social, podemos citar o grupo “Transporte Público Ravena” criado por iniciativa de um usuário da linha 4872, utilizando o *WhatsApp*; hoje já são nove grupos que reúnem cerca de 800 pessoas naquela plataforma para discutir e fiscalizar a atividade dos ônibus que atendem o distrito diariamente.

Todos esses grupos e páginas auxiliam a conformar o argumento de que o espaço público de uma comunidade não se configura de maneira simples e harmônica; há conflitos e pontos de vista diferentes emergindo constantemente. Os diferentes propósitos de cada um dos grupos demonstram que há diferentes comunidades falando sobre a mesma comunidade. Assim também acontece fora das mídias sociais digitais: uma comunidade conforma diferentes grupos, com interesses diversos. As diferentes propostas de discussão *online* dão publicidade a distintas perspectivas sobre o distrito de Ravena e crê-se que essa discussão no espaço público é extremamente rica para a observação de como se dá essa conformação comunitária nos dias de hoje.

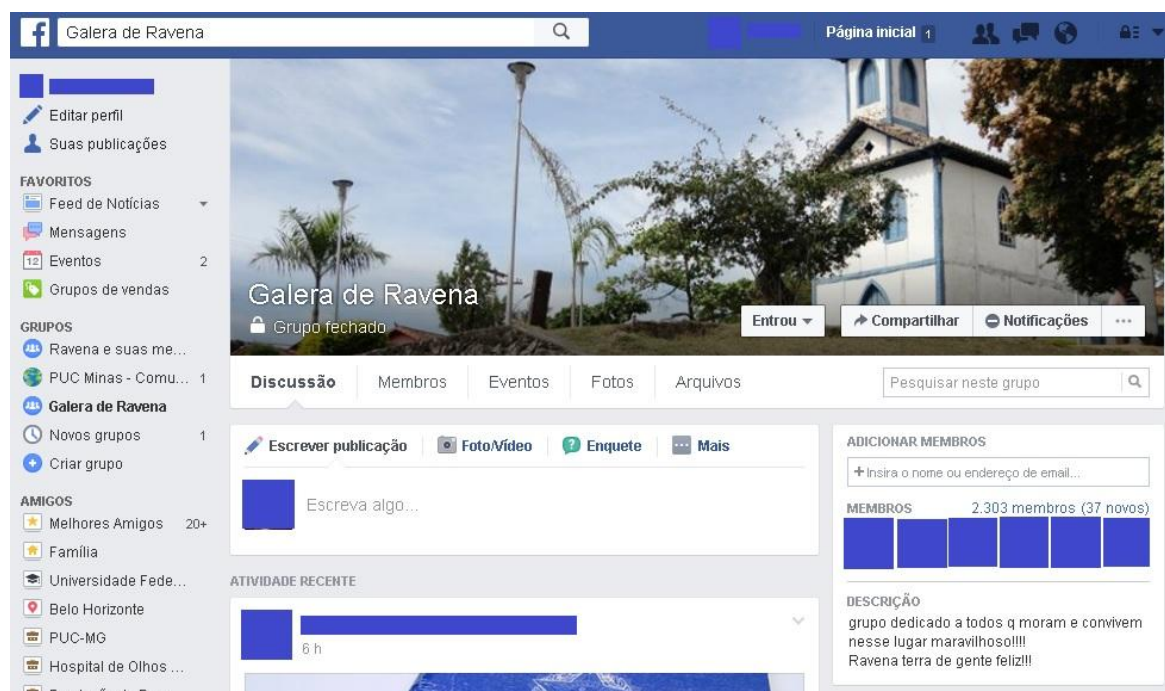


Figura 3: Página de “capa” do grupo “Galera de Ravena”.

Fonte: Facebook.

Assim como os temas que são tratados no grupo do futebol dizem respeito aos interesses daqueles membros, os grupos que abordam temas mais amplos relacionados à comunidade, dizem respeito a todos os ravenenses, como é o caso do “Ravena e suas memórias” e de “Galera de Ravena” – no caso deste segundo, ele recebe uma importância

política ainda maior, pois ali são abordados temas relacionados ao bem-estar social. Nele os moradores problematizam direitos e deveres e cobram políticas públicas dos órgãos competentes.

A facilidade de acesso e utilização desses *sites* e aplicativos para dispor suas ideias, faz com que muitas pessoas prefiram falar no *Facebook* algo que talvez não tivesse coragem ou desejo de expor em uma reunião face-a-face. Claro que uma discussão no *Facebook*, para ser de fato algo produtivo, precisa extrapolar o ambiente virtual para gerar uma mudança efetiva no cotidiano. Contudo, parece claro que somente o ato de falar sobre Ravena já deve ser tido como um ponto positivo.

O “Ravena e suas memórias” surge, então, no contexto de crescimento populacional, expansão da comunidade e também da ampliação do serviço de internet fixa e móvel. No entanto, outras questões contextuais podem ter propiciado o fortalecimento do grupo. Um ponto importante a ser ressaltado é a inexistência de qualquer de museu, memorial ou outro tipo de lugar dedicado a guardar/preservar artigos do passado da comunidade. Alguns poucos objetos com valor histórico estão em poder da Igreja Católica, e são guardados pela Paróquia. Tampouco já houve um trabalho anterior ao grupo de reunir fotografias e relatos sobre o local. O máximo ocorrido foram pesquisas e trabalhos escolares feitos nas Escolas das redes Municipal e Estadual de ensino que estão sediadas no distrito. Os demais arquivos, principalmente imagéticos, são privados e estão em poder das famílias.

2.3 Intercessões entre *online* e *off-line*

Diante da realidade do distrito e da força do grupo virtual, pareceu interessante um estudo que contemplasse essas dinâmicas entre as questões de comunidade, tais quais se apresentam hoje, seja nas chamadas comunidades virtuais ou no cotidiano em suas relações de vizinhança. Fica claro que todas as interações presentes nesses grupos só reforçam a questão da importância do lugar na vida dos indivíduos. Por um lado há o agrupamento humano, com relações que ainda correspondem a esse ideal, por outro há as comunidades virtuais, como o “Ravena e suas memórias”, onde as pessoas se reúnem por livre e espontânea vontade para compartilhar como lidar com questões cotidianas no seu lugar e compreender esse ideal comunitário. O que chama a atenção então é o fato de que ambos os espaços se entrecruzam o tempo todo, visto que tem por tema aquele determinado local. Tudo se refere à Ravena e as duas realidades são responsáveis pela conformação da comunidade ravenense de hoje.

Sabe-se que o uso da internet e das mídias sociais digitais para fins de difusão de memórias coletivas não é exclusividade de Ravena, pois há muitas páginas no mesmo *site* de rede social que visam promover esse compartilhamento de arquivos históricos. Há outras localidades utilizando as ferramentas das mídias sociais digitais para publicar relatos e fotos antigas. No entanto, dois pontos chamam atenção. Primeiro, o fato de ser um grupo, e não uma página, o que implica características diferenciadas de funcionamento no *Facebook* na forma de compartilhamento de conteúdos pelos membros, por exemplo. O segundo ponto é o contexto de formação do grupo e, principalmente, o componente humano que o integra. A maioria da população originária do local descende de poucas famílias, o que faz com que boa parte dos moradores se considere parentes em algum grau. Ainda assim, muitos membros do grupo sequer residem no local. Esse potencial de reunir pessoas geograficamente distantes é importante no caso do grupo estudado, e chama atenção a sua principal funcionalidade que é colocar essas pessoas em interação. Antes de ser um espaço para compartilhamento de memórias, o grupo nessa mídia social é uma ferramenta de sociabilidade que permite que os indivíduos troquem entre si. No “Ravena e suas memórias”, é clara a utilização do espaço para conversar e trocar informações com aqueles que compartilham o mesmo sentimento de ligação com o lugar. A maioria das interações é motivada pelas postagens, e nos comentários há o desenvolvimento de conversas, às vezes, entrecortadas por outra conversa de outros interagentes, mas, ainda sim, evidenciando que aquele é um espaço de trocas.

No entanto, é preciso atentar para o fato de que essas conversas possuem características próprias, influenciadas pela própria plataforma. No caso dos comentários do *Facebook*, as falas se sobrepõem, sem uma ordenação própria, o sujeito comenta, e no caso de um grupo como esse, não sabe se alguém irá respondê-lo ou quem irá fazê-lo. Até dá para marcar alguém nos comentários, mas ainda assim não se sabe se o indivíduo verá a marcação, quando verá, se irá responder imediatamente, se deixará para depois, ou se simplesmente irá ignorar. Além disso, os mais diferentes indivíduos comentam a mesma imagem. Muitas vezes pessoas que nunca sequer trocaram uma palavra pessoalmente. A forma como as conversas acontecem no *Facebook* obedece aos parâmetros daquela plataforma, e muitas vezes o indivíduo no ambiente virtual se comporta de modo distinto de seu modo de vida *off-line*. Nada impede que um sujeito tímido e retraído assumira uma personalidade mais comunicativa na mídia social, e tudo isso demonstra como as relações em ambientes virtuais e a própria manifestação na comunidade virtual pode diferir da que se dá no cotidiano local.

Com uma pequena busca no *site* de rede social *Facebook* é possível encontrar dezenas de grupos e páginas que têm por objetivo reunir moradores e pessoas interessadas em discutir temas relacionados ao espaço onde nasceram e/ou onde vivem. Há comunidades que se referem a bairros, ruas, lugarejos e até grandes cidades como Belo Horizonte. A capital mineira, por exemplo, conta com algumas páginas com proposta semelhante ao grupo aqui estudado. Uma delas chamada “Fotos Antigas de Belo Horizonte”¹² conta com mais de 40.000 curtidas, e outra, “BH de ontem de hoje”¹³, tem mais de cinco mil seguidores e se propõe a comparar por meio de fotos antigas e atuais as mudanças nos espaços urbanos da capital. E isso não é diferente de outras capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e também outras cidades pelo mundo que também possuem esforços nesse sentido.

Para aproximar mais de nosso objeto, foi feita uma breve exploração no *Facebook* buscando grupos que tivessem características semelhantes ao “Ravena e suas memórias”, ou seja, tivessem como escopo principal o compartilhamento de registros históricos e com referencial em localidades com perfil semelhante ao do distrito estudado. Porém, como Ravena hoje possui uma estimativa de população que é maior do que de muitas cidades pequenas (aproximadamente 16 mil habitantes), e como é difícil conhecer a demografia de distritos, pois nem sempre há dados disponíveis, optou-se por fazer essa busca com municípios mineiros com população inferior a 16 mil habitantes. Sendo assim, foram escolhidas aleatoriamente 30 cidades mineiras. Submeteu-se cada um dos nomes à busca simples disponibilizada pelo próprio *Facebook*¹⁴.

Da lista de 30 cidades pesquisadas, foi possível verificar que cinco delas possuem grupos com escopo semelhante ao do objeto de estudo, sendo elas: Abre Campo, Alto Rio Doce, Carbonita, Orizânia e Passa Tempo. Porém, diferentemente do grupo pesquisado, a maioria são grupos fechados, o que impossibilitou um olhar da pesquisadora sobre o tipo de interações que ali ocorrem. No entanto, a cidade de Carbonita parece ter dois grupos com propósitos semelhantes ao grupo aqui estudado: “Moradores de Carbonita”¹⁵ (Figura 4), que não possui descrição e por ser fechado não se pôde avaliar devidamente, e o “Acervo Histórico Carbonita”¹⁶ (Figura 5), este público. Olhando para esse grupo, foi possível ver que

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/FotosAntigasDeBeloHorizonte/>> Acesso em: 26/12/2015.

¹³ Disponível em:< <https://www.facebook.com/BHdeOntemdeHoje/> >Acesso em: 26/12/2015.

¹⁴ A pesquisa foi feita colocando o nome da cidade, acompanhado de – MG na área de busca do site de rede social, e clicando “Pesquisar”. A escolha por essa combinação de palavras se deu pelo fato do grupo estudado ter o nome da localidade em seu título. Então o site retornava com uma série de páginas que contivessem aquele nome relacionado e eram selecionados os grupos e verificados os escopos de cada uma das comunidades.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/254953461243988/?ref=br_rs>. Acesso em 16/06/2016.

¹⁶ Disponível em:< https://www.facebook.com/groups/194338797443044/?ref=br_rs>. Acesso em 16/06/2016.

há muitas semelhanças nas interações e postagens com as do “Ravena e suas memórias”, e assim, conclui-se que a iniciativa dos moradores de Ravena não é propriamente pioneira, mas está em consonância com o que vem sendo feito em outras localidades mineiras.



Figura 4: Imagem de “capa” do grupo “Moradores de Carbonita” no Facebook.
Fonte: Facebook.

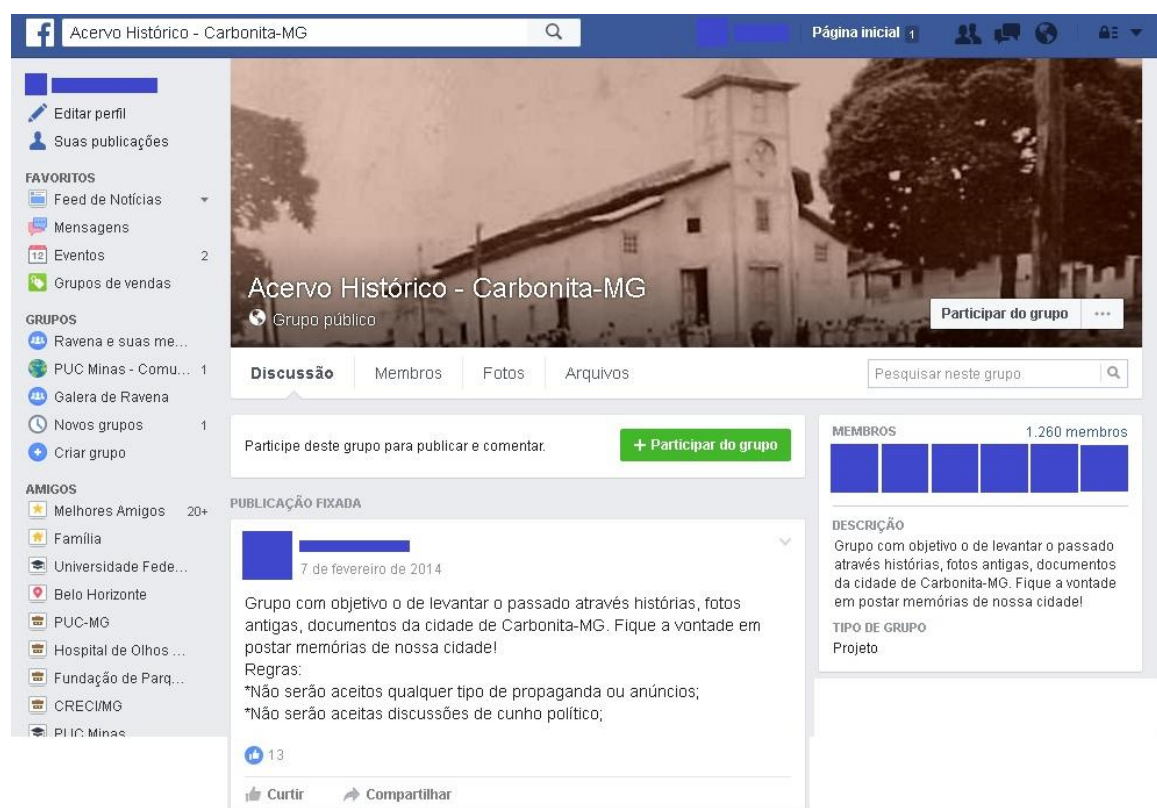


Figura 5: “Capa” do grupo “Acervo Histórico – Carbonita/MG”.
Fonte: Facebook.

Outro aspecto que chama atenção é o fato de essas comunidades, em sua maioria, surgirem da iniciativa de indivíduos comuns que utilizam as mídias sociais digitais em seu cotidiano e enxergam ali a possibilidade de ampliar as interações e compartilhar com a sua rede, ou pelo menos parte dela, memórias afetivas daquele lugar ao qual se sentem pertencentes. Portanto, não são iniciativas sustentadas por viés oficial, não surgem do projeto de um órgão ou organização. Por trás da maioria dessas páginas, há cidadãos, que mesmo leigos no sentido de conhecimento histórico, reconhecem o valor daquela localidade e suas pessoas, por um aspecto legítimo – o traço experiencial que esses carregam.

Henriques e Dodebei (2013) frisam o fato de que é crescente o número de *sites* dedicados ao ato de lembrar, incentivados, principalmente pela facilidade de acesso aos espaços de autoria na rede, que possibilitaram os modos de compartilhamento dessas memórias, sejam elas, textuais ou imagéticas. As autoras chamam a atenção, principalmente, para o *Facebook* e sua *timeline* (ou *linha do tempo*, em português), que é um espaço de registro tanto de momentos do passado, quanto do presente. Nesse aplicativo, criado em 2011, o usuário se torna responsável por alimentar sua linha do tempo com fatos importantes que vão desde o nascimento até as atividades atuais. Muito embora o *Facebook* tenha se transformado em um espaço de compartilhamento de memórias, o intuito sempre foi o de promover interação entre seus usuários. “Ao disponibilizar esta nova versão, o *site* assumiu um papel de aglutinador de registros das memórias das pessoas. No entanto, (...) o objetivo inicial não era o de suportar as memórias das pessoas, mas criar um espaço de socialização” (HENRIQUES e DODEBEI, 2013, p. 268).

Mais recentemente, anexo ao recurso da Linha do tempo, o *Facebook* passou também a alertar os usuários em datas específicas como Páscoa, Natal ou Dia da Independência, convidando a compartilhar o que você está fazendo naquela data, dizer o que há de especial nesse feriado. O *site* também lembra o usuário de felicitar os amigos nas datas de seus aniversários. O lembrete sempre vem acompanhado de um convite para postar algo, uma felicitação, ou seja, ele propõe e instiga a interação. Agora, além de postar o “Feliz Ano Novo”, todos recebem ao final do ano o “seu vídeo do ano” compilação com uma série de postagens que foram feitas no seu perfil, convidando-o a “compartilhar as memórias desse ano que passou”. Ou seja, uma série de ações que estão transformando o espaço da rede social em ferramenta de memória. Porém, não cabe aqui discutir os efeitos que esses usos implicam na construção de uma memória *online* – ou não.

A partir da pesquisa de Henriques e Dodebei (2013), das novas possibilidades aplicadas a essa mídia social digital, e da observação do grupo estudado, que aborda uma memória do passado de um agrupamento humano, parece que no espaço do *Facebook* cabem duas camadas de memória. Uma do passado e outra do presente. As duas estão lá, e são organizadas de acordo com o algoritmo da rede. Ambas são responsáveis pela atualização do sentido que esses indivíduos dão ao lugar, e isso se dá de forma dinâmica, tanto sobre o presente quanto sobre o passado.

Voltando a discussão sobre as comunidades virtuais, é preciso sublinhar que estas não se resumem apenas a falar sobre a memória, também há outros temas sendo discutidos. Há comunidades sobre a vida cultural, a utilização dos espaços, mobilidade urbana, políticas públicas e uma diversidade de outras temáticas de interesse público. A própria comunidade de Ravena, objeto deste estudo, possui outros grupos, conforme dito anteriormente, e estes abrigam discussões sobre outras questões, que vão além do “Ravena e suas memórias”.

2.4 Memória e Internet

Neste trabalho vê-se a necessidade de problematizar a noção de experiência em sua ligação com o elemento espacial, e à ideia de memória. Pois é a partir da memória que os membros de um determinado grupo transmitem suas tradições e histórias para os descendentes. De acordo com Santos (2003), antes do século XX era de se acreditar que memória e sociedade não possuíam nenhum tipo de ligação, os estudos as viam como coisas abertamente distintas. Porém, dois intelectuais foram responsáveis por modificar esse pensamento ao estabelecer, cada um a seu modo, as bases teóricas que nos possibilitaram rejeitar a separação e, a partir daí, entender a memória como uma construção social. O sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles Bartlett contribuíram em tal sentido ao mostrar que a memória faz parte de um processo social, entendendo que os seres humanos não vivem isolados, mas sim em grupos, que interagem entre si a partir de estruturas sociais (SANTOS, 2003).

Bartlett (2003), em seu livro “Remembering: a study in Experimental and Social Psychology”, faz um estudo sobre a memória aos olhos da Psicologia. Sua preocupação principal era compreender os problemas relacionados à recordação e à sua determinação individual e social. Sua proposta envolvia compreender a influência do ambiente externo

sobre a conformação da memória, e entendê-la memória como um processo que participa do entendimento do mundo.

De acordo com Middleton e Brown (2006), Bartlett buscou compreender a assimilação entre a mentalidade individual e a cultura, a correlação entre cognição, afetividade, e simbologia cultural. E dentro desse modelo o psicólogo construiu sua perspectiva de memória. As recordações são vistas como uma interlocução entre passado e presente. Segundo estes autores, Bartlett valorizou a compreensão sobre os modos como os indivíduos transformam as experiências em palavras, e o significado dos símbolos convencionais nas atividades perceptivas. O estudioso estava preocupado em entender os modos como essas versões do passado são transpostas nas falas dos indivíduos.

Bartlett insiste, portanto, na compreensão da recordação em que se releva a maneira como o passado é construído no presente para atender as necessidades de qualquer ação na qual estejamos engajados no momento. Ao invés de conceber o que as pessoas lembram como uma via de acesso ao conteúdo e à estrutura de mentes individuais, ou como tentativas de recontar a experiência original, deveríamos estar preocupados com a maneira como as pessoas constroem versões do passado; suas posições ao fazê-lo; seus usos da própria noção do que é recordar. (MIDDLETON e BROWN, 2006, p. 78).

Para Santos (2003), o autor compreendeu a memória como parcela constituinte das etapas do pensamento. Seu mérito foi elaborar uma teoria da memória a partir de um entendimento da psicossociabilidade. Segundo ele, o que entendemos como percepção é, em parte, rememoração, e constantemente os indivíduos estão atribuindo significado a essas memórias ao mesmo tempo em que as constroem: “A tese é de que a memória faz parte do processo de conhecimento e reconhecimento do mundo e de que este processo se define pela busca de sentido” (SANTOS, 2003, p. 55).

Entende-se então, que a memória é um processo relativo aos modos como os indivíduos reconhecem o mundo. Assim também, na proposta de Bartlett, a memória seria aquilo que o sujeito guarda da realidade externa, após todo um procedimento de seleção e significação desse conteúdo retirado do cenário sociocultural no qual está inserido. Além disso, é importante perceber o modo como os fatos passados são contados, pois não se trata de uma transcrição literal, mas sim a construção de uma nova versão, que pode ou não ser fiel à realidade, dependendo da escolha de cada um.

A proposta de Halbwachs (2006), diferentemente, propõe pensar em uma memória coletiva, que seria resultante das experiências dos indivíduos em uma coletividade. Segundo o autor, o sujeito está inserido em uma série de grupos e esses outros partícipes da relação nos

ajudam a compor o quadro dessas memórias. Pode-se dizer que existem dois tipos de memórias, uma individual e outra exterior, ligada ao grupo no qual o indivíduo se insere. Ou seja, uma seria individual, e diria unicamente sobre aquele sujeito e sua vida, e a outra estaria relacionada a esse sujeito e suas relações em sociedade, o que envolve o espaço, e, especialmente, a cultura (HALBWACHS, 2006). Sendo assim, o grupo social no qual cada indivíduo está inserido participa da formação das memórias deste, isto é, cada um carrega consigo um conjunto de memórias que diz tanto sobre a sociedade em que está inserido quanto sobre si mesmo na posição de membro.

Essa ideia de memória como sendo um fenômeno social é um dos principais méritos da obra de Halbwachs, segundo Santos (2003). A concepção de Halbwachs se aproxima do argumento desse estudo, pois traz essa questão da coletividade implicando na formação do indivíduo enquanto sujeito. Quando se pensa em um grupo social, no caso, uma comunidade, entende-se que os indivíduos que nela vivem carregam certo número de memórias que diz unicamente sobre eles enquanto membros dessa conformação comunitária. Se pensarmos que a memória do indivíduo sofre influência do grupo com quem ele se relaciona, fica implícito que há formas comunicativas acontecendo entre eles e que estas são responsáveis, pelo menos em parte, pela conformação das memórias dessa coletividade.

Devido ao pensamento de ambos os autores – Bartlett e Halbwachs –, é notável a relevância das estruturas coletivas e dos processos interativos para as lembranças individuais (SANTOS, 2003). Essa discussão enriquece o debate aqui proposto, pois, conforme o pensamento desses autores, é possível dizer que a memória, assim como a experiência, se conforma nas trocas interativas e uma tem muito a contribuir com a outra, seja a experiência conformando memórias, ou as memórias auxiliando na conformação de experiências. É sempre uma troca.

Implicando um pouco mais o objeto estudado, é possível pensar que por se tratar de uma comunidade fica claro que os indivíduos que ali estão – ou estiveram – carregam em si fatos narrados ou vividos coletivamente. Ao postarem essas memórias no espaço de uma mídia social digital, outros indivíduos podem intervir e reforçar aquilo que soa como recordação. No entanto, tendo em mente o pensamento de Bartlett (2003), sabe-se que esses relatos são reformulações de fatos e cada indivíduo conta a história de acordo com a perspectiva e os interesses que possuem, incluindo o desejo de ser visto como parte do grupo. No caso estudado, vai-se além, pois diz de um espaço onde essas memórias são publicizadas. Embora possa parecer um ambiente “familiar”, por ser uma comunidade que reúne pessoas

que tenham ligações entre si, ainda assim é um espaço onde aquelas conversas e fragmentos de memória ganham um alcance muito maior. O ato de compartilhar essas lembranças no *Facebook* dá maior visibilidade para esses relatos, e os indivíduos sabem disso e perante essa circunstância trabalham a forma como irão dispor desses relatos. Isso só reforça essa ideia de que as lembranças são multicondicionadas, elas passam por diversos “filtros”, antes de serem compartilhadas.

A memória tem uma forte ligação com o elemento territorial. Halbwachs (2006) relaciona a memória coletiva a um contexto espacial. Segundo ele, cada grupo modifica o espaço à sua maneira, constituindo uma conjuntura própria, relevada pelas características, hábitos, e principalmente a cultura daquela sociedade. Cada detalhe do espaço, segundo o autor, tem um sentido decifrável apenas por aqueles que são membros desse grupo. O local fica marcado pelo grupo, assim como também o grupo é marcado pelo lugar. Mais uma vez retoma-se a ideia de experiência, de vivência no espaço como fonte de ligação e elo, fortificando o sentimento que Tuan (1980) nomeia de topofilia.

Esse compartilhamento de memórias implica um envolvimento e um investimento afetivo no processo. O grupo na mídia social digital possibilita uma atualização da experiência desses indivíduos com o lugar, e está carregado de afetividade e de elementos sensíveis relacionados aos sujeitos que ali estão e suas respectivas experiências de vida. O ato de compartilhar essas memórias no *site* conta muito sobre esse indivíduo, pois o coloca como membro desse grupo, mas também diz da sociedade de hoje. Lidar com essas memórias digitalizadas, em um espaço onde muito se discute também sobre presente e futuro carrega muitos significados.

Estudando a importância dos relatos orais, Shikida e Moura (2007) abordam os processos de construção social da informação e do conhecimento por meio de relatos orais e vão refletir sobre a importância desse processo de narrar os fatos, e o quanto isso é significativo para a conformação de um grupo, pois traz o aspecto memorativo. De acordo com as pesquisadoras, é preciso que se reconheça o papel do sujeito no processo de conformação da mensagem transformada em memória. E esse processo de narrar – ou de contar as histórias – tem forte caráter de engendramento social, pois as subjetividades são centralizadas, e sujeito é ao mesmo tempo criador e criatura das práticas sociais. Além disso, essas narrativas carregam conhecimentos profundos, que estabelecem contatos entre grupos e pequenas comunidades.

Embora o objeto de pesquisa seja um grupo em rede social, onde as interações se dão por relatos imagéticos ou escritos, esse pensamento sobre as narrativas orais auxilia no processo de entendê-lo uma vez que reconhecemos nisso o esforço subjetivo. As biografias compartilhadas no grupo “Ravena e suas memórias” são construídas a partir de relatos e vivências daqueles indivíduos, e elas muitas vezes estão carregadas de sentidos que foram passados de pais para filhos, entre amigos, na convivência diária, na conversa com os avós. E tudo isso intrinsecamente ligado ao lugar, pois sempre se dá em uma determinada ambiência, ou se refere à determinada localidade. É um novo instrumento de difusão dessa história local, mesmo que numa coletânea fragmentada. Assim, embora o foco não seja as narrativas orais, é importante reconhecer que essa, sem dúvida, é uma das fontes dos relatos encontrados no grupo e os sujeitos são o ponto de partida para sua existência. De certo modo, há semelhanças nas interações em mídia social digital e os relatos orais. Muitas vezes as frases postadas carregam marcas comuns do modo como os sujeitos falam. E hoje já é possível dizer que há uma linguagem das mídias sociais, e alguns estudiosos se dedicam a estudá-la. No entanto, é preciso destacar que nos ambientes *online* as trocas tendem a acontecer com uma rapidez muito maior. E no grupo ganham um registro. Esses fragmentos de memória compartilhados no grupo são multicondicionados, fragmentados, podem utilizar símbolos e elementos diferentes, mas ainda assim tendem a serem menos profundos do que as narrativas orais, que na maioria das vezes se perdem por não serem registradas.

O “Ravena e suas memórias” é um espaço de compartilhamento de memórias, mas antes disso, é um ambiente de interação. E essa interação não é com o passado, embora seja esse o escopo do grupo, e os conteúdos que ali estão tratem disso. Não é simplesmente um espaço onde se “cola” fotos antigas e se fala sobre ela, é mais do que uma mera composição narrativa (na forma de um grande mosaico). É antes de tudo um ponto de encontro para aqueles que querem ver e falar sobre aquilo, e são essas conversações as responsáveis pelo reconto dessa história em comum, dando um caráter totalmente diferenciado para a forma como essa memória é contada – um caráter coletivo e fragmentado que muda a forma como as pessoas entram em contato com esse passado.

Outro ponto que precisa ser mais bem explorado sobre o grupo é o fato de as fotografias funcionarem como gatilho para o compartilhamento dessas vivências e lembranças individuais e provocarem a interação entre os membros. É claro que o aspecto visual fala muito alto quando pensamos em nossa sociedade, criada em meio a tantos estímulos desse

gênero, mas essas fotografias carregam em si detalhes que dizem muito desse agrupamento humano específico, e carregam sentidos importantes para os ravenenses ali reunidos.

2.5 Fotografia como gatilho de memória

A fotografia, desde a sua criação, tem encantado o homem. A arte de tornar eterno um determinado momento e fixá-lo em algum suporte tem inspirado a obra de grandes fotógrafos, e gerado controvérsias para muitos que se aventuram a pesquisar os diversos significados que esses instantâneos carregam. Para esta pesquisa, as fotos não só enriquecem o objeto, mas também aparecem como um detalhe instigante, que faz pensar na relação social que se cria entre a imagem, o sujeito e as memórias.

Estudos que tentem relacionar o papel da imagem fotográfica com a memória não são poucos e não cabe aqui construir um estado da arte ou tampouco propor novas direções de pensamento. O que de fato se busca é apontar para a importância que essas fotos têm no processo de rememoração dos ravenenses, e como isso faz com que eles evidenciem, por meio das interações, sua ligação com o lugar. De acordo com Pesavento (2008) as imagens habitam a memória, as lembranças do passado estão na mente e ativam a capacidade humana de criar, transformar e pensar o mundo de forma diferente. O elemento visual tem um valor considerável, principalmente na sociedade atual, onde as imagens, em diferentes formatos invadem a vida cotidiana e são quase que “personagens”. Assim é com a fotografia, ela tem o poder de registrar, mas também de difundir o que é fotografado, garantindo que o objeto, pessoa ou acontecimento tenha um alcance e uma sobrevivência maior. Na visão da pesquisadora francesa Granet-Abisset: “a foto sugere, a foto questiona” (2002, p. 13).

Olhando o objeto desse estudo, percebe-se que as imagens têm um papel importante na conformação do “Ravena e suas memórias”. Elas não são o foco do grupo em si, o que é papel das lembranças (como um todo, que podem ser compartilhadas em qualquer outro formato), mas participam como o elemento principal que leva os membros a falar sobre algo. Para alguns pesquisadores a magia que a fotografia exerce sobre o homem se dá pelo fato de ter ou revelar a aparência de prova. Como se funcionasse como um indício daquele “real” que não existe mais. Talvez seja esse um ponto interessante, visto que se trata de imagens que na maioria das vezes retratam épocas que se foram, mas a foto está ali como um vestígio de que aquilo aconteceu e faz parte daquela história: “a foto é percebida como prova, ao mesmo

tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 2007, p. 25).

Por se tratar de um grupo que busca resgatar essas recordações, as fotografias de fato podem funcionar como esses traços de lembranças, pedaços que ajudam os sujeitos a reconstituir fatos e vivências junto aos determinados personagens, em certos locais, eventos e épocas. Mas esse valor vai além, pois não são apenas retratos do cotidiano que dizem de um tempo e uma sociedade. Essas fotografias carregam um valor maior, ligado à afetividade desses membros, e isso se dá não só pelo fato de retratarem pessoas e um lugar conhecido, mas também por serem objetos guardados como pequenas joias.

Boa parte dessas fotos compartilhadas no “Ravena e suas memórias” são parte de álbuns de família, e conseqüentemente, além do valor histórico de registro, como partes desses acervos pessoais ligados intimamente à vivência do grupo familiar, carregam em si, além dos signos registrados pela lente, significados e sentidos para além do valor material, entrando no campo emocional e afetivo. O próprio Philippe Dubois, ao falar sobre os álbuns de família, aponta para essa dimensão que extrapola as fotografias e ganha um valor:

O álbum de família não cessa de ser um objeto de veneração, cuidado, cultivado, conservado como uma múmia, guardado numa caixinha [...] só se o abre com emoção, numa espécie de cerimonial vagamente religioso, como se tratasse de convocar os espíritos. Com toda certeza, o que confere tamanho valor a esses álbuns não são nem os conteúdos representados neles próprios, [...], mas sua dimensão pragmática, seu estatuto de índice, seu peso irredutível de referência, o fato de se tratar de verdadeiros traços *físicos* de pessoas singulares que estiveram ali e que têm relações particulares com aqueles que olham as fotos (DUBOIS, 2007, p. 80).

É como se guardar esses registros se tornasse uma missão de alto valor, e significasse a permanência desses personagens e suas histórias. Na visão de Pesavento (2008), o fato de reunir fotografias em um álbum faz desses registros uma espécie de coleção articulada em função de um sentido, que se supõe ser o registro de momentos de vida. Para a historiadora, “exibindo momentos variados da existência de uma família, as fotos de um álbum podem ser consideradas como uma herança vinda do passado que se conectam a muitas outras imagens, herdadas e retiradas na memória social de cada um” (PESAVENTO, 2008, p. 21).

No caso desse objeto, seja pela forma como se dá o compartilhamento dessas imagens, ou pela própria característica de formação da população do distrito, ancorada nas raízes familiares, que tanto refletem na conformação do grupo no *Facebook*, é fácil relacionar o “Ravena e suas memórias” a um grande álbum, mas este com características bem peculiares que contrastam fortemente com o seu antecessor físico, que na maioria dos casos sofria com a

ação do tempo e tinha um alcance limitado. Permanece igual ainda o interesse daqueles que possuem a ligação com aquela história que está ali registrada e também o fascínio que esse passado imagético carrega. Mas o álbum na mídia social conta com uma nova temporalidade, outra forma de organização. Lá os registros podem ser acessados por indivíduos em diferentes locais, ao mesmo tempo ou em momentos muito distintos, pois lá permanecem. Mas o mais importante, lá as fotografias são enriquecidas com os relatos, vindos de diferentes sujeitos, em diferentes momentos, com pontos de vista distintos. É uma construção coletiva.

É claro que o contexto atual precisa ser implicado. Hoje, o compartilhamento de imagens se tornou um hábito, impulsionado pelo desenvolvimento da fotografia digital, pelos dispositivos de câmera acoplados em aparelhos celulares, mas, sobretudo, pelas mídias sociais digitais, como o próprio *Facebook* – e, principalmente, o *Instagram*. Mas aqui, o que se sublinha é o papel dessas fotos como um suporte que tem um papel no processo de “guardar” aquilo que ali está retratado, mas principalmente por se transformar em um artefato que carrega significados que vão além do que está na foto.

Quando compartilhadas no “Ravena e suas memórias” essas fotografias recebem um significado de registro, mas também de “reservatório”. A partir de uma imagem, cada sujeito que a vê tem um impacto, e a interpreta à sua maneira. Ou seja, de uma mesma imagem surgem diferentes significados, cada qual relacionado às experiências desse receptor e, conseqüente a isso, desenrolam-se as interações. No grupo, as fotos funcionam como esses gatilhos, pois esses elementos imagéticos despertam os membros para detalhes, lembranças e os impulsionam a compartilhar e trocar com os demais.

3 POR DENTRO DO “RAVENA E SUAS MEMÓRIAS”

3.1 Desenho da Pesquisa

A escolha do objeto empírico, o grupo “Ravena e suas memórias”, deu-se devido a alguns fatores. Em primeiro lugar, por se tratar de um grupo público em rede social que reúne membros ligados de algum modo a uma comunidade geograficamente definida. Parte-se, pois, do entendimento que os interagentes têm alguma relação com o lugar e fortes laços de parentesco entre si, características importantes nas configurações comunitárias tradicionais. Acredita-se que esses traços possam facilitar a visualização do que ainda permanece do sentido comunitário tradicional e evidencie mais claramente as mudanças nesse contexto. Em segundo lugar, o aumento populacional talvez seja um dos fatores que façam com que a população originária do local busque esse reforço identitário por meio das raízes comuns. O terceiro fator é a proximidade da pesquisadora com o distrito estudado, local onde morou e possui família. Essa proximidade auxiliou a realização da pesquisa, uma vez que facilita o entendimento de certas circunstâncias muito específicas daquele local e de sua população, contribuindo para a construção mais completa do contexto sócio-histórico de Ravena.

A escolha deste grupo também foi implicada por dois aspectos práticos; primeiro, pelo aspecto de ser um grupo público, no qual os membros têm entendimento de que as postagens estão disponíveis e visíveis a qualquer usuário do *site* de rede social e, segundo, pelo fato de a pesquisadora ser membro deste desde a data de sua criação, tendo acompanhado a maioria das atualizações e discussões que se desenrolaram praticamente em tempo real.

3.2 *Corpus* da pesquisa

A análise foi pautada nas postagens no grupo do *Facebook* e todos os elementos que as compõem, ou seja, os textos e as imagens publicados, e também as curtidas, compartilhamentos e, principalmente, os comentários. Como se trata de um estudo sobre as interações, todos os elementos que envolvem uma publicação, bem como as falas dos outros atores ali presentes, contribuem para a construção do sentido daquela mensagem e por isso são importantes de serem analisados.

Portanto, os dados básicos para a realização da pesquisa foram: as publicações no grupo “Ravena e suas memórias” (com texto, imagem, curtidas, compartilhamentos e

comentários). Foi feito também um levantamento de dados secundários sobre o distrito de Ravena, informações espaciais e demográficas, publicamente disponíveis em portais de órgãos administrativos como a Prefeitura Municipal de Sabará e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esses dados auxiliaram na contextualização e composição de uma análise sócio-histórica (cf. THOMPSON, 1995) sobre o distrito.

Foi feita uma observação sistemática do grupo no *Facebook*, e foram coletadas 150 postagens. A chegada a esse *corpus* se deu através de uma pré-seleção que levou em conta basicamente o critério do envolvimento dos membros em cada postagem. O recorte temporal é de novembro de 2013 a setembro de 2015. A coleta dessas informações foi feita por captura de tela, de modo que todos os detalhes estivessem presentes (autor, data, imagem, número de curtidas, compartilhamentos, comentários, curtidas nos comentários). Assim, tornou-se possível olhar para todos os elementos que compõem as publicações, garantindo que não houvesse prejuízos para a análise. Porém, é preciso ressaltar que, mesmo sendo um grupo público, não foi feita a identificação dos interlocutores. É importante frisar que todo conteúdo das postagens é de interesse deste estudo, e no caso de haver dados biográficos particulares nos comentários dos interagentes, a pesquisadora avaliou a importância daquele comentário. Uma vez configurada a relevância daquele conteúdo para a pesquisa, a mesma constará no texto do estudo, mas resguardando os autores em anonimato. Por se tratar de um grupo público em uma mídia social digital, crê-se que os participantes compreendem que seus comentários e o conteúdo destes também adquirem caráter público.

3.3 Procedimentos

3.3.1 Primeira fase

Partindo para a análise do material disposto no grupo, e diante das características e especificidades da pesquisa, surgiu a necessidade de propor uma matriz analítica que fizesse esse processo de entrecruzamento de dados e possibilitasse aproximar a questão principal do estudo ao que é compartilhado no espaço do “Ravena e suas memórias”. O esforço, então, foi de criar maneiras para perceber como “os elementos comuns compartilhados” que definem o que é uma comunidade estão presentes nas interações dos sujeitos. Para isso, partindo das leituras feitas para embasar a pesquisa, selecionou-se uma série de conceitos que elencamos

como os operadores analíticos. Tomando alguns dos conceitos trabalhados inicialmente, foi proposta uma matriz analítica pautada nos operadores e as teorias que de base da pesquisa.

Um dos procedimentos adotados para exploração do *corpus* foi uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) buscando os pontos de interesse, no caso, os elementos que poderiam servir para conformar nossa hipótese de trabalho. A pesquisa foi pautada, principalmente, pela busca por itens presentes nas publicações que demonstrassem a existência desse elo afetivo entre os membros do grupo e Ravena, demarcando as principais dimensões que conformam essa ligação entre indivíduo e lugar no caso estudado.

Pensando na perspectiva de Halbwachs (2006), fica claro que os compartilhamentos de histórias no grupo reforçam o sentido de reconfiguração de uma memória coletiva ravenense. E as trocas que ali se dão evidenciam muito de um saudosismo dos participantes com relação ao que a comunidade foi um dia, salientando o que Bauman (2003) chama de uma tentativa de retorno ao ambiente comunitário seguro e aconchegante. No entanto, as interações deixam entrever outros aspectos – além do saudosismo. A análise do conteúdo imagético se ateve apenas à tentativa de apreender sentidos presentes na articulação entre texto e imagem.

Buscaram-se, no conteúdo produzido pelos interlocutores (textual e imagético), aspectos presentes na conformação de um sentido comunitário que reforçassem a relação com o lugar; imagens/falas que remetessem ao saudosismo, à sensação de aconchego e segurança, além de tentar identificar esse compartilhamento de memórias individuais e coletivas. Esses fatores elencados para essa análise foram escolhidos a partir das perspectivas teóricas. A partir das leituras, alguns aspectos estudados pareciam consonantes com as visões que a pesquisadora tinha do material coletado. Sendo assim, a análise de conteúdo inicial foi feita tomando por base a tabela a seguir, criada a partir da especulação teórica e visando perceber se o material apontava elementos que confirmassem ou refutassem as expectativas (Tabela 1):

Tabela 1: Parâmetros para Análise dos Conteúdos das Postagens

POSTAGEM	TEMA	AMOR AO LUGAR	SAUDOSISMO	ACONCHEGO ou SEGURANÇA	MEMÓRIAS INDIVIDUAIS ou COLETIVAS

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada uma das 150 postagens selecionadas para o *corpus* foi organizada e trabalhada neste quadro. Lembrando a intenção de olhar para as interações, todos os elementos das

publicações (texto e imagem, curtidas, compartilhamentos e comentários) eram de interesse para a análise (ver Apêndice A).

Conforme explicado anteriormente, essa tabela foi montada tendo como base as perspectivas teóricas. Observando o conteúdo, foi possível verificar a presença de cada um dos fatores definidos. No entanto, essa aproximação do objeto evidenciou que nem todos esses fatores aparecem com a mesma força e da mesma forma. Pelo contrário, a topofilia, ou seja, esse amor ao lugar, na realidade aparece imbricado nos demais. De acordo com Tuan (1980), as experiências e a cultura são os pontos principais na construção dessa identificação entre homem e espaço. Ambos influenciam-se, e dessa relação o ser humano guarda consigo traços importantes relacionados aquelas vivências em determinado espaço. Esse local passa a carregar significados diferentes, uma familiaridade que influencia os modos como esse indivíduo lida com suas lembranças. A partir disso, deu-se a entender que na realidade, o amor ao lugar não é apenas uma dimensão na conformação do lugar Ravena, mas mais do que isso, é o próprio sustentáculo dessas interações e relações. Diante disso, ficou claro, então, que a pesquisa deveria tomar como relevantes os aspectos que evidenciassem a percepção de como esse sentimento topofílico aparece nas trocas em rede social, e como isso aponta para um entendimento sobre Ravena.

Há muitas falas que declaram esse apego e esse amor ao lugar. A própria participação dos indivíduos na página, compartilhando fotos ou comentando as postagens, demonstra o interesse que têm pela manutenção da memória local e a importância que dão a isso. Quando se observa a riqueza das imagens e das interações, percebe-se que o grupo promove uma valorização de Ravena, principalmente enquanto espaço de convivência, onde se constrói uma vida. Quase não há visões díspares, o que demonstra que embora os sujeitos possam “ver” Ravena com diferentes olhos, pelo menos no grupo eles concordam em retratá-la dessa forma.

Ao verificar a tabela de análise de conteúdo, podem-se perceber duas dimensões que apareceram no material coletado e que poderiam dizer da conformação topofílica neste caso específico. A primeira delas é o saudosismo. A partir do pensamento de Bauman (2003), buscaram-se nas postagens traços de um sentimento nostálgico, evidenciado principalmente nas falas que apontam para um entendimento de que Ravena não é mais a mesma, de que se perdeu um “paraíso”. No material verificaram-se evidências importantes desse sentimento, o que fez com este fosse um ponto destacável na análise.

A outra dimensão que aparece como pertinente não foi apontada inicialmente pelos argumentos teóricos, mas visualizada pela aproximação ao objeto estudado. Buscando

aspectos que retratassem o amor ao lugar, foram apurados detalhes que salientavam um sentimento de pertença ao lugar, ressaltado principalmente em algumas falas como: “nossa Ravena” e “esse é o meu lugar”. Esse aspecto identitário chama atenção, pois está na base dos pensamentos de Tuan (1980), diz muito dessa conformação da topofilia e tem uma forte ligação com a memória. “Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.” (HALBWACHS, 2006, p. 102).

Diante disso, ficou nítido que para compreender de fato como se dá essa reconstrução do lugar nas diferentes ambiências, era preciso evidenciar elementos da expressão da topofilia. No caso estudado, conforme se crê, ela é sustentada por dois pilares principais que são o saudosismo e o pertencimento, elementos que são fundamentais para a produção e partilha de um sentido comum que permite a coesão do grupo de interagentes e mantém uma identificação relativamente estável e duradoura. A partir disso, o objetivo da análise foi de encontrar as evidências desse sentimento de amor ao lugar presentes nos fragmentos de memória, e nos traços de saudosismo e pertencimento afirmados e reafirmados nas postagens.

Finalizada essa primeira análise, submeteu-se, então, esses materiais coletados a um exame minucioso do conteúdo textual e imagético numa análise de fluxos das interações. A intenção era levantar dados ligados ao funcionamento do grupo e da plataforma *online*, e problematizar possíveis implicações que sejam relevantes para compreensão do contexto desse grupo. Além disso, com essa etapa esperou-se encontrar traços das relações de poder (quem fala e como fala; quem organiza e administra o grupo) e como se dão essas trocas (temporalidades, modos de dizer).

Para realizar essa análise de fluxos foi necessário criar categorias próprias. A decisão se deu pelas especificidades do objeto. A plataforma *Facebook* possui características que influenciam diretamente nas interações entre os indivíduos e por isso, foi mais viável construir um quadro de análise que se aproximasse da realidade do grupo e fosse compatível com os objetivos de pesquisa. Sendo assim, como operadores analíticos dessa etapa, foram elencados alguns elementos que podem dizer das características de funcionamento do grupo por meio de detalhes daquelas interações analisadas. Acredita-se que a junção da teoria com a busca por elementos referentes ao funcionamento do *site* de rede social possibilitou apontamentos fidedignos sobre as interações, e que dissessem dessa relação dos indivíduos

com Ravena, dando uma melhor noção de como essa relação se constrói nessa ambiência virtual. Os elementos observados foram:

- Frequência ao grupo: é um dado que pôde ser observado por meio da análise das 150 postagens coletadas. Observou-se se o membro já havia feito outra postagem, ou comentado em outros *posts*. Reconheceu-se que o perfil é uma faceta identitária do indivíduo. Aqui, considerou-se o fato de que “ser visto” é relevante nas mídias sociais (Recuero, 2006). O que definiu se o membro é frequente ou não foi o fato de seu perfil figurar entre os comentários e/ou curtidas de pelo menos dez postagens diferentes. Com esse dado acredita-se ter uma noção sobre a postura desse membro, reconhecendo seu nível de participação, interesse e integração ao grupo.
- Atitude responsiva (imagem ou comentário): as redes sociais não se mantêm por si mesmas, é preciso interação para que essa de fato se sobressaia às meras ligações na plataforma (PRIMO, 2007). Percebe-se, porém, que os modos como conversas são conduzidas *online* se relacionam às características de uso da plataforma. Pelo fato de a maioria dos comentários serem escritos, isso implica em conversas com frases mais curtas, rápidos de serem digitados e lidos. Por isso, esse fator é aqui observado como aspecto da plataforma, pois o que se observa é essa narrativa mais ágil, mas também atemporal, onde as conversas podem ser construídas em momentos diferentes e sem uma linearidade. Considerando esse aspecto, observou-se como é a interação entre os indivíduos em função de cada postagem. Com isso quis-se notar se os comentários foram feitos imediatamente ou em datas posteriores, se houve interesse pelo conteúdo, se a temática se mantém ou se os indivíduos demonstram outras percepções e tocam em outros assuntos a partir da mesma informação. Além disso, atentar para a relevância da imagem naquele relato e a ligação com as biografias.
- Posicionamento dos sujeitos: entende-se que a questão que une indivíduos em uma comunidade em ambiente digital parte principalmente dum elemento identitário. Aqui, partiu-se da ideia de que os membros do “Ravena e suas memórias” têm como principal ponto em comum seu reconhecimento como membro dessa comunidade. Sendo assim, quer-se observar se de fato os sujeitos se colocam como partícipes, compartilhando fragmentos de identificação com Ravena.
- Relação das imagens e comentários: a imagem parece funcionar como gatilho das interações e compartilhamento de memórias, como apontam alguns dos autores (PESAVENTO, 2008 e DUBOIS, 2007). Aqui se investigou como se dão estas trocas:

Os comentários se atêm à descrição, ou vão além do fato ou personagem retratado?
Como se dá esse processo motivado principalmente pela imagem?

3.3.2 Segunda fase

3.3.2.1 Grupos Focais

De modo a enriquecer a análise e aprofundar o entendimento sobre como o sentido de comunidade é percebido pelos ravenenses, foi proposta a realização de dois grupos focais com membros do grupo “Ravena e suas memórias”. A realização de grupos focais é um método bastante utilizado nas pesquisas qualitativas em comunicação social, e a escolha se deu pelo fato de essa técnica permitir a observação de como se dão as trocas argumentativas entre os atores. O principal objetivo dos grupos focais é levantar dimensões relativas a valores e normas de referência para determinado grupo através da observação de interação entre os participantes (COSTA, 2005). O material de análise é recolhido a partir das interações entre os sujeitos a respeito do tema ou assunto debatido (MARQUES e ROCHA, 2006). Para Costa (2005) a realização de grupo focal apresenta mais vantagens do que desvantagens, principalmente pelo fato de que a interação coletiva permite argumentos mais profundos e enriquece as respostas.

A proposta era reunir pessoas de duas faixas etárias diferentes – o primeiro grupo formado por pessoas com idades entre 20 e 39 anos e o segundo com pessoas acima de 40 anos – que moram ou não no distrito, e convidá-las a discutir. Para esse momento da pesquisa optou-se por não fazer um recorte de gênero. O critério de seleção era o envolvimento desses indivíduos no grupo. A expectativa era de que cada grupo durasse cerca de 60 minutos e este contasse com número máximo de dez participantes por rodada. Optou-se por convidar pelo menos quinze pessoas para cada sessão. A validação de cada grupo focal seria feita se houvesse mínimo de cinco participantes. Caso não fosse atingido esse quórum, a reunião seria desconsiderada e nenhum dado seria utilizado na pesquisa.

Com a realização dos grupos focais esperava-se conseguir dados que corroborassem ou que pudessem se confrontar com as análises do conteúdo disposto no grupo da rede social, enriquecendo os aspectos que demonstram a relação dos indivíduos entre si, bem como com o próprio distrito de Ravena, verificando possíveis questões emergentes e possíveis pontos de confluências entre as opiniões faladas e as compartilhadas em mídia social digital, assim como também prováveis contradições que pudessem surgir na discussão presencial.

Acertados os detalhes, definiu-se que as reuniões aconteceriam no sábado, dia 07 de maio de 2016. O convite para participar do grupo focal foi feito por meio de mensagem privada enviada pela pesquisadora por meio de seu perfil pessoal, no *site* da própria rede social *Facebook*. A escolha por esse modo de convite se deveu ao fato de o *site* ser o principal canal de comunicação que a mesma teria com a maioria dos participantes do grupo “Ravena e suas memórias”. Aproximada a data para a realização do mesmo, os indivíduos selecionados receberam o convite disposto ao final deste volume (ver Apêndice B), no dia 22 de abril de 2016. Após isso, cerca de 15 pessoas deram algum tipo de retorno e algumas informaram mesmo a impossibilidade de comparecer; as demais não responderam ao contato. No dia 03 de maio, um novo contato, solicitando a confirmação de presença na reunião. Houve um baixo retorno. Apenas cinco pessoas confirmaram que estariam presentes no sábado. Feito isso, chegando o dia da reunião, apenas dois dos participantes compareceram de fato. Dando-se a presença desses dois convidados, optou-se por realizar com eles então uma entrevista individual, que será explicada no tópico seguinte.

3.3.2.2 Entrevistas

Para dar sequência à pesquisa – e diante da impossibilidade de realização dos grupos focais – definiu-se como meta realizar um mínimo de seis entrevistas em profundidade com alguns membros do grupo “Ravena e suas memórias”. Considerou-se que o método poderia auxiliar no levantamento de dados que seriam somados ou contrapostos com alguns dos pontos levantados pelas demais análises. Sendo assim, por segurança, optou-se pela seleção de oito membros do grupo, dos quais foram escolhidos seis para realizar essas entrevistas.

A preocupação não era definir padrões de pensamento, que pudessem se relacionar ao perfil dos entrevistados, e por isso, a escolha dos entrevistados não obedeceu a critérios rigorosos que separassem os indivíduos por gênero, idade, ou qualquer característica (a única regra observada desde o princípio era de que o participante fosse maior de 18 anos). Porém, mesmo estando bastante abertos, fez-se questão de colher dados com pessoas de ambos os sexos, e também de diferentes faixas etárias. O convite para as entrevistas foi feito de modo semelhante ao do grupo focal, por mensagem pessoal via *Facebook*.

A seleção dos indivíduos que responderiam à pesquisa se deu por meio do conhecimento da atuação desses no grupo por parte da pesquisadora. Assim, optou-se por convidar aqueles indivíduos que têm uma participação mais ativa, desde o início da criação do

mesmo. A partir desse critério, acredita-se que foi possível ouvir pessoas que de fato tem um interesse e conhecimento do funcionamento do grupo, o que rendeu respostas mais consistentes para a análise posterior. Quanto aos questionamentos feitos, partiu-se de uma linha de raciocínio que confluísse com as preocupações desse estudo. E, assim, seguiu-se um roteiro de entrevista semiestruturada (ver Apêndice C).

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, presencialmente. A pesquisadora esteve com cinco dos entrevistados. Apenas uma entrevista precisou ser realizada por *e-mail*, visto que foi o formato escolhido pelo próprio interlocutor. Antes de iniciar cada entrevista, a pesquisadora entregou, fez a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice D), e solicitou a assinatura do mesmo. Além disso, questionou ao participante a possibilidade de efetuar a gravação da conversa (a gravação serviu de apoio e, nesse estudo, optou-se pela não transcrição completa da entrevista no corpo do trabalho, mas o uso apenas de trechos, pois o material completo possui muitos detalhes subjetivos, que poderiam facilitar a identificação do entrevistado). Conforme especificado no Termo, nenhum dos respondentes será identificado em qualquer parte da pesquisa. Sendo assim, quando for citada alguma fala, a identificação do Entrevistado será feita por meio das letras A, B, C, D, E, e F, e cada um dos trechos de fala citado será referenciado com a letra correspondente àquele indivíduo.

3.3.2.3 Questionário

Para enriquecer os dados obtidos, e também embasá-los quantitativamente, foi feito o envio de 75 questionários *online* a membros do grupo “Ravena e suas memórias”, escolhidos aleatoriamente. O envio de pedido de resposta foi feito via mensagem também pelo *Facebook*. Além disso, antes das entrevistas em profundidade solicitou-se aos participantes que respondessem o breve questionário (ver Apêndice E). As perguntas resultaram em um perfil dos participantes e uma perspectiva aproximada sobre o uso que fazem do *Facebook*. Sendo assim, responderam ao questionário indivíduos de ambos os sexos, a partir de 18 anos. A amostra obtida foi de 30 pessoas.

Acredita-se que as falas dos atores envolvidos no grupo “Ravena e suas memórias”, tanto nas interações virtuais, quanto nos grupos focais e entrevistas, trazem uma perspectiva significativa e confiável da realidade da comunidade, e dão respaldo para uma compreensão melhor de como esses sujeitos constroem esse sentimento de pertencimento ao local.

Conforme explicado acima, para conhecer um pouco mais sobre os membros do grupo “Ravena e suas memórias” e ter alguns dados sobre como é a utilização da mídia social por estes indivíduos, foi criado um questionário que reunia perguntas diversas. A intenção era obter respostas que ajudassem a compor a análise e enriquecessem a pesquisa com outros dados. O questionário foi criado utilizando a plataforma Google Docs, e enviado para alguns membros do grupo “Ravena e suas memórias” por meio de mensagem privada da pesquisadora para cada um. Inicialmente não se definiu um número mínimo ou máximo de questionários a serem enviados, mas parecia importante conseguir o maior número de respostas possível. Também não foi feito um recorte etário ou de gênero, selecionando os prováveis respondentes (a pesquisadora selecionou apenas maiores de 18 anos), portanto, a amostragem é aleatória. Sendo assim, no mês de maio de 2016 a pesquisadora enviou o pedido de resposta ao questionário para 75 membros do grupo. No cabeçalho do questionário havia todas as informações sobre a pesquisa, bem como os objetivos e a garantia de não identificação dos entrevistados (conforme é possível ver no apêndice E).

Trinta pessoas aceitaram responder ao questionário e a partir de agora vamos dispor alguns dos dados obtidos, tentando relacioná-los com os achados das análises anteriores (conteúdo e conversação), e também com o arcabouço teórico que sustenta essa investigação. No entanto, é importante frisar que de forma alguma se considera esse número uma amostra do grupo, até porque não foi feito nenhum cálculo nesse sentido. O questionário serve de apoio, mas é preciso reconhecer que não é possível fazer generalizações, visto que o grupo atualmente possui quase 1.300 membros. No entanto, considera-se relevante cada uma das respostas, pois tratam de dados passados por alguns dos próprios membros interessados do “Ravena e suas memórias”.

3.4 “Ravena e suas memórias” e seus membros

As perguntas feitas no questionário estão relacionadas ora a aspectos subjetivos, ora ao grupo “Ravena e suas memórias”. Desejou-se ter uma noção da idade e também do gênero dessa parcela de membros. Com relação à faixa etária, o retorno foi bastante equilibrado, sendo a menor faixa de respondentes acima dos 40 anos de idade (13,3%), uma parcela maior com idade entre os 25 e 29 anos (36,7%). Detalhe para o número expressivo de respondentes com idade entre 18 e 24 anos (30%), demonstrando que há um interesse considerável das

peessoas mais jovens pelo grupo, o que é pertinente ressaltar, visto que há um interesse dessa juventude pelos temas passados da comunidade. (Figura 6) ¹⁷.

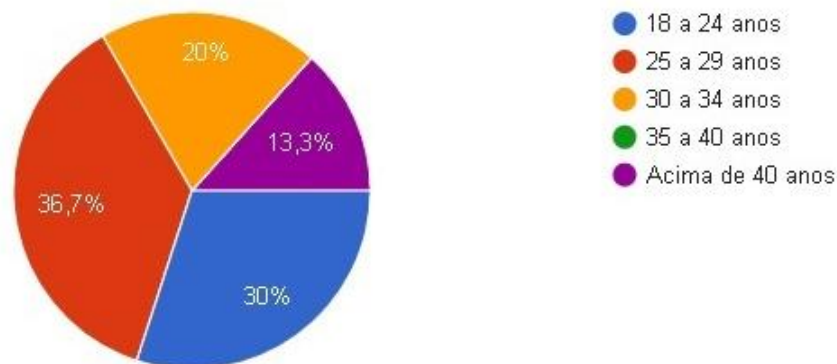


Figura 6: Gráfico - Faixa etária dos membros do “Ravena e suas memórias”.
Fonte: Dados conforme respostas ao questionário aplicado pela autora.

No tópico 02, foi pedido que os indivíduos se definissem quanto aos sexos masculino e feminino. Dos trinta respondentes, a maioria se declarou do sexo feminino (63, 3%) e os demais do sexo masculino (36,7%). Na questão seguinte, perguntou-se como o indivíduo definia sua relação com o distrito de Ravena, conforme é possível ver (Figura 7).

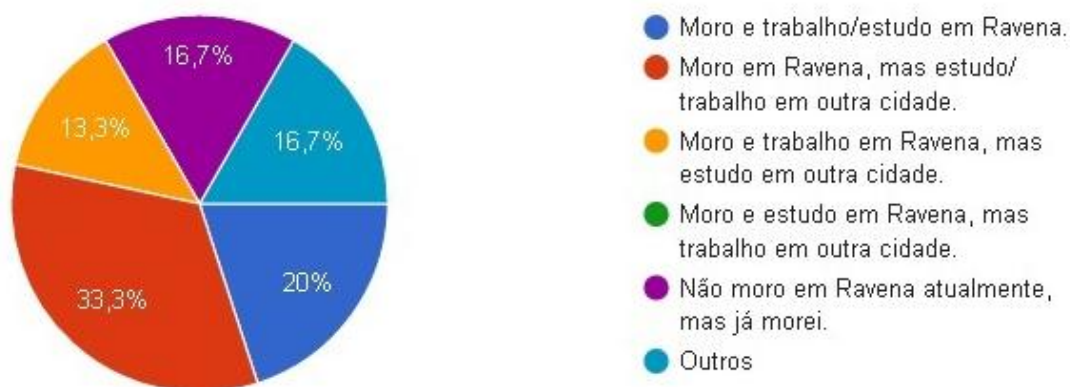


Figura 7: Relação do membro do grupo com o distrito (moradia, trabalho e estudo).
Fonte: Dados obtidos com o questionário aplicado pela autora.

¹⁷ Todos os gráficos foram gerados automaticamente pela própria ferramenta online de Formulários da plataforma do Google Docs, a partir das respostas dadas pelos membros do grupo. Questionário disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1jOz8xjyDgf9-TjUs21o8GZe-qHwW1yJvfC0A21ExyiA>

Fica visível certo equilíbrio das respostas. Interpretando os dados, fica claro que a grande maioria dos que responderam ao questionário mora no distrito, mas boa parte deles precisa se deslocar, para estudar e/ou trabalhar, e, portanto, passa boa parte de seu dia longe de Ravena, tendo o local praticamente como dormitório. Ainda foi possível ver que 16,7% dos respondentes declararam não morar em Ravena, e outros 16,7% responderam a opção Outros, o que aponta que alguns dos membros do grupo podem nunca ter morado em Ravena, mas mesmo assim participam e se sentem ligados ao local.

Sabendo que alguns dos respondentes diriam que não residem em Ravena, foi pedido que estes dissessem a frequência com a qual vão ao distrito (Figura 9). A grande maioria respondeu que vai sempre a Ravena (71,4%), e os demais se dividiram igualmente (14,3%) em idas frequentes ou raras. Isso aponta para o fato de que boa parte daqueles que não residem no distrito ainda mantêm o hábito de frequentá-lo, confirmando a hipótese de que estes moradores ainda têm laços fortes com a localidade, muito embora não vivam ali diariamente.

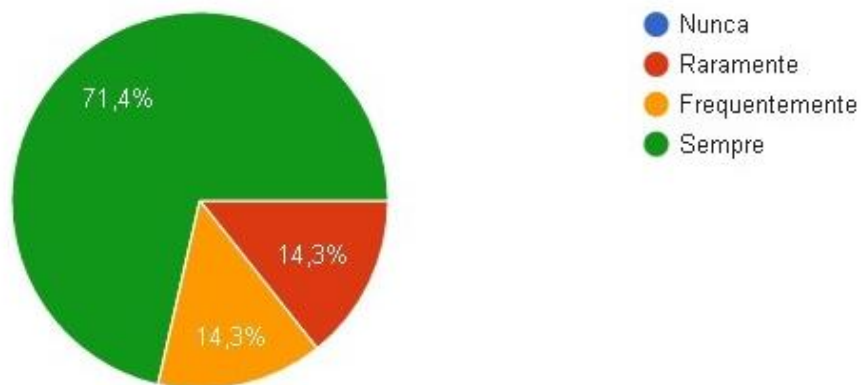


Figura 8: Frequência de idas ou visitas dos membros do grupo ao distrito de Ravena.

Fonte: Dados obtidos como o questionário da autora.

A quinta questão é sobre a utilização do *Facebook*. Perguntou-se há quanto tempo o indivíduo tinha um perfil no *site* de rede social. A grande maioria respondeu possuir um perfil há mais três anos (83,3%). Dez por cento disse utilizar a mídia social há mais de dois anos e os demais em torno de um ano de uso do *site*. Quando questionados sobre a utilidade do *Facebook*, a maioria disse usar a mídia social para interagir e encontrar amigos (53,3%).

Outros (23,3%) citaram a diversão/entretenimento como principal funcionalidade e 13,3% disseram buscar Informação no Facebook. Apenas 6,7% respondeu que queria encontrar parentes e 3,3% disse utilizar para fins de estudo ou trabalho.

A sétima pergunta foi sobre a frequência de uso da plataforma e metade dos respondentes (50%) declarou utilizar o Facebook várias vezes ao dia. Da outra metade, 40% disse acessar ao menos uma vez ao dia, 6,7% de três a cinco vezes na semana e 3,3% duas vezes na semana (Figura 9). Podemos relacionar esses dados do questionário, ao fato de a maioria dos membros ter idades entre 18 e 35 anos, parcela etária mais ativa nas mídias sociais (Pergunta 1) estando no *Facebook* há mais tempo e passando uma parte maior de seu tempo nesse tipo de *site*. Além disso, fica nítido o caráter sócio-interativo da plataforma, principal interesse dos membros na mídia social digital.

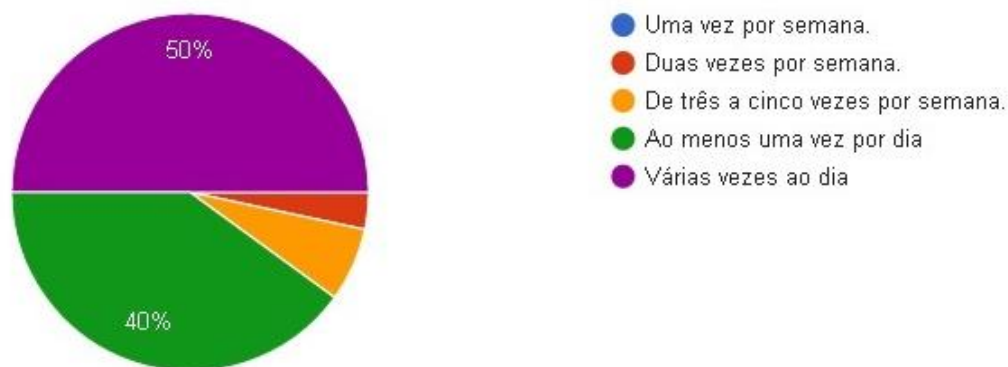


Figura 9: Gráfico referente à quantidade de acessos dos membros do grupo ao site do Facebook.

Fonte: Dados obtidos com o questionário aplicado pela autora.

A pergunta seguinte referia-se sobre o tempo de participação no “Ravena e suas memórias”. Dos trinta respondentes, 60%, disse participar desde a criação do grupo, em 2013. Outros 30% disseram não se lembrar de quando se tornaram membros (Figura 10). Esse dado é relevante, pois confirma uma observação da pesquisadora. Quando o grupo surgiu houve um grande interesse pelo mesmo, e boa parte das pessoas que tinham sua rede ligada à outros ravenenses soube da iniciativa e logo foi adicionada ao mesmo, ou solicitou acesso para poder ter acesso aos conteúdos ali disponibilizados.

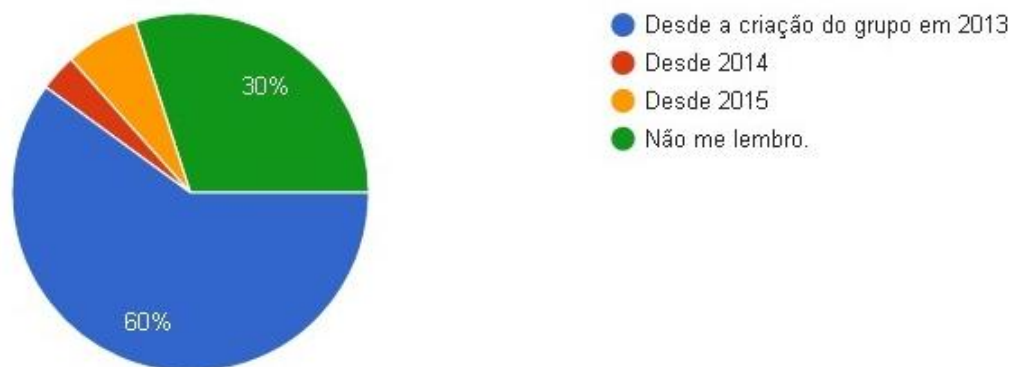


Figura 10: Tempo de participação no grupo “Ravena e suas memórias”.

Fonte: Dados obtidos com o questionário aplicado pela autora.

Logo depois foi perguntado ao membro se ele já havia publicado algo na página do grupo. Nessa questão, 40% disseram que sim, e outros 40% dos respondentes disseram que ainda não haviam publicado conteúdos no “Ravena e suas memórias”. Os outros 20% restantes, porém, disseram também não publicar, mas afirmam que estão presentes em algumas das imagens que foram postadas por terceiros. A décima questão (Figura 11) era sobre o hábito de curtir e/ou comentar nas postagens que eram feitas no grupo. Dos trinta, 66,7% declararam que sim, comentam e/ou curtem as postagens com frequência, os outros 33,3% disseram que não. Essas duas questões apontam dados interessantes, pois, mesmo que o número de pessoas que compartilham publicações na página seja menor que os que não publicam, na questão seguinte fica claro que a maioria dos membros gosta de participar de alguma forma, visto que uma boa parcela dos membros do grupo tem o hábito de marcar sua presença, seja apenas comentando ou curtindo.

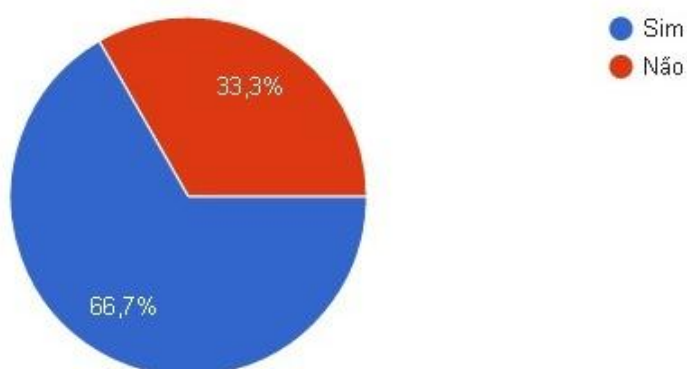


Figura 11: Hábitos de utilização do grupo (curtidas e comentários em postagens).

Fonte: Questionário aplicado pela autora.

A última pergunta pedia para os membros do “Ravena e suas memórias” escolherem todas as atividades que mais gostavam (era válida a escolha de mais de uma opção). O resultado aparece nesse gráfico. (Figura 12):

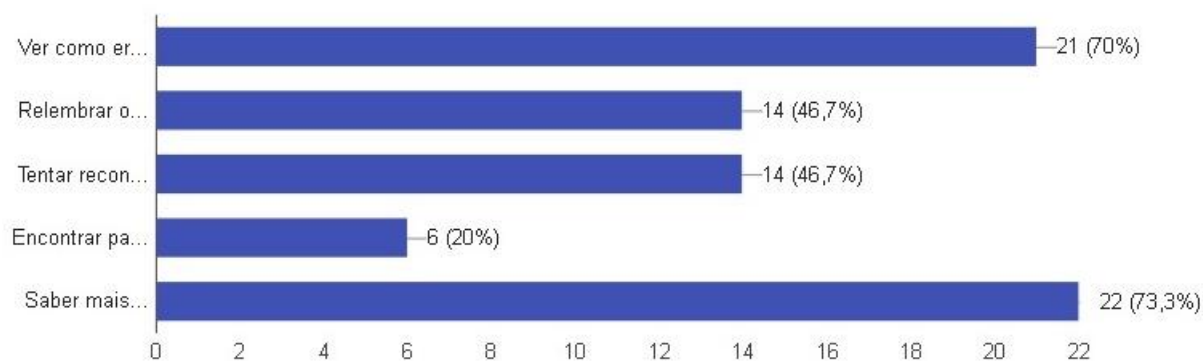


Figura 12: O que o membro mais gosta no grupo.
Fonte: Questionário aplicado pela autora.

A opção mais considerada foi “Saber mais sobre a história e cultura de Ravena”, escolhida por 73,3%, logo em seguida os membros escolheram “Ver como era Ravena antigamente”. “Relembrar o passado” e “Tentar reconhecer as pessoas das fotos” empataram com 46,7% das escolhas. “Encontrar parentes que não conhecia” foi citado por 20% dos respondentes. Esse resultado chama atenção para a importância que os membros do grupo dão a esse passado da comunidade, e tendo em mente que esse questionário foi respondido em sua maioria por pessoas com idade inferior a 40 anos, podemos dizer que de certa forma a juventude que integra esse agrupamento compartilha certa preocupação com as questões culturais e históricas do distrito e estão cientes da necessidade de manutenção disso.

Esse desejo por saber como era a comunidade, já nos dá indícios de uma busca por um reconhecimento nessa história que está sendo contada. Além disso, os atos de relembrar e de tentar reconhecer as pessoas das fotos podem ser diretamente relacionados à ideia de saudosismo e também de pertencimento, visto que os membros utilizam o grupo como instrumento para reviver as memórias do lugar e também das pessoas, reforçando sua identificação com o espaço e os entes com os quais dividiram experiências.

Para finalizar o questionário, pediu-se a cada um dos respondentes que dissesse com as próprias palavras qual era a finalidade do grupo “Ravena e suas memórias”. De certa forma,

embora cada resposta tenha suas particularidades, houve certo consenso relacionado à função do grupo enquanto equipamento de compartilhamento e manutenção da memória e cultura de Ravena. Outro aspecto bastante citado foi o fato do grupo possibilitar a interação entre os membros e, conseqüentemente, a troca de informações. Alguns respondentes disseram também que o grupo é muito importante, pois ajuda a “matar a saudade” dos momentos e também das pessoas que já se foram. Essa fala expressa claramente a ideia de que muito já se perdeu.

Traçando um perfil geral do grupo, pode-se dizer que a maior parte dos interagentes são mulheres e boa parte dos respondentes são adultos jovens. Grande parte dessas pessoas precisa se deslocar de Ravena para outros municípios (33,3%), ou e uma parcela considerável (16,7%) não moram no distrito, e mesmo assim participam do grupo. Esse dado aponta para uma forma de vida bem diferente das dos antepassados. Pelas respostas fica claro que a falta de oportunidades de emprego e estudo fazem com que boa parte da população do distrito passe boa parte de seu tempo fora do local. No entanto, as ir à Ravena é um hábito cultivado por aqueles que não vivem ali. Isso já aponta para um interesse pelo local e uma atividade de manutenção desses laços com aquele espaço físico.

Outro ponto relevante é o fato de uma parcela grande acessar a mídia social todos os dias, reforçando esse entendimento contemporâneo da relevância dessas ambiências *online*. Quando perguntamos pelo grupo, percebemos que de fato na época da criação do mesmo, o interesse pelo “Ravena e suas memórias” foi maior, dado a quantidade de pessoas que se tornaram membros nessa época. Pelo questionário fica claro o interesse de uma parcela jovem, querendo conhecer um pouco mais sobre o lugar. Pelas respostas, os membros deixam clara a necessidade não só de fazer com que mais pessoas conheçam Ravena, seus moradores, mas tomem consciência das tradições e valores que ali existiam, considerando o grupo, então, uma ferramenta de sociabilidade por onde se pode tentar promover um retorno a um ideal de comunidade.

3.5 Análise de Fluxos das Interações

3.5.1 Frequência ao grupo

Na busca por mais detalhes sobre o funcionamento do grupo “Ravena e suas memórias” foi feita a análise das 150 postagens selecionadas, isto com o objetivo primeiro de

levantar detalhes que demonstrassem como o grupo funciona de fato, evidenciando pontos relacionados com o modo como as interações são construídas no ambiente da mídia digital, detalhes da ferramenta e também dos usuários.

De fato, o grupo não é homogêneo quanto à sua utilização. Assim como outros grupos nessa mídia social, no “Ravena e suas memórias” existem diferentes formas de participação no grupo. Há indivíduos que postam conteúdo, comentam e curtem as postagens, há indivíduos que apenas curtem os *posts* e comentam, outros só comentam, há também os que apenas observam.

O primeiro dado que se evidencia por meio de análise quantitativa é que de um modo geral o grupo tem uma baixa participação. Atualmente o grupo tem 1.292 membros. Observando as postagens pôde-se concluir que apenas uma parcela de membros realiza postagens com frequência na página. Verificou-se que as 150 postagens analisadas foram feitas por 39 membros diferentes. Desses, 31 membros fizeram entre uma a três postagens na página.

Dos oito restantes verifica-se a frequência tal como exposta na Tabela 2.

Tabela 2: Número de postagens individuais feitas pelos oito membros mais ativos

01 único membro fez:	06 publicações
02 membros fizeram:	07 publicações cada
02 membros fizeram:	09 publicações cada
01 único membro fez:	11 publicações
01 único membro fez:	22 publicações
01 único membro fez:	38 publicações

Fonte: Elaborado pela autora.

Pela tabela é possível ver que apenas dois membros do grupo postaram quase metade da amostra coletada nesse estudo (60 *posts*). O membro com maior número de compartilhamentos (38 publicações) é também a pessoa que criou e administra a página. E esse ato é relevante ser considerado, pois aponta para o caráter de liderança dessa figura. Além de possuir um acervo rico sobre a comunidade, o que lhe confere certo *status*, isso reforça sua posição no grupo.

De modo geral, o número de interagentes ativos é muito baixo se confrontado com o total de membros: são apenas 10 pessoas, num grupo com 1292 membros. Em percentual,

pode-se inferir que no “Ravena e suas memórias” há apenas 1,29% de participação ativa. Essa concentração dos números de compartilhamentos aponta para o fato de que esses membros além de terem mais arquivos sobre a comunidade, também têm um grande interesse em fazer com que esses materiais cheguem aos demais membros. É importante ressaltar que nem todas as fotos pertenciam aos arquivos particulares desses membros. Algumas foram passadas a eles por outras pessoas, inclusive com o intuito de que eles as compartilhassem na mídia social digital, como foi apontado por alguns dos membros entrevistados. Observando os comentários, é possível ver que outros membros do grupo reconhecem o papel desses membros ativos enquanto detentores de memórias de Ravena; e isso é interessante, pois, de certa forma, aponta para um poder concentrado nas mãos daqueles que possuem os registros fotográficos.

3.5.2 Atitude responsiva

Relacionando agora os dados relativos a comentários, foi possível perceber que também há certa predominância de alguns membros, isto é, daqueles que sempre comentam as postagens. Relevante lembrar que a coleta do material foi feita com base no número de comentários e curtidas, e da amostra selecionada apenas quatro publicações não tinham nenhum comentário. Do material coletado foi possível identificar cerca de onze membros que ultrapassam os dez comentários (esse número é a média de comentários verificada nas 150 postagens coletadas e usada aqui para classificar os participantes mais ativos) em diferentes postagens do grupo. Desses, seis postaram mais de 40 comentários cada um. É necessário ressaltar, que, apesar de haver uma análise de dados sobre o número de curtidas e de compartilhamentos, para esse estudo, são da maior importância os dados relativos a comentários, pois o que está sendo dito na plataforma tem grande importância para a pesquisa. Sendo assim, mais à frente serão trabalhados esses aspectos relacionados a essas atitudes na página do grupo, porém, sem se prender demais aos detalhes e implicações desses atos.

Confrontando os dois dados de postagens e comentários pôde-se verificar que boa parte das pessoas que comentam são as que também mais publicam no grupo. Então, o número de pessoas que participam ativamente do grupo – publicando na página e comentando nos *posts* – é relativamente baixo e gira em torno de no máximo 10 pessoas. Pela observação de dados públicos dos perfis pessoais desses membros é possível verificar que a faixa etária

média é de aproximadamente 45 anos de idade. Esses interagentes conformam a parcela mais interativa da amostra coletada. Para perceber se esse grupo permanece ainda ativo, a pesquisadora fez uma busca na página, prestando atenção às vinte publicações mais recentes dali. Pelo que se notou, esses membros ativos ainda figuram entre os que mais interagem. Seus perfis aparecem como autores de postagens, nos comentários e também nas curtidas.

Com relação às curtidas, o número de membros que reage aos *posts* é um pouco maior, conforme podemos ver na tabela a seguir que aponta o número de curtidas nas postagens (Tabela 3):

Tabela 3 - Comparação de número de curtidas

NÚMERO DE CURTIDAS						
<i>Posts c/ - de 05</i> “curtidas”	<i>Posts c/ + de 05</i> “curtidas”	<i>Posts com + de 10</i> “curtidas”	<i>Posts c/ + de 20</i> “curtidas”	<i>Posts c/ + de 40</i> “curtidas”	<i>Posts c/ + de 60</i> “curtidas”	<i>Posts c/ + de 100</i> “curtidas”
04	15	54	52	17	06	02

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível ver que 52 publicações tiveram mais de 20 curtidas, o que implica que uma parcela maior de pessoas entra no grupo e reage às publicações apenas curtindo, optando por não comentar. É importante ressaltar, no entanto, que a coleta do material foi feita antes da mudança que o *Facebook* fez no mecanismo “curtir”. Na época da coleta não havia outras opções ao usuário ao não ser a curtida simples, por isso não é possível verificar “reações” quanto aos materiais publicados.

Como dito anteriormente, o ambiente digital permite que as publicações feitas no grupo permaneçam naquele espaço, havendo assim um registro. Pensando nisso, é interessante observar também as diferentes temporalidades nas trocas interativas entre os usuários do grupo. De um modo geral, foi possível perceber que todas as 150 publicações coletadas no “Ravena e suas memórias” têm comentários posteriores ao dia de sua postagem. Na somatória, o número de publicações com comentários feitos durante o primeiro mês após a publicação é de 128 *posts*. Das demais, três tem comentários feitos no mês seguinte, uma publicação tem comentários feitos dois meses após, e em onze publicações é possível ver comentários feitos após mais de cinco meses. Além disso, em três casos encontram-se comentários feitos com mais de um ano de diferença. Quanto aos compartilhamentos, foi possível verificar, na amostra coletada, 11 *posts* compartilhados apenas uma vez, 14

postagens com dois compartilhamentos cada, sete publicações foram compartilhadas por três membros e apenas duas tiveram mais de quatro compartilhamentos cada uma (Tabela 4).

Tabela 4: Curtidas e compartilhamentos

NÚMERO DE POSTAGENS	COMENTÁRIOS/DATAS
128 <i>posts</i>	Com comentários feitos no primeiro mês de publicação
03 <i>posts</i>	Com comentários feitos no mês seguinte a publicação
01 <i>post</i>	Com comentários feitos dois meses após a publicação
11 <i>posts</i>	Com comentários feitos mais de cinco meses após a publicação
03 <i>posts</i>	Com comentários feitos um ano após a publicação
NÚMERO DE POSTAGENS	COMPARTILHAMENTOS
11 <i>posts</i>	Compartilhado uma vez
14 <i>posts</i>	Compartilhado duas vezes
07 <i>posts</i>	Compartilhado três vezes
02 <i>posts</i>	Compartilhados mais de quatro vezes

Fonte: Elaborado pela autora.

Como mostram os números, esse intervalo entre a postagem e os comentários não costuma ser muito extenso, geralmente acontece no máximo alguns dias depois da publicação e apontam para o fato de que os membros estão atentos ao que é publicado na página. Quanto ao número de compartilhamentos, parece ressaltar um aspecto que já havia sido observado pela pesquisadora. De certa forma, parece que o que é publicado – no “Ravena e suas memórias” – muitas vezes não é compartilhado pelos membros em seus perfis pessoais. É como se o grupo fosse o único espaço onde essa memória pudesse ser depositada. É claro que há exceções. Existem membros que compartilham o mesmo conteúdo no grupo e redirecionam isso para seu perfil, ou no caminho inverso. No entanto, o baixo número de compartilhamentos, aliado ao número de curtidas e comentários já demonstram que apesar de ter sido um grupo que causou uma comoção inicial, ele é formado em sua maioria por membros que se identificam com Ravena, sem dúvida, caso contrário, não fariam parte do mesmo, mas que assim como em qualquer grupo da mídia social, se esforçam pouco para interagir de fato.

3.5.3 Posicionamento dos sujeitos

Observando as postagens é possível verificar alguns comportamentos comuns nos membros. A partir da observação foi possível elencar alguns temas que aparecem frequentemente nos textos das postagens e dos comentários, sendo eles:

- Amor ao lugar: é o principal sentimento evidenciado. A própria página, em seu escopo deixa claro que é dedicada às pessoas que têm uma relação afetiva com Ravena. Conforme é possível ver na descrição que define a página, ela só deve ser utilizada para o compartilhamento de registros sobre o local. De maneira mais clara, a relação de afeto entre os membros do grupo com o distrito fica evidente em 13 publicações, nas quais os membros fazem declarações explícitas de amor ao lugar, como no comentário: “O lugar onde vivemos nossa infância e adolescência, se torna um lugar especial, aconchegante, relaxante, emocionante. Algo que não podemos definir... Só sentir”. Essa ligação é evidenciada principalmente nas palavras carinhosas escolhidas pelos interagentes para se referir a Ravena, demonstrando a importância que o lugar e sua história têm na vida daquele membro; o mesmo carinho pode ser percebido em outros elementos como as curtidas.
- Família: Há muitas referências sobre a vivência familiar. Analisando as postagens, encontraram-se algumas referências ao grupo familiar em 47 delas. Seja nas imagens que retratam pais e filhos, nos comentários que relembram fatos, momentos e características de um parente. Esse aspecto era esperado, visto que se trata de um grupo que reúne pessoas nascidas ou com vínculos fortes e, além disso, a maioria dos arquivos compartilhados é parte de álbuns de família.
- Religiosidade: A religião aparece em 18 publicações, principalmente o Catolicismo, nas procissões e nas fotos das igrejas – consideradas símbolos arquitetônicos do distrito – mas também nas fotos tiradas dentro da igreja, em missas, corações e eventos como casamentos e missas de primeira comunhão.
- Amizade: Na amostra se encontram 25 imagens e falas sobre amigos. Há claras referências às relações de amizade e, na maioria, acompanhadas de detalhes associados ao trabalho, ao esporte, e a atividades recreativas, como festas e serestas.

Mas os temas que aparecem no grupo e mais chamaram a atenção foram:

- Saudosismo: A saudade de vivências comunitárias passadas aparece nas falas dos sujeitos em onze publicações diferentes. Pelos comentários fica claro que alguns membros compartilham uma visão nostálgica com relação ao modo como se vivia em Ravena no passado, e isso aparece evidenciado principalmente nas publicações onde há imagens das festas, procissões, e retratam locais públicos da comunidade como a praça, a rua principal, a Igreja Matriz, por exemplo. É possível ver a frequência com que esse saudosismo é manifestado na tabela de análise de conteúdo (Apêndice A).
- Pertencimento: o último elemento que se destaca é o sentimento de pertença dos membros do grupo com relação àquela comunidade. Esse dado foi considerado tomando por base algumas falas em que os sujeitos destacam sua participação na comunidade, seja retomando lembranças ou demonstrando preocupação com questões atuais, mas principalmente quando se referem ao distrito como “nossa Ravena”, ou “minha terra”, ou “meu lugar”. Essas falas evidenciam uma noção de identificação não somente com o espaço, mas principalmente com sua história e cultura, muito importante para compreender de fato quem são esses ravenenses. Pela análise de conteúdo pode-se observar esse sentimento em nove publicações.

No quadro a seguir exemplificamos, com comentários dos membros, como esses temas aparecem nas postagens. (Quadro 1):

Quadro 1 - Falas observadas na Análise de Conteúdo

Saudosismo	“lembro muito de Ravena quando era criança época gostosa isso a 45 anos atrás tenho muita saudades.” <i>(sic)</i> .
Pertencimento/identidade	“Devemos manter a ESSÊNCIA de RAVENA!!! Existem coisas que NUNCA poderemos abrir mão!!! Da “simplicidade”, da conversa na porta de casa... Da amizade sincera... Da serenata... As procissões!!! Mesmo que a tecnologia e a violência nos puxem para DENTRO de casa!!!” <i>(sic)</i> .

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse quadro estão separadas algumas falas retiradas de diferentes postagens coletadas no grupo. Acredita-se que esses elementos selecionados para a análise e aqui exemplificados demonstram de maneira bastante clara a relação que se constrói entre indivíduo e lugar, e como se dá essa transposição de sentidos para o espaço da mídia social digital no caso de Ravena.

Os exemplos citados dão o tom e a forma como esses temas aparecem no grupo¹⁸. As falas saudosistas apontam para um sentimento de perda, uma nostalgia de uma Ravena onde era possível viver em comunidade. O pertencimento demonstra uma quase carência de uma maior identificação com Ravena, algo que fica evidenciado em falas como as demonstradas acima. Passa uma sensação de que é preciso manter as características do lugar, e que os que podem fazer isso são os que de fato têm uma história em comum com Ravena. Ambas as dimensões estão diretamente implicadas com o amor ao lugar, e aparecem como um reforço da ligação afetiva entre esses indivíduos com a terra natal.

Nas falas analisadas também fica clara essa preocupação com o distrito, e é perceptível o papel que estes sujeitos desempenham na ressignificação dessa comunidade. Ora, nas fotos que retratam como um número maior de indivíduos se envolvia nas atividades coletivas, ora nas falas que exaltam o papel de determinados personagens para a sociedade, fica claro que os membros do grupo reconhecem que quem faz a vida comum são as ações dos que ali se relacionam. E isso reforça o que foi percebido anteriormente.

Ravena – enquanto uma localidade – tem um papel importante na vida desses indivíduos; é inegável o valor que dão a isso. Porém, no fundo dessa relação com o lugar estão as relações entre as pessoas que ali viveram. Isso sim parece impactar no modo como estes percebem a localidade. Exemplos de como a relação com o lugar é entremeada com as lembranças das relações sociais podem ser observados em falas como estas: “Eta saudosismo! (...) Lembro-me de Ravena sem luz!!!! O lampeão no meio da sala na casa dos meus padrinhos (*sic*)”.

A sensação de pertencimento também fica expressa: “era antiga, mas com certeza tbem era um paraíso nda parecido com o lugar de hoje/tenho 37 anos vim pra Ravena com 15 me considero em casa amo esse lugar (*sic*)” Essas falas compõem uma conversa interessante sobre o distrito, como se pode ver a seguir (Figura 14).

¹⁸ Optou-se, para transcrições daqui, sempre manter o conteúdo textual tal como escrito pelos membros, nos comentários e postagens do grupo. Eventuais desvios das regras de ortografia e gramática aparecem devido a essa cópia literal, não causando, entretanto, prejuízos aos intentos dessa pesquisa.

Muito embora haja muitos pontos em comum entre os indivíduos é preciso deixar claro que esse compartilhamento de memória é marcado pela disputa de poder. Poder pertencer àquele grupo, tomar aquele espaço e compartilhar, ser membro daquela comunidade. O ato de postar conteúdos na página diz de um poder. E os próprios membros reconhecem e citam algumas pessoas – principalmente aquelas que possuem um acervo fotográfico maior, ou se lembram com facilidade – como “detentoras” desse poder de carregar traços relevantes para a memória do distrito. Além disso, pela análise das entrevistas foi possível ter ideia de que o grupo sofre vigilância constante. Alguns membros – e quem o administra – permanecem observando, caso haja algo que saia do escopo, o conteúdo é excluído. Esse juízo de importância mostra que aquele também é um espaço de disputa.

Isso nos remete à Rancière, nas suas discussões sobre o processo de partilha do sensível. Segundo o autor, essa partilha define o que está em jogo – que é esse comum – e o lugar da política como forma de experiência. E a política é o que define aquilo que se vê e o que se pode dizer sobre, bem como “quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (RANCIÈRE, 2009, p. 16). O comum compartilhado em uma comunidade é uma forma de poder, pois é revestido de importância política, define os que estão dentro, os que pertencem e comungam desse elemento, excluindo os que não pertencem àquele lugar.

Conversando com alguns membros e também com quem criou o grupo, ficou nítido que aquele é um espaço reservado somente para conteúdos ligados à memória. Atualmente o grupo é administrado pela mesma pessoa que o criou, e é ela quem exerce o poder de moderação. Não é preciso ter permissão para postar algo na página, no entanto, quem administra faz vigilância por meio da observação. Quando algo publicado extrapola o proposto, o conteúdo é retirado. Em caso de insistência do membro, ele é excluído. Em entrevista, a administradora do grupo afirmou ter uma preocupação com isso, pois é importante manter a característica inicial e que os membros respeitem o escopo. Segundo ela, houve casos de exclusão de membros que desrespeitaram o proposto.

Entro no grupo todos os dias, e retiro tudo que for propaganda. Algumas pessoas colocam fotos atuais, pessoas jovens, retiro também. Acho que ainda não cabe ali. Há um cabeçalho explicando o que pode e o que não pode. As pessoas tem que respeitar. (Entrevistado E, Administradora do “Ravena e suas memórias”).

Esse trabalho de administração da página é bem visto e elogiado pelos membros entrevistados, embora hajam algumas ressalvas, como o fato de alguns desejarem publicar

fatos mais recentes, com a justificativa de que um dia serão relevantes para a memória local. Os membros, no entanto, concordam que é preciso manter o objetivo principal, para que o grupo não se perca e não se torne apenas mais um. Isso demonstra que por mais que haja uma visão geral do grupo como “bem” de todos, nem tudo é permitido. Mas também aponta, mais uma vez, para o aspecto afetivo desses indivíduos com aquele ambiente, priorizando a necessidade de preservá-lo quase que intacto, talvez numa tentativa de fazer com as memórias que ali estão depositadas também fiquem livres dos problemas contemporâneos. É como se, pelo menos no “Ravena e suas memórias”, a comunidade ainda continuasse intacta, livre de influências negativas, como imaginada pelos indivíduos. A fala de um dos entrevistados ilustra bem essa preocupação com o grupo.

“Sou contra você colocar a propaganda de um evento privado, por exemplo. Eu acho que esse não é o local apropriado para isso. É um espaço para as manifestações culturais. E o grupo também não pode ser alvo, por exemplo, de lamentação do insucesso de algumas coisas, não é pra isso”. (Entrevistado A, membro do “Ravena e suas memórias”) ¹⁹.

Essa questão também é interessante para pensar os conflitos que existem no Espaço Público de uma comunidade. É possível ver que alguns membros do grupo desejam ter o direito de utilizar aquele espaço de visibilidade para divulgar seus próprios interesses, no entanto há outros que atuam como vigilantes desse espaço, preocupados em preservá-lo de interesses que destoem da proposta inicial. Há uma disputa, pelo espaço, ditando o que cada um pode ou não fazer naquela comunidade. E nesse caso, ganham aqueles que desejam ver o “Ravena e suas memórias” mantendo sua proposta inicial. O grupo tem como finalidade reforçar esse passado comum, e, sendo assim, aqueles que destoam desta proposta talvez nada acrescentem ali: essas postagens são desconsideradas, pois, segundo os membros, não adicionam e não partilham dos objetivos da maioria. Pertencer ao “Ravena e suas memórias” diz de um sentimento de preservação da identidade, tal como era no passado, e é assim que os membros desejam que o grupo seja, livre de qualquer interferência que os retire dessa atmosfera nostálgica.

3.5.4 Relação imagem com comentários

¹⁹ Conforme explicitado anteriormente, as entrevistas foram realizadas presencialmente ou por email, e para preservar os entrevistados não será feita a transcrição da entrevista completa. Todos os participantes foram previamente informados das condições de participação, inclusive o anonimato garantido, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Pela observação das postagens foi possível verificar que boa parte das que se fizeram no grupo retratam personagens que viveram ou ainda vivem em Ravena. Quantitativamente, 132 *posts* apresentam esses retratos pessoais e os comentários que seguem estão diretamente relacionados às figuras e suas vivências. Outros 12 *posts* contêm imagens relacionadas ao espaço público da comunidade, com fotos retiradas principalmente em dia de eventos religiosos, como a festa da padroeira.

É importante destacar que as imagens têm papel fundamental no desenvolvimento das conversas e trocas, pois elas são a principal escolha dos membros na hora de compartilhar as memórias. No material analisado, só foi possível encontrar um depoimento escrito, sem nenhuma imagem, no qual o indivíduo conta um pouco sobre como chegou a Ravena pela primeira vez e depois veio se instalar no distrito anos depois. Além disso, um dado relevante é o fato de que as postagens foram escasseando devido à falta de materiais imagéticos. São poucas as postagens feitas no grupo atualmente, e o fator principal para isso é que os membros que têm interesse em compartilhar os registros já o fizeram. Com essa falta de fotografias diferentes, o grupo passa por momentos de baixíssima interação, esse fato foi evidenciado pelas falas dos entrevistados. Esse dado é relevante, pois aponta mais uma vez o papel que essas fotos têm enquanto um gatilho que motiva os ravenenses a entrar no grupo e interagir.

4 A RECONSTRUÇÃO DO LUGAR NA MÍDIA SOCIAL DIGITAL

Um dos desafios dessa pesquisa era perceber e conseguir evidenciar como os indivíduos participantes do “Ravena e suas memórias” faziam no espaço da mídia social digital um trabalho de reconstrução de Ravena. Por meio das diferentes análises acredita-se ter conseguido levantar algumas evidências disso. Analisando as postagens, bem como as entrevistas e as trocas conversacionais que ali estão, percebe-se que aspectos interessantes de como se conforma a comunidade de Ravena estão presentes nessas ambiências.

Na Figura 14 (página a seguir) há fatores que evidenciam essa reconstrução do lugar no espaço da mídia social digital. A imagem retrata uma das principais edificações históricas do distrito, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, há algumas décadas atrás. Porém o que chama atenção nessa postagem são as conversas que surgem a partir da foto compartilhada. Pelo que se pode perceber, a maioria dos membros toma a fotografia como um retrato da comunidade, ou seja, é como se naquela foto fosse possível captar a essência do distrito. A imagem é um exemplo de postagem em que é possível encontrar elementos que apontem para a conformação do lugar. Ao ler os comentários verificam-se algumas manifestações de um sentimento nostálgico. Aparece mais precisamente em seis comentários e as falas se parecem com esta: “Da pré, da atual e do futuro! E tem gente demais hoje. Antes era ainda melhor!”.

Ravena era melhor de acordo com esse interagente. As falas remetem a um passado, algo que se foi e deixou saudades. Além desse saudosismo, outro elemento se destaca em outro comentário: “esse é meu lugar”. Essa expressão de pertencimento e identificação é nítida e clara. Mas outro interagente diz algo também importante e que demonstra certa preocupação: “Devemos manter a ESSÊNCIA de RAVENA!!!! Existem coisas que NUNCA poderemos abrir mão!!!! (...)”.

Essa postagem é uma das mais ricas retiradas de todo o material coletado para essa pesquisa. Além do material imagético, na conversa que se desenrola há muitos pontos interessantes. Pela legenda escolhida – “Ravena é sempre linda” – vê-se claramente que o que une esses indivíduos em torno do grupo é o desejo de compartilhar com os iguais esse sentimento de amor ao lugar. Esse sentimento pelo local reúne os indivíduos nesse grupo e possibilita que eles se reconheçam entre si, e comunitariamente perante aquele espaço. E esse sentimento não aparece sozinho; as lembranças ali depositadas vêm acompanhadas de uma saudade – de como era, das pessoas, mas principalmente de uma Ravena que já não existe, ou que nunca existiu.

Ravena e suas memórias
15 de janeiro de 2014 · 🌐

RAVENA?
RAVENA É ASSIM...SEMPRE LINDA!!!!...

Ver tradução



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar ✉ Message

👤 e outras 52 pessoas

- 1º** **Beleza pura !**
15 de janeiro de 2014 às 18:58 · Curtir · 👍 1
- 2º** **esse é meu lugar!!!**
16 de janeiro de 2014 às 09:17 · Curtir · 👍 1
- 3º** **HISTÓRIA**
Ver tradução
18 de janeiro de 2014 às 10:44 · Curtir · 👍 2
- 4º** **Da pré, da atual e do futuro! E tem gente demais hoje. Antes era ainda melhor!**
18 de janeiro de 2014 às 22:36 · Curtir · 👍 1
- 5º** **E ninguém falava mal ou reclamava de Ravena, nem por brincadeira !**
18 de janeiro de 2014 às 22:51 · Curtir
- 6º** **as danças no ravenopolis, os encontros , bom demais ,**
18 de janeiro de 2014 às 22:56 · Curtir · 👍 2
- 7º** **com certeza...**
18 de janeiro de 2014 às 23:12 · Curtir
- 8º** **lembro muito de ravena quando era criança época gostosa isso a 45 anos atras tenho muita saudades**
19 de janeiro de 2014 às 20:45 · Curtir · 👍 1
- 9º** **Devemos manter a ESSÊNCIA de RAVENA !!!! Existem coisas que NUNCA poderemos abrir mão !!!! Da "simplicidade" , da conversa na porta de casa... Da amizade sincera ... Da serenata As procissões !!! Mesmo que a tecnologia e a violência nos puxem para DENTRO de casa !!!!**
20 de janeiro de 2014 às 00:11 · Curtir · 👍 2
- 10º** **nesta época era muita boa pra namorar mesmo, os rapazes faziam serenatas, todo final de semana que eu estava em ravena, eu recebi serenata, o tempinho bom viu.**
20 de janeiro de 2014 às 15:29 · Curtir · 👍 1
- 11º** **eu recebiam mais que vcs**
20 de janeiro de 2014 às 15:52 · Curtir
- 12º** **Oi , !!!! Meus pais nasceram em RAVENA (de e de) !!!! Passei VÁRIAS férias em RAVENA e tenho PAIXÃO por esse pequeno paraíso !!!! Estou constantemente nas festas da padroeira "registrando" com uma filmadora de mão !!!! Rrsrsrsrs . Tenho inúmeros primos aí !!!! Minha infância foi vivida GRANDE PARTE em RAVENA !!!! Meus padrinhos e !!!!**
21 de janeiro de 2014 às 16:34 · Curtir · 👍 4
- 13º** **O lugar onde vivemos nossa infância e adolescência, se torna um lugar especial, aconchegante, relaxante, emocionante...Algo que não podemos definir... Só sentir!!!!**
21 de janeiro de 2014 às 17:16 · Editado · Curtir · 👍 6
- 14º** **Ontem e hoje estive lá , matar saudades da casa da Vó . Por onde andamos , seja perto ou longe não esqueceremos nossas raízes e os lugares que nos fazem felizesApesar d' aquela mesa estar faltando ele(Vó) e a saudade dele dói muito em mim.....**
21 de janeiro de 2014 às 18:33 · Curtir · 👍 4
- 15º** **Linda a igrejinha**
22 de janeiro de 2014 às 10:32 · Curtir · 👍 1

Figura 14: Ravena “reconstruída” nos comentários.
Fonte: Facebook - Grupo "Ravena e suas memórias".

Uma terra idealizada, uma comunidade onde se convivia mais com o vizinho, onde se podia andar na rua até a noite, onde as crianças levavam uma infância mais livre e natural. Um paraíso imaginado, solo sagrado para aqueles que ali nasceram e cresceram. No grupo estas reminiscências e projeções encontram o espaço perfeito para partilha entre aqueles que têm orgulho de dizer que pertencem a Ravena.

O conteúdo citado acima dá ideia do que se propõe na pesquisa. Reconhecendo a importância do sentimento topofílico nas manifestações estudadas, entende-se que é preciso evidenciar na análise como se dá a conformação desse sentimento e para isso, foram separados os elementos que aparecem e dão tons bem singulares à relação entre os interagentes e Ravena. No desenho da pesquisa explicou-se como se deu a construção do modelo analítico. Os diferentes métodos aplicados renderam achados interessantes que apontam para aspectos importantes nesse processo de compartilhamento do lugar por meio de fragmentos de memória.

Percebeu-se que o amor ao lugar é a base que sustenta essas interações e as relações que se dão no “Ravena e suas memórias” e, sendo assim, é importante evidenciar de que maneira esse sentimento topofílico está presente e se destaca. Sabe-se que esse sentimento de amor ao lugar é multifacetado, composto por diferentes aspectos que tornam as relações entre indivíduos e local únicas. Entretanto, no caso estudado, pareceu mais enriquecedor tratar da forma como essa ligação é reforçada por meio das trocas em mídia social digital a partir das dimensões do saudosismo e do pertencimento. Sendo assim, agora será feita a exposição de aspectos relacionados a cada uma dessas dimensões, detalhes encontrados nas análises e, posteriormente, será trabalhada a questão do amor ao lugar tal como se apresenta no grupo estudado, em suas especificidades.

4.1 Saudosismo

O grupo estudado é um espaço onde a saudade deva se manifestar. O escopo do mesmo propõe essa rememoração, e é quase impossível lidar com certas recordações sem que essas façam brotar esse sentimento. Pelos apontamentos da análise de conteúdo realizada, é possível ver em algumas publicações do “Ravena e suas memórias” elementos que remetem a um saudosismo relacionado à vivência comunitária passada. Esse sentimento nostálgico segue exatamente o padrão sugerido por Bauman (2003), no qual os sujeitos se referem à

comunidade como o paraíso perdido, local onde se viveu tempos maravilhosos e incomparáveis aos dias atuais.

Observando as publicações e o perfil dos membros mais ativos do grupo, percebe-se que se trata de pessoas com média de idade de 45 anos. Pelo modo como essas pessoas se integram ao grupo, pode-se inferir que elas viveram boa parte de suas vidas no distrito e possuem um grande arcabouço de memórias ligadas a ele. Boa parte das memórias ali compartilhadas é retirada de momentos da infância e da juventude desses membros. Ora, sentir saudades da infância não é nenhum aspecto novo. Qualquer indivíduo pode se lembrar dos momentos que viveu ainda pequeno, pois muitas das experiências vividas nessa fase da vida marcam por seu caráter inédito. Assim também quando se é jovem, e se vive a vida de modo mais intenso. No entanto, o que chama atenção é o fato de essas memórias estarem vinculadas, no mais das vezes, diretamente a alguma vivência em comunidade, sendo despertadas pela ligação afetiva com o lugar.

Por exemplo, há postagens que relembram momentos de vivência coletiva, como festas, eventos religiosos e a convivência no espaço público da comunidade. Observando algumas dessas postagens é possível ver comentários como: “Quanta saudade! Saudade boa! Bons Tempos” ou “Tempos bons! Éramos felizes e não sabíamos”. Essas falas carregam uma nostalgia que remete a um sentimento de perda. Esses indivíduos acreditam que as vivências eram mais ricas e/ou remetiam a significados mais fortes e duradouros. E por se tratar de imagens que reportam a esses momentos vividos coletivamente, fica claro que os indivíduos sentem falta dessas experiências em comunidade.

É por meio das relações sociais que os indivíduos chegam ao grupo, os conteúdos são compartilhados, comentados, repercutidos, e é também por elas que os conteúdos da página saem do *Facebook* e viram alvo de conversas entre avós e netos, vizinhos de porta e conhecidos.

A seguir vê-se uma postagem feita por um membro do grupo com idade entre 30 e 40 anos que ilustra essa atividade (Figura15). Na publicação, ele agradece a criação do grupo e diz que vai mostrar as postagens ao avô, já bastante idoso e sem acesso à internet, e questioná-lo sobre possíveis fotos. Nos comentários, um parente do autor comenta que o avô já viu as fotos. Outro interagente comenta reforça a importância de buscar mais registros com outras pessoas, ou seja, o grupo chegou a pessoas que não têm perfil na mídia social.



Figura 15: Postagem e comentários que indicam que o grupo extrapola a mídia virtual.
Fonte: Facebook - Grupo “Ravena e suas memórias”.

Na figura 16, que retrata outra publicação do grupo, um dos interagentes convoca todos os parentes, inclusive os que vivem em outra cidade, para se mobilizar na busca dessas imagens. Isso demonstra não só o interesse dos indivíduos em movimentar o grupo, mas também uma preocupação de fazer com que outras pessoas se inteirem sobre o mesmo e possam, assim, não só compartilhar possíveis registros que tenham, mas também acessar aquele espaço e participar das discussões.



Figura 16: Comentário com convocação de novos colaboradores.
Fonte: Facebook - Grupo “Ravena e suas memórias”.

Tanto nas imagens quanto nos comentários, fica claro que a convivência e a sociabilidade no distrito têm um papel fundamental em sua realidade. As imagens muitas vezes demonstram um clima de boa convivência. Nos comentários a coisa não difere muito, há sempre cordialidade, poucas discordâncias e uma sensação de companheirismo e amizade

fica implícita ao ler as interações. Claro que há comentários que apontam para questões da atual comunidade, como o afastamento das pessoas, o egoísmo. Nas entrevistas, os membros deixam claro que hoje predominam os interesses pessoais sobre os da comunidade. Não há um grande envolvimento em questões para a maioria. Em Ravena, embora ainda uma grande parcela de moradores possuam relações fortes, de parentesco e vizinhança, o envolvimento muitas vezes não ultrapassa os muros, e poucos são os que, segundo os entrevistados, compartilham a vida de fato. Porém, eles próprios apontam que o grupo deve ficar isento das discussões negativas. Muitos dizem que os debates sobre questões atuais têm espaço em outros grupos – “Galera de Ravena”, por exemplo – e que, na verdade, o “Ravena e suas memórias” tem outro propósito e que é importante preservá-lo. Esse aspecto é interessante, pois diz de um reconhecimento das disputas que envolvem a vivência comunitária, mas também das diferentes imagens que Ravena projeta, inclusive nas mídias sociais digitais.

Muitos comentários analisados apontam explicitamente para a ligação do indivíduo com o espaço, principalmente quando a imagem retrata algum aspecto da paisagem ravenense, tanto antiga quanto mais atual. O fato de mostrar uma foto do lugar onde esses indivíduos construíram parte de sua existência faz com que eles compartilhem seus sentimentos, seja comentando de modo explícito: “Amo Ravena”, seja curtindo ou compartilhando a postagem. Em algumas imagens a questão do espaço aparece sendo trabalhada pelo aspecto do saudosismo de um espaço mais puro, seja relacionado às mudanças naturais do distrito, principalmente impulsionadas pelo crescimento desordenado ou pela devastação ambiental, seja pela própria conformação urbana que exige que os espaços sejam renovados para acompanhar o desenvolvimento, como é possível visualizar (Quadro 2):

Quadro 2: Saudosismo sobre o espaço

“Bons tempo onde tínhamos lugares de água limpa para tomar um banho de rio há que saudades” (<i>sic</i>).
“RAVENA sem asfalto era muito legal!!!! Apesar da poeira, lógico!!! Tenho MUITAS SAUDADES das férias que passava aí !!! (...)” (<i>sic</i>).
“E nesta foto, Ravena já se transformava! Poste de luz e rua patrolada, vejam só!” (<i>sic</i>).

Fonte: Facebook – Grupo “Ravena e suas memórias”.

Em algumas das publicações feitas na página do grupo os indivíduos fazem questão de frisar essa afetividade com o local. Ravena é vista pelos membros como o “meu lugar”. Os interagentes reconhecem que Ravena mudou. Há opiniões que reconhecem aspectos positivos

em algumas das mudanças, ou seja, apesar de ser um grupo com um fundo saudosista muito forte, os interagentes reconhecem que não era viável que o distrito ficasse parado no tempo. Ravena precisava crescer e se desenvolver. Mas ainda assim é nítido como o sentimento de ligação dos indivíduos evidencia preocupação com os rumos do local, salientados por comentários que relevam a necessidade de ações que garantam que a localidade tenha um crescimento sustentável, alinhado com questões ambientais e principalmente históricas. Outras discussões também deixam perceber as permanências, como é o caso das procissões retratadas nas postagens e que ainda hoje seguem pelo mesmo trajeto no distrito, além da própria praça principal que continua sendo um espaço importante para a coletividade ravenense.

Importante destacar alguns comentários feitos por pessoas jovens, que não viveram a realidade retratada nas fotos, mas que têm uma visão utópica desse passado. Esses indivíduos compartilham a visão dos mais velhos de que no passado a vida era melhor do que nos dias atuais. Nesses comentários os indivíduos revelam um desejo de ter vivido nessas épocas passadas, pois há um pensamento comum de que a vida era mais fácil e menos complicada conforme podemos ver na página a seguir (Figura 17).

A foto retrata a antiga formação da Sociedade Musical (Banda de Música) do distrito. Nos comentários, alguns indivíduos – com idade média de 30 anos – denotam uma vontade de ter vivido nessa época. As razões para isso são explicadas nos comentários seguintes: “Mto emocionante (...), tudo menos complicado!”. “Pois é (...) a simplicidade é o que valia a pena!!!”. O fato de serem pessoas jovens se referindo a um passado que não viveram com saudosismo é interessante. Isso aponta para um entendimento nostálgico de comunidade que é compartilhado pelos que viveram nessas épocas com os mais novos. Essa sensação de perda também vai sendo compartilhada e fica evidente em comentários como esses. É interessante explicitar de que essa visão reflete uma ideia de comunidade, que talvez nunca tenha existido. É uma Ravena imaginada.

Existe uma tensão evidenciada aqui, que demonstra uma diferença entre uma comunidade imaginada, pensada pelos indivíduos no íntimo desse grupo – vista como paraíso perdido –, e a comunidade real, pública, que a cada dia cresce demograficamente, perde traços tradicionais que os nativos pensam ser relevantes, e lida com problemas diários. No grupo há um entendimento de que é preciso resgatar esse lugar íntimo, cuidar dele como o “lar” e qualquer ruído, soa como poluição, algo que não existia na Ravena antiga – e não deve existir nessa Ravena criada à imagem e semelhança da anterior.

23 de novembro de 2013

Antiga Banda Lira da Paz.



Curtir · Comentar · Compartilhar

e outras 17 pessoas curtiram isso.

A praça da Igreja Matriz de Ravena sempre foi o palco de grandes eventos e bandas de musica, que levavam o entretenimento para a população local. Parabens pela foto!

25 de novembro de 2013 às 14:03 · Curtir · 4

Essa foto é ÓTIMA !!! Uma beleza !!!

26 de novembro de 2013 às 11:14 · Curtir · 2

bela foto... queria ter nascido nessa epoca!!!

26 de novembro de 2013 às 22:33 · Curtir · 2

Dê tenho a mesma vontade de ter vivido isso!!!!

26 de novembro de 2013 às 22:45 · Curtir · 1

mtto emocionante, tudo menos complicado.!

26 de novembro de 2013 às 23:00 · Curtir · 1

Pois é a simplicidade é o que valia a pena!!!

26 de novembro de 2013 às 23:01 · Curtir · 2

Quase vivemos né kkkk

26 de novembro de 2013 às 23:01 · Curtir · 1

Claro! Poucos anos de diferença! rsrs

26 de novembro de 2013 às 23:14 · Curtir · 1

Figura 17: Jovens saudosos.

Fonte: Facebook - Grupo "Ravena e suas memórias".

Essas disputas chamam ainda mais atenção para o fato de que Ravena mudou muito. De um modo geral, em todas as entrevistas com os participantes do “Ravena e suas memórias” os indivíduos falaram sobre essas mudanças do distrito. Muito se falou sobre o aumento da população, os efeitos que isso tem gerado na convivência cotidiana, os impactos nas relações. Também se falou sobre o aspecto físico, com as mudanças no espaço da comunidade. As mudanças provocadas pelo progresso, uma ampliação dos limites territoriais, a abertura de estradas, os loteamentos, e também os prejuízos para o meio ambiente. Todos esses pontos foram surgindo ao longo das entrevistas.

Com a chegada do progresso e de novos moradores, Ravena vem se descaracterizando, principalmente na sua parte histórica. Perdendo o vínculo com o passado e perdendo suas tradições (Entrevistado F, membro do “Ravena e suas memórias”).

Alguns membros, apesar de reconhecerem as transformações, disseram que não afetaram a essência da comunidade. Para eles, Ravena continua sendo – e sempre será – o lugar íntimo dessas pessoas. Quando questionados sobre o que seria essa essência, a resposta dada está associada às relações humanas que ali foram construídas. Eles reconhecem que as mudanças impactaram na convivência, mas ainda assim consideram que o relacionamento entre os ravenenses é o que sustenta o distrito. De certa forma, permanecer como membro da comunidade Ravena ainda é o mais importante para essas pessoas.

Na visão de Yi Fu Tuan (1983), o local onde se nasce se torna um lugar íntimo, onde se encontra carinho, onde as necessidades são consideradas. Nos relatos fica nítido que todos reconhecem as mudanças, e embora haja um reconhecimento dos problemas, o afeto pela localidade é maior do que esses inconvenientes, como fala o Entrevistado B:

Eu gosto, tanto que eu optei por casar e continuar aqui. Para mim, seria muito mais fácil morar em Belo Horizonte, eu estudei lá, eu trabalho lá, mas aqui é um lugar, que apesar de ter aumentado a criminalidade, tal, é um lugar tranquilo, e é um lugar que, eu cresci aqui, eu conheço e que eu quero que meus filhos fiquem aqui, enquanto eu puder. (Entrevistado B, membro do “Ravena e suas memórias”).

Diretamente relacionado a esse processo, compreende-se o valor que as imagens possuem enquanto esse mecanismo que alavancam esse compartilhamento de memórias e o saudosismo. De certa forma, é como se as fotografias, ao serem postadas, fossem compartilhando sentidos que vão muito além do que de fato registram. Pelos comentários fica nítido como cada foto é capaz de fazer com que o sujeito relembre momentos, pessoas, épocas

e tradições. Quando questionados, em entrevista, alguns dos membros falaram dessa importância da imagem, dando ao suporte fotográfico o poder de guardar parte da memória do distrito como podemos ver pelas falas:

Eu acho que é uma forma de matar saudade. Aquela Ravena tranquila, que todo mundo conhecia. Acho que a ideia do Ravena e suas memórias é realmente matar a saudade (Entrevistado B, membro do “Ravena e suas memórias”).

Eu acho que tem que postar foto. Eu acho que quando você tem uma foto, você guarda muito mais a imagem. Eu sei seu nome, mas posso esquecer amanhã, mas sua imagem eu vou guardar durante muito tempo. E a importância do grupo é essa, ver como era antigamente a nossa querida Ravena. (Entrevistado C, membro do “Ravena e suas memórias”).

Pelas falas destacadas acima é possível ver que o compartilhamento de imagens no grupo tem realmente a intenção de levantar esse sentimento saudosista. As publicações do grupo apresentam um passado daquele grupo social, o que por si só tem um grande valor na constituição do distrito. Entretanto, o que chama mais a atenção nas falas dos membros é que eles parecem querer reforçar o que Ravena foi um dia. E essa visão saudosista é conservadora, demonstra um apego ao que a comunidade tem de mais tradicional, como a família, a religião, pontos que agora se modificaram e que passaram por transformações profundas.

Acompanhando o grupo é possível ver que as imagens e comentários vão reconstruindo momentos sobre a comunidade de Ravena, e pela leitura dessas falas, parece que muito se perdeu ao longo dos anos com as mudanças e o crescimento do local. No entanto, no grupo os indivíduos têm a sensação de reviver as maravilhas do lugar, em pensamento. Porém, é importante frisar que o entendimento de uma comunidade que era perfeita é apenas um retorno a uma realidade construída imaginativamente, que as lembranças são memórias recondicionadas pelos indivíduos de acordo com uma série de fatores.

O grupo é um espaço de compartilhamento de memórias, e pelas interações iniciais e o formato que foi se desenvolvendo ao longo das postagens é possível perceber que não houve espaço para lamentações quanto aos problemas passados. Claro que havia problemas, Ravena estava tão longe de ser paraíso quanto está hoje. No entanto, os momentos bons sobressaem às dificuldades, e o grupo continua sendo esse espaço para relembrar coisas boas. Esse ato de relembrar é um reforço do sentimento de ligação desses indivíduos com o espaço, e talvez seja o ponto de contato com o lugar mais forte em suas biografias, e por isso se torna tão fundamental nessa atitude de expressar (e constantemente reafirmar) o amor ao lugar, pois é mais sincero e fidedigno.

É relevante destacar que o sentimento de saudosismo aparece muito forte naqueles que não vivem na localidade atualmente. O grupo reúne algumas pessoas que deixaram o distrito e hoje vivem em outros municípios e também em outros países. Dos dez membros mais ativos do grupo, cinco não vivem no distrito atualmente, e é possível verificar que eles são os que falam com maior saudade; seja dos tempos da infância, seja das festas, vivências. Esses membros parecem sentir ainda mais a sensação de perda, pois não puderam acompanhar em alguma parte de suas vidas o desenvolvimento do local.

Apesar de haver essa nostalgia e esse desejo de voltar ao passado, os ravenenses claramente sabem da impossibilidade de fazê-lo. Alguns, inclusive, deixam claro ao dizer que muito embora o grupo tenha papel relevante, principalmente no processo de difundir essas memórias sobre o distrito junto à população mais jovem, pouco pode ser mudado de fato, pois não há como parar a roda do desenvolvimento na qual Ravena está.

Para esses sujeitos essas imagens são verdadeiros documentos que provam que a vida em comunidade existia e parece que hoje se extinguiu. Fica claro que há uma saudade de uma Ravena que se foi. Na visão deles era uma Ravena melhor, mais bonita, mais segura. Esse entendimento, no entanto, faz parte de uma visão mítica da comunidade. Esse saudosismo vai além da busca por segurança (Bauman, 2003) e também do sentimento de afeto ao lugar onde se nasceu ou viveu (Tuan, 1980). Como todo lugar, sempre houve problemas, no entanto, essa visão nostálgica carregada de pesar é uma forma que os indivíduos encontram de reposicionar Ravena, de dar a ela o *status* de lugar perfeito. É uma Ravena imaginada, sim. Entretanto, é como esses indivíduos acreditam que ela deva ser lembrada, não só por aqueles que a viveram, mas principalmente pelos mais jovens, pelos que estão chegando agora, e pelos que ainda virão. Esse saudosismo ajuda os indivíduos a pintar um quadro de uma Ravena perfeita, que pega elementos do passado também numa tentativa de projeção ideal para o futuro.

Essa necessidade de contemplar o passado e mostrar como a comunidade foi um dia remete a um sentimento de perda valorativa. Valores esses ligados diretamente à questão da tradição e da família. Observando as 150 postagens coletadas, verificou-se uma grande quantidade de registros de famílias e suas histórias. É comum ver a imagem de uma pessoa e acompanhar pelos comentários falas relacionadas à importância desse personagem e de sua família para o distrito. Mas, além disso, outro aspecto observado na Análise de Fluxos chama atenção para essa questão da família. Conforme foi dito anteriormente, há uma parcela de membros que participam ativamente do “Ravena e suas memórias” – esse subgrupo não ultrapassa os dez membros. Pelas interações, de certa forma, todas as pessoas que conformam

esse agrupamento possuem uma ligação de parentesco e/ou vizinhança. Um dos entrevistados falou exatamente sobre essa característica familiar: “O Ravena e suas memórias é uma comunidade sim, por ter essa coisa de família” (Entrevistado B, membro do “Ravena e suas memórias”). Conforme se vê abaixo (Figura 18), alguns membros falam de uma decadência das tradições, evidenciadas pela falta de participação dos indivíduos e de um egoísmo crescente. Na foto que retratava uma procissão religiosa, dois membros evidenciam em suas falas esse sentimento de perda dos valores comunitários.

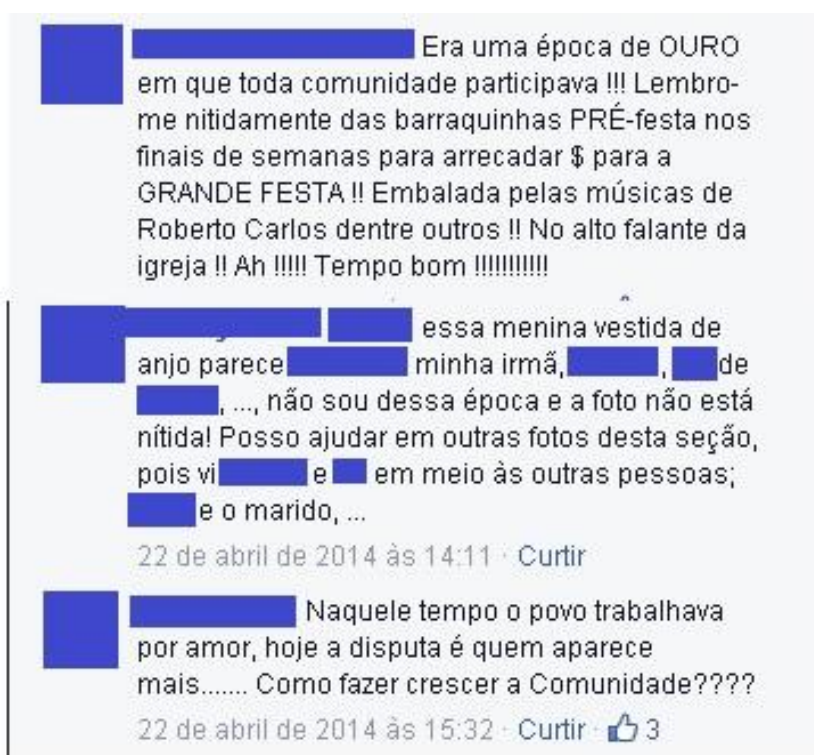


Figura 18: Valores...

Fonte: Facebook – Grupo “Ravena e suas memórias”.

No entanto, embora haja essas disputas implícitas, há detalhes que estão velados nas conversas que evidenciam no grupo esse desejo de passar uma imagem apaziguadora. Um desses detalhes é modo como os sujeitos se referenciam, a forma como constroem seus argumentos. Há um clima de descontração na maioria das conversas, os sujeitos se citam, “marcam” uns aos outros nas publicações, fazem alusões a conversas que tiveram pessoalmente. Isso demonstra que a convivência entre eles não é restrita ao ambiente virtual, mas se dá também no cotidiano do distrito. E, além disso, há um detalhe que reforça a questão dos laços fortes, e esse é a forma como uns tratam os outros. O termo “primo” é um dos mais citados e deixa entender um pouco mais sobre a forma familiar como esses indivíduos se percebem enquanto membros de uma comunidade. Nesse ponto, fica bastante nítido o

interesse desses sujeitos em evidenciar que há uma relação cotidiana, não baseada somente nas interações virtuais. Fica claro que ali há um desejo de fortalecer a vivência desses laços comunitários. Analisando as conversas evidencia-se que a grande maioria se conhece pessoalmente e, inclusive, tem encontros rotineiros indicados em sua maioria pelas formas de tratamento, pelas brincadeiras, e pela intimidade que aparece implícita, como podemos ver nos exemplos a seguir (Figura 19). Nessa imagem, separam-se comentários de diferentes interagentes em várias conversas no grupo. É possível ver que para reafirmar a proximidade e o grau de parentesco, os indivíduos se referem uns aos outros como “primo”.

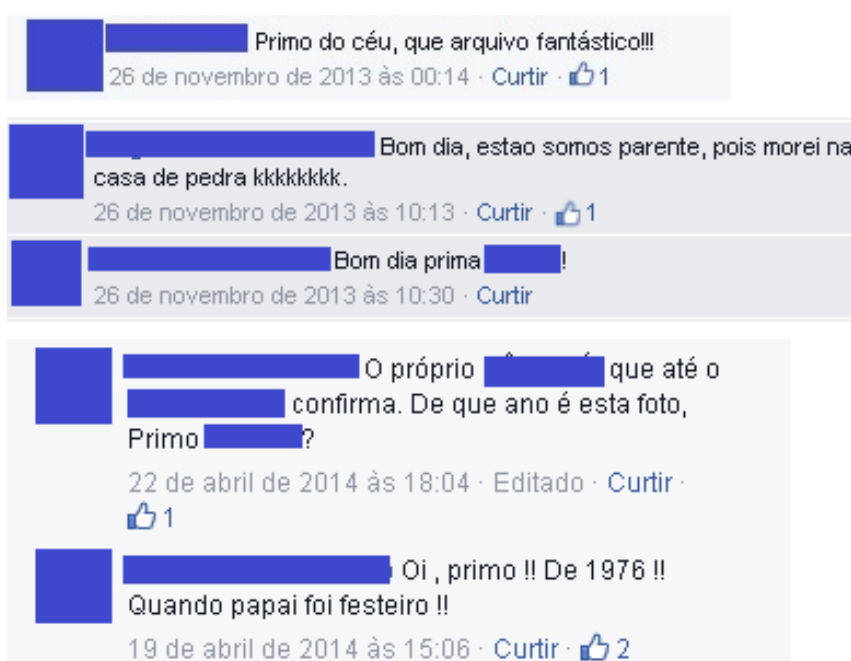


Figura 19: Relações de parentesco evidenciadas pelas formas de tratamento.
Fonte: Facebook - Grupo "Ravena e suas memórias".

Como dito antes, a parcela de membros que guia mais ativamente os modos de interação no grupo pertence a um agrupamento maior, com história considerável e bastante retratada na mídia social por meio das fotografias e relatos. Sendo assim, embora ainda haja rastros de que esses laços sociais permaneçam até os dias atuais, é possível ver que os sujeitos entendem como importante a retomada de alguns pontos, mesmo que seja apenas na mídia social, para que haja um reconhecimento do valor dessa memória comum enquanto artifício de elevação da estima do distrito. O uso desses termos e o tom das conversas parece ser um artifício utilizado para ressaltar o sentido comunitário, reforçando que ainda hoje todos conformam uma grande família.

De um modo geral as interações dispostas no grupo do *Facebook* reforçam o entendimento de Ravena como uma comunidade. Isso pode ser percebido pelos modos como os indivíduos relacionam-se na rede social, bem como através dos temas tratados nos comentários. Primeiro, porque algumas das imagens selecionadas demonstram a vivência coletiva no espaço público da comunidade. Ora dos eventos diversos, ora das atividades religiosas, é possível ver muitas pessoas compartilhando momentos, e os comentários vêm corroborar esse entendimento. Além disso, as trocas que acontecem no espaço do grupo demonstram a ligação desses indivíduos com o local, referenciando-o como espaço de experiência onde se nasceu, viveu. Mas também há uma preocupação com a atual situação e o futuro da localidade. Percebe-se que não necessariamente os comentários nas fotos são uma única conversa, mas em sua maioria há uma coesão no que é dito ali, e fica clara a importância que Ravena tem para aqueles membros.

4.2 Pertencimento

Por meio da análise do conteúdo foi possível perceber a relevância que alguns membros deram ao sentimento de pertencimento à comunidade. Falando de um modo geral, são poucas as declarações explícitas de identificação com o lugar, no entanto, alguns comentários mostram traços dessa preocupação com o distrito que revelam um desejo de que Ravena permaneça sendo esse espaço de vivência comum, pautado pelas relações de parentesco e vizinhança, e um desejo de manter vivas tradições e valores dos antepassados.

É importante frisar que as dimensões parecem confluir, é difícil separar o saudosismo do pertencimento. Aqui, busca-se salientar o pertencimento como algo que extrapola a visão saudosista, que vai além da nostalgia do paraíso perdido e se destaca pelo sentimento de ligação e também por uma preocupação com o lugar. A dimensão do pertencimento trabalhada a partir de agora se dá em conjunção com o saudosismo. É a partir do reconhecimento de que algo se perdeu que surge esse sentimento de reforço identitário, num sentido de valorizar esse passado como recurso disponível para construir um futuro onde essa Ravena, tal como teria sido um dia, não seja de todo modo esquecida. O que se explora nessa dimensão é essa necessidade dos membros de afirmar por meio do grupo seu elo com o local.

É comum ver no grupo falas como: “Nossa Ravena” que exemplificam esse elo entre indivíduo e lugar, como é o caso da legenda da foto a seguir (Figura 20):

[Redacted] ▸ Ravena e suas memórias
2 de dezembro de 2013 · 🌐

Nossa Ravena.
—com [Redacted]



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar ✉ Message

👍 [Redacted] e outras 17 pessoas

2 compartilhamentos

[Redacted] Rural do pai de [Redacted]...Carro antigo ao lado do bar do [Redacted]...Foto bem antiga.Alguem se arrisca na data?
2 de dezembro de 2013 às 21:53 · Curtir · 👍 2

[Redacted] acredito q em meados de 70 esse cruzeiro foi reformado por florivaldo me lembro bem
2 de dezembro de 2013 às 22:17 · Curtir · 👍 2

[Redacted] Linda Igreja Matriz !!!
Não dá para entender como q as AUTORIDADES((os RESPONSÁVEIS)) ... não conseguem terminar a reforma desta IGREJA. Sendo q a mesma é a MATRIZ. ... Ver mais
3 de dezembro de 2013 às 09:29 · Curtir

[Redacted] Caro [Redacted], o processo de restauração é muito delicado por isso é demorado e por ai a Igreja sofreu muito com a ação do tempo ficou muito danificada.... querendo entender um pouco de como funciona esse processo venha nos fazer uma visita é so chamar no portão
3 de dezembro de 2013 às 11:51 · Curtir · 👍 2

[Redacted] Correto [Redacted], tudo indica ser neste período de 1970 a 1973 +/-, o pai de [Redacted] e [Redacted] chamava-se [Redacted] e tinha um bar ao lado da rural. Ele era seu tio?
3 de dezembro de 2013 às 14:05 · Editado · Curtir

[Redacted] Endendi [Redacted]
Afinal de contas ... a Matriz é um Patrimônio Histórico. E não pode ser reformado de qualquer maneira. Tem que ter cautela.
3 de dezembro de 2013 às 13:44 · Curtir · 👍 1

[Redacted] O carro antigo parece muito com um Pontiac 1946, que [Redacted] tinha na época.O Buick de [Redacted] era muito parecido com o Pontiac também.Vamos perguntar ao [Redacted] se o seu irmão [Redacted] dá uma opinião com mais certeza.Vamos aguardar...
3 de dezembro de 2013 às 14:02 · Editado · Curtir · 👍 1

Figura 20: “Nossa Ravena”.

Fonte: Facebook - Grupo “Ravena e suas memórias”.

Esse sentimento de identificação se manifesta também numa vontade que alguns indivíduos têm de buscar o que alguns chamam de “raízes”; isso fica evidente principalmente nos casos daqueles que não residem no distrito atualmente, e pôde ser percebido nas entrevistas. Alguns falam ainda sobre a importância de Ravena por ser o lugar onde a família tem suas bases, e citam a palavra “berço”. Interessante destacar essas duas palavras: raízes e berço, pois ambas nos remetem de certa forma aos laços comunais visto que uma significa a origem, o suporte que sustenta e dá fundamento para o crescimento de algo maior, bem como a palavra berço que passa a sensação daquilo que acolhe, protege e acalma. Essas duas palavras demonstram muito bem a ligação que alguns desses indivíduos entrevistados descreveram ter com Ravena. De acordo com dois dos entrevistados que não moram em Ravena atualmente, a saída da terra natal só os fez valorizar mais o “seu lugar”. O primeiro diz: “Eu saí de Ravena com 22 anos, e viajei por Minas Gerais, a trabalho. Acho que as viagens que eu fiz só me fizeram valorizar ainda mais a minha terra” (Entrevistado A, membro do “Ravena e suas memórias”). O segundo, semelhantemente, depõe: “Minha família, tanto por parte de pai e mãe, é de Ravena, nasci em Belo Horizonte, mas desde recém-nascido frequento a comunidade. É o berço de toda minha família, minhas origens estão ali” (Entrevistado F, membro do “Ravena e suas memórias”).

Observando os comentários das postagens é fácil identificar falas em que os indivíduos deixam clara sua participação ou apontam para uma lembrança direta dos fatos registrados. Essa necessidade de afirmar-se parte é evidentemente um desejo de se impor como membro. Exemplos disso acontecem nas imagens das festas, em que falam sobre como eram as barraquinhas, compartilham memórias das pessoas, procissões, tentam identificar os parentes, conhecidos. Em todas essas fotos há também sempre os que comentam dando importância a esses registros como documentos de memória da história de Ravena.

De certa forma, a impressão que fica é de que essas lembranças compartilhadas muitas vezes funcionam como pequenas “provas” da relação desses membros com Ravena, principalmente no caso daqueles que hoje não vivem mais no distrito. De certo modo, é como se eles estivessem dizendo que, embora não estejam participando do cotidiano da comunidade, ainda têm muito de Ravena e permanecem sendo ravenenses, pois, o que ali viveram não será esquecido, e permanece como elemento principal do sentimento de ligação desse indivíduo com o lugar. Nas entrevistas com membros que não residem em Ravena atualmente esse aspecto ficou bastante claro. Muitos deles se definem como ausentes, mas ainda sim se consideram ravenenses, pois reconhecem que partes importantes de suas histórias

peçoais foram vividas ali, e explicam que por isso se preocupam com o lugar, com a preservação de sua memória, por acreditar que junto a isso ainda podem preservar um pouco do próprio passado.

Eu sou um ravenense ausente. Meus pais nasceram em Ravena, eles tinham comércio lá. Eu não nasci em Ravena porque eles já tinham se mudado. Mas eu vivi minha infância em Ravena. Então a minha ligação é muito afetiva. Minha participação no grupo é propagar o máximo de fotografias que eu tenho de Ravena. (Entrevistado C, membro do “Ravena e suas memórias”).

Esses indivíduos reconhecem que por estarem ausentes há muito tempo, algumas das pessoas que vivem na comunidade não os conhecem, ou até mesmo não os “reconhecem” como membros. Então, de certa forma é como se o grupo fosse um espaço onde eles podem expressar sua ligação com o lugar, reforçar sua relação e suas raízes, justificando a topofilia com elementos fortes, reforçando-os como membros da comunidade.

Quando se pensa em um grupo em mídia social digital, é impossível negar sua função primordial que é a de promover trocas comunicativas entre os membros. Nas respostas do questionário padrão alguns membros destacaram exatamente esse papel do grupo, o de promover a interação, como se vê no quadro a seguir (Quadro 3).

Quadro 3: Finalidade do grupo

Membro nº. 08	“Este grupo proporciona também, através de um comentário e outro em fotos postadas, a interação entre as pessoas, o início de novas amizades e até mesmo a descoberta de um parente.”
Membro nº. 09	“interagir toda a população ravenense, expondo fotos antigas e atuais de seus moradores e da cidade em si.”
Membro nº. 10	“O grupo tem como finalidade aproximar parentes / amigos que não tem a oportunidade de se verem, além disso, é possível através de fotos vermos como era Ravena antigamente, as festas, o lazer presente na época.”

Fonte: Questionário aplicado pela autora.

Uma das primeiras coisas que chamam a atenção ao observar as falas é a importância que dão ao grupo, não só pelos conteúdos que ali são disponibilizados, mas, principalmente, pelas possibilidades de comunicação que ele oferece aos membros. Na opinião dos entrevistados, o grupo aproximou as pessoas. E não somente aqueles que deixaram o distrito e hoje vivem em outra localidade, mas principalmente os próprios moradores que reclamam de um afastamento. Alguns deixam bastante claro que embora ainda exista uma relação de

parentesco e vizinhança, a vida em Ravena mudou muito, e hoje são poucas as pessoas que nutrem os laços comunais cotidianamente. Os indivíduos reconhecem que isso se dá pela falta de comunicação. E, nesse ponto, o grupo entra como um facilitador nesse processo de relacionamento, pois ali elas possuem questões em comum e fazem parte do mesmo agrupamento: “Eu acho que o grupo trouxe oportunidade de aproximação de pessoas. E outra coisa fantástica, é que pessoas que você não imaginava estão com perfil no *Facebook*”. (Entrevistado A, membro do “Ravena e suas memórias”).

Os laços de amizade e parentesco, característica base das comunidades, também aparecem como um elemento importante na ligação desses indivíduos com Ravena. É possível dizer, inclusive, que a maior parte das lembranças ligadas à vivência com o distrito sempre trazem à tona detalhes sobre a convivência em família, as atividades nas ruas, eventos, a própria vivência escolar ou na igreja. Essa volta ao passado é ponto-chave na relação desse indivíduo com o lugar: “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1980, p. 114).

No grupo essa consciência do passado é construída por meio do pertencimento que liga esses membros ao lugar e com aqueles com quem partilham essas vivências. Essa noção é alimentada, principalmente, por um sentimento nostálgico, que emite a imagem de uma Ravena imaginada, a comunidade que era perfeita, onde as relações humanas eram mais fortes e a vida mais simples e descomplicada. O interessante é frisar que, ao mesmo tempo em que o grupo é pautado por esse sentimento topofílico, baseado nesse saudosismo e pertencimento, nesse compartilhamento essas dimensões são realimentadas, reforçando a afetividade e a importância de Ravena para esses indivíduos. O fato dessas pessoas se reunirem em um grupo que divide pensamentos e desejos tão próximos só fortalece os pontos dessa relação com o lugar. Trata-se de um ciclo, fechado, restrito entre aqueles membros, mas ainda assim, com força suficiente para complexificar o entendimento que esses sujeitos têm do distrito no qual nasceram.

A imagem a seguir (Figura 20) retrata uma procissão realizada provavelmente nos idos da década de 1970. Nos comentários os indivíduos tentam identificar o local onde a foto foi tirada. Mas também há comentários que apontam para vivências naquele espaço da comunidade na época da fotografia e a relação de afeto.

FOTOS DA RAVENA DE

Retornar ao álbum

Anterior Próxima



Curtir Comentar

Marcar foto

Curtir Comentar Obter notificações Compartilhar 26 de novembro de 2013

e outras 26 pessoas curtiram isto.

Acho que essa casa branquinha do meio é a de vovô acertei? Quem seriam esses na varandinha????

26 de novembro de 2013 às 08:58 Curtir 3

RAVENA sem asfalto era muito legal! Apesar da poeira, lógico! Tenho MUITAS SAUDADES das férias que passava aí! Vovô... Tias... Os passeios... O campo futebol... TUDO MUITO GOSTOSO! O doce de leite na chicanzinha no... Alguém tem fotos???

26 de novembro de 2013 às 11:32 Curtir 3

olhem as roupas, que demais

27 de novembro de 2013 às 17:31 Curtir

Era assim a linda Ravena que conheci sempre simples e hospitaleira. Ravena com poeira.

27 de novembro de 2013 às 20:33 Curtir 1

que ponto seria esse na praça? Quem arrisca? Mamãe acha que seria no Largo do Rosário?

28 de novembro de 2013 às 14:01 Curtir 1

É o largo do Rosário a casa verde é de a outra com pessoas na sacada é de

28 de novembro de 2013 às 14:09 Editado Curtir 2

Chá mais aí já existia calçamento de pedras, tá vendo?

26 de novembro de 2013 às 21:18 Curtir 2

É muito legal estas fotos antigas!

28 de novembro de 2013 às 23:05 Curtir 1

ESSA FOTO É EM FRENTE A IGREJINHA DO ROSARIO

Ver tradução

29 de novembro de 2013 às 17:51 Curtir

Vejo tb o depósito de onde hoje é a casa de e o açougue de

29 de novembro de 2013 às 21:54 Curtir 1

Quem será esse padre correndo por fora da fila?

10 de dezembro de 2013 às 18:46 Curtir 1

Adorei está foto!

10 de dezembro de 2013 às 20:07 Curtir

Pela imagem da virgem, foi a procissão de 15 de agosto de 78. Talvez padre hoje Monsenhor.

11 de dezembro de 2013 às 17:37 Curtir

Álbum: FOTOS DA RAVENA DE

Compartilhado com: Público

Marcar esta foto

Abriu visualizador de fotos

Fazer download

Denunciar foto

Figura 21: Exemplo de comentários com sentidos topofílicos.
Fonte: Facebook - Grupo "Ravena e suas memórias".

Em um desses comentários o interagente diz: “Era assim a linda Ravena que eu conheci sempre simples e hospitaleira. Ravena com poeira” (sic). Esse comentário exemplifica bem como a relação do indivíduo se construiu por meio do afeto, e como as lembranças são atualizadas e condicionadas ao contexto. Talvez a vida na Ravena ainda sem asfalto, sem energia elétrica fosse muito difícil, mas mesmo assim o membro, talvez sugestionado pelo saudosismo, ou pelo próprio formato como se dão as interações no grupo, prefere evidenciar os aspectos positivos que são a simplicidade e a hospitalidade.

Outro ponto que demarca essa produção de sentido por meio do lugar e das experiências ficou evidente através das entrevistas. Foi possível perceber como uma mesma foto traz significados diferentes para cada indivíduo. A seguinte questão foi feita para três entrevistados: Há alguma foto marcante? Todos responderam que sim, e curiosamente citaram a mesma foto. A imagem é a que é utilizada como capa do grupo (Figura 22):



Figura 22: Foto de Capa do Grupo – Retrato da Praça de Ravena.

Fonte: Facebook.

O interessante é que cada um disse algo sobre essa foto. O Entrevistado A relatou lembrar-se de sua infância. Na mesma hora ele pegou o celular, abriu a página do grupo e começou a observar a foto. Daí foi tentando relatar quem morava nas casas, quem eram essas pessoas na comunidade. Lembrou-se da parteira que ali morava e que foi responsável pelo

nascimento da maioria das pessoas da geração dele, lembrou a árvore do canto direito. Já o Entrevistado E disse que a foto também lhe transporta para a infância, e que lembra muito de brincar no meio da praça. Contou que no espaço havia grama e cascalho, e que lá aprendeu a andar de bicicleta. Já o Entrevistado C mencionou a foto pelo fato de ter sido a primeira fotografia antiga de Ravena que adicionou em seu álbum de fotos antigas, e que a partir desse dia passou a colecionar fotos.

Esses relatos ilustram como a imagem e o lugar tem o poder de trazer essas lembranças e significados, e como cada indivíduo tem uma referência daquele mesmo espaço retratado. A fotografia daquele lugar suscita sentidos diferentes, experiências diferentes, porém próximas. E fica nítido que embora esses indivíduos ainda tenham a possibilidade de passar por esse mesmo local – pois a praça ainda existe, embora bem diferente – a foto conseguiu guardar elementos que fazem com que esses sujeitos olhem para aqueles detalhes e reconheçam partes de suas vidas ali. E o que é mais interessante nesse exemplo, é o fato de a foto retratar um espaço comum da localidade, que até hoje é ponto de referência, porém, cada indivíduo traz consigo traços de uma vivência única, só dele. A infância vivida naquele espaço pode ter pontos em comum, as crianças podem ter brincado as mesmas brincadeiras, inclusive juntas; no entanto, quando se pergunta o que os indivíduos se recordam mais, as respostas serão diferentes. Esses pontos de contato relevam o pertencimento desses indivíduos ao mesmo grupo.

Certas fotos de lugares provocam lembranças sobre os personagens que ali viveram ou passaram: ao ver a foto da escola (Figura 23), o interagente se lembra da primeira diretora. Já a foto da matriz (Figura 24) de alguns anos atrás remete a lembranças dos avós, do sineiro, personagens que tinham ligação com aquele espaço da comunidade naquela época retratada. Esse fato de relacionar o lugar com pessoas que nele estiveram é muito interessante, e registra de maneira muito forte a relação que se constrói entre ser humano e espaço. Esses exemplos só reforçam a presença desse sentimento topofílico, e a importância dele no processo de reconstruir a comunidade por meio desses fragmentos de memória.

██████████ ▸ **Ravena e suas memórias**
28 de novembro de 2013 · 🌐

Casarão do ██████████.



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar 💬 Message

👍 ██████████, ██████████ e outras 4 pessoas

██████████ Dona ██████████ (mãe do ██████████), minha ██████████ e professora nas décadas de 40,50 e 60 cedia estas 2 salas, para funcionar a Escola Estadual de Ravena do lado esquerdo da sua casa (casarão), que foi demolida depois por ██████████ (seu filho mais novo), na década de 90, para construir a sua casa onde mora atualmente. Eu estudei nesta escola na década de 60, com a professora ██████████. Tempos bons, que não voltam mais. A construção resiste ao tempo, como se não quisesse sair do cenário de Ravena para contar a sua história... É como sempre digo: POVO SEM MEMÓRIA DE SEU PASSADO É POVO SEM FUTURO!

29 de novembro de 2013 às 12:36 · Editado · Curtir · 👍 2

Figura 23: Lembranças de personagens a partir de outros elementos.
Fonte: Facebook.

Fotos da publicação de [redacted] em Ravena e suas memórias.

Retornar ao álbum



Curtir Comentar

Marcar foto

[redacted] Ravena e suas memórias
Novembro de 1986. Antiga foto da Matriz de Nossa Senhora da Assunção, numa época em que ainda reinava soberana. Símbolo máximo da identidade da cultura da comunidade de Ravena.

P.S.: Notem que sua pintura àquela época parece recente. #saudosismo

Curtir · Comentar · Ativar notificações · Compartilhar · 29 de janeiro

[redacted], [redacted] e [redacted] e
outras 63 pessoas curtiram isso.

[redacted] Verdade. Muitas lembranças boas desse tempo: o [redacted] tocando os sinos, as missas, as festas nas quais vinham muitas pessoas de fora ... (é, eu sou antiga mesmo.. rrsr..) muita saudade, minha avó [redacted] que era ministra na Igreja, as mudinhas que não perdiam uma missa, enfim, lembrando que no mês seguinte à essa foto, dez/86, meu avô [redacted] faleceu. #nostalgia Haja coração.

29 de janeiro às 20:14 · Editado · Curtir · 7

De: Fotos da publicação de [redacted] em Ravena e suas memórias.

Compartilhado com:

🌐 Público

📌 Marcar esta foto

🖼️ Abrir visualizador de fotos

📄 Fazer download

🚩 Denunciar foto

Figura 24: Um lugar remete à lembrança de pessoas.

Fonte: Facebook.

Nas entrevistas foi possível verificar essa forte relação dos indivíduos com o espaço público de Ravena. O espaço comum era o espaço onde se vivia, brincava e trabalhava. A rua era de todos como comenta um dos entrevistados. Ali se faziam as festas, as crianças brincavam de roda, se montavam os teatros, as procissões. Isso possibilitava que as pessoas interagissem mais, pois havia tranquilidade para sair de casa. Isso fortalecia não só os laços de amizade e vizinhança, mas também a relação desses indivíduos com o espaço comunitário. É interessante pensar também que essas experiências individuais, esses fragmentos vão se reunindo no grupo e transmitindo uma ideia coletiva do que é Ravena. E por ser um grupo aberto, o que ali está publicado passa a servir de instrumento de visualização pública de Ravena. Porém, vale lembrar que este não é o único grupo referente à Ravena: percebe-se que há diferentes imagens públicas sendo emitidas sobre o mesmo lugar.

Alguns dos entrevistados apontam que hoje em Ravena há muito egoísmo. E isso se manifesta principalmente na questão política que sempre aflora nos períodos eleitorais e deixa evidente o jogo de interesses. Segundo eles, é difícil envolver a comunidade, promover a participação, e o que aparentemente funciona nas comunidades virtuais, fica muitas vezes restrito ao ambiente virtual, sem maiores reflexos na vida cotidiana. “É uma característica do povo de Ravena, desde que eu me entendo por gente que é as pessoas não acreditarem, não participarem.” (Entrevistado D, membro do “Ravena e suas memórias”). Para esses indivíduos, pertencer ao grupo na mídia social digital é uma forma de reforço da sua participação na comunidade.

Todos podem participar e compartilhar suas lembranças, independente do formato, seja fotos, ou fatos. Tudo que é relacionado à Ravena – e seus personagens – cabe ali. A visão de que o grupo é de todos também é unânime. Há um entendimento de que aquele é um espaço comum, não é preciso ser uma pessoa mais velha, os jovens também podem compartilhar. Também não é necessário viver no distrito atualmente, pois é considerável o número de pessoas que moram em outras localidades, mas mesmo assim participam. Esses membros que não necessariamente residem no distrito, muitas vezes têm uma participação tão ou mais ativa. Isso remete aos pontos abordados anteriormente, sobre as possibilidades de se agrupar indivíduos distantes em espaços onde possam dividir os mesmos interesses e identidades (PERUZZO 2002 e RECUERO, 2006). “O grupo é uma coisa muito boa. Eu vejo a possibilidade de todas as pessoas conversarem, e se empenharem nas coisas de Ravena.” (Entrevistado A, membro do “Ravena e suas memórias”).

Esse desejo de envolvimento das pessoas em causas de Ravena remete diretamente a duas questões principais. A primeira delas é motivada pelas transformações espaciais e deterioração de prédios antigos. Atualmente Ravena possui casario antigo e obras arquitetônicas tombadas pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). O casario antigo sofre com a ação do tempo. Os que ainda permanecem de pé, em sua maioria estão bastante deteriorados, pois a maioria dos proprietários não se interessa ou não tem condições financeiras de manter o imóvel com suas características originais. O caso mais grave é o da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, principal templo católico do distrito, interditada há mais de dez anos para restauro artístico, e por questões estruturais está com risco iminente de desabamento. A Matriz é a obra de maior valor histórico e arquitetônico, dadas suas características de construção que remontam aos anos de 1700; seu valor artístico evidencia-se pelos altares laterais, afrescos originais e o sino principal – estes que ainda permanecem na igreja (boa parte dos objetos sacros, incluindo a imagem da padroeira do distrito foi roubada e contrabandeados há muitos anos e não recuperados). Desde a interdição, a população convive com a possibilidade de perder seu principal cartão-postal.

A degradação desses símbolos do distrito ou a iminência de perda dos mesmos podem ser um dos elementos que contribuíram no processo de fortalecimento do grupo “Ravena e suas memórias” enquanto esse espaço de compartilhamento de memórias e registros do passado do local. O segundo fator que pode ser relacionado a essa preocupação com a localidade é a existência de um desejo de emancipação do distrito mantido por uma parcela da população²⁰. Uma boa parte dos ravenenses considera negativa a ligação com Sabará e credita o pouco investimento do município para com o distrito como o causador da maioria dos problemas. Esse desejo de transformar a localidade em cidade pode cooperar com o sucesso do grupo, uma vez que o mesmo implica numa valorização de Ravena e de seus personagens.

Conversando com os membros entrevistados para a pesquisa, fica claro que todos são extremamente favoráveis ao “Ravena e suas memórias”. São membros desde a criação do mesmo e possuem uma afeição por ele. De um modo geral, todos apontam e reconhecem que o grupo funciona como um acervo histórico. É um espaço onde essas lembranças podem ser compartilhadas e ficar disponíveis para quem deseja entrar e saber um pouco mais sobre Ravena. Segundo eles, era algo que faltava no distrito, pois essas recordações e as próprias fotografias iam se perdendo ao longo do tempo, principalmente pela morte das pessoas mais

²⁰ CAMARGOS, Daniel. Maior desafio para emancipar distritos é financeiro. Estado de Minas. Belo Horizonte. 04 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/06/04/interna_politica,398809/maior-desafio-para-emancipar-distritos-e-financeiro.shtml>. Acesso em 13/06/2016.

velhas, que conhecem mais fatos sobre o distrito e pelo próprio esquecimento desses registros fotográficos. A importância que esses indivíduos dão ao aspecto interativo demonstra que para eles é importante que haja essa troca entre os membros da comunidade, como forma de manter vivas as relações, garantindo a coesão do grupo. Ser parte do grupo é uma forma de ser parte da comunidade. E pelo aspecto de acervo, há evidências de que essa memória comum preservada para muitos é o único caminho de guiar novas gerações em caminhos que não se afastem demais daqueles já trilhados pelos antepassados ravenenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação tem importância fundamental na sociedade. Essa premissa pautou esta pesquisa desde o seu surgimento. E foi exatamente isso que foi possível perceber por meio da análise do objeto estudado. Esse trabalho nasceu de uma observação, que envolvia um grupo que contava um pouco da história da própria pesquisadora: o “Ravena e suas memórias”, que tem como escopo o compartilhamento dessas memórias, que dizem muito não só do lugar, mas também do elemento humano que ali vive. O grupo evidencia a reconstrução coletiva do lugar e como essa junção de experiências é a base que sustenta aquela comunidade. O “Ravena e suas memórias” não existiria se não tivesse essa ligação com o local, bem como se pode dizer que Ravena, comunidade territorialmente estabelecida, não é a mesma desde a criação do grupo. E, nesse processo, percebe-se como as ambiências – *online* e *off-line* – se complementam e contribuem para a conformação da Ravena de hoje.

Ao longo deste estudo, muito mais do que compreender o virtual ou o “real”, sempre se buscou visualizar que ambos estão diretamente implicados, na dinâmica da vida contemporânea. Não existe separação, o que se vive é uma única realidade. Ao longo da pesquisa pôde-se ver que os moradores de Ravena – especialmente os que participam do grupo – são diretamente impactados pela realidade midiaticizada à sua volta e participam disso, recebendo e utilizando as lógicas dos meios. Chama a atenção o fato de haver uma construção de um comum partilhado que se dá entre as ambiências e configura um sentimento de pertencimento em um espaço digital, relativamente novo, mas que já é considerado relevante pelo papel comunicativo que proporciona. Ravena não é só o distrito, delimitado territorialmente, ela está *online*, não só no objeto aqui estudado, mas também nos outros grupos que abordam diferentes temáticas relacionadas à localidade, em diversas plataformas ou aplicativos. Os sentidos que emergem não são os mesmos, pois as relações e as experiências não são as mesmas, mas fica claro que há sempre intercessão entre o que se vive no cotidiano e o que se diz nas mídias sociais. Mas é interessante ressaltar que as características da plataforma deixam marcas evidentes no tipo de interação que ali se constrói. O alcance, os formatos, a rapidez são pontos que marcam o grupo e que só são possíveis por estar em um *site* como o *Facebook*; em outro suporte esse mesmo conteúdo receberia outros tipos de tratamento e haveria outras formas de responsividade.

Em uma comunidade virtual ou um grupo com escopo tal como o estudado, é nítida a relação afetiva que liga os membros e a localidade. O simples fato de participar de um grupo

como esse demonstra claramente um elo entre indivíduo e o local. Ravena, sua formação espacial, seus monumentos, ruas e paisagens representam o “ninho” dessas pessoas. A relação entre homem e espaço sempre deixa marcas em ambos, e pelo estudo do “Ravena e suas memórias” é possível verificar que as vivências pessoais na localidade deixam traços, mas as experiências do grupo são tão fortes quanto e são capazes de enraizar na coletividade ideias e sentimentos únicos, relativos ao que é importante para aqueles indivíduos, criando um imaginário coletivo que caracteriza e também define os papéis na comunidade. Há uma relação topofílica intensa que se manifesta nas interações do grupo. Claro que há muitas facetas que podem compor esse sentimento, mas pela pesquisa se chega às dimensões do saudosismo e do pertencimento como sendo duas importantes direcionadoras desse processo de compartilhamento afetivo.

O sentimento nostálgico da perda de uma vivência comunitária e esse desejo de preservação das raízes são marcas fundamentais para compreender esse grupo e o que ele representa na ressignificação do lugar. Essa necessidade de conexão com a comunidade remete diretamente ao sentimento de pertença. Identificar-se com os demais, sentir-se parte, fortalece a relação desses indivíduos com a localidade. E o sentimento de pertença se constrói por meio da memória comum, partilhada naquele espaço.

Há sempre um “comum compartilhado”, inclusive nas redes sociais. No caso estudado, esse elemento comunal são esses fragmentos de memórias individuais que compõem essa memória coletiva ravenense. São traços de identificação que evidenciam quem é membro da comunidade e quem não é. O grupo diz de uma história de Ravena que não é a oficial, mas que foi construída com base nas relações pessoais. É certo dizer que o grupo não conta a história do lugar, mas uma versão a partir dos fatos vividos pelas pessoas de lá. Para se sentir membro do “Ravena e suas memórias”, mais do que conhecer Ravena, é preciso reconhecer-se como parte dessa história que está sendo contada.

De certa forma, o “Ravena e suas memórias” é uma coletânea de histórias, a maioria contada a partir de retalhos imagéticos. São centenas de pequenos relatos que remontam partes da vida desses sujeitos, que de alguma maneira estão ligadas à vida dos outros. As fotografias são itens mais fáceis de serem compartilhados, e muito ricos de sentidos. Contudo, é inegável que ainda muito poderia ser contado, muitas histórias, narradas oralmente têm-se perdido, e estas poderiam entrar no grupo, no entanto, não são incorporadas por diversas questões particulares dos sujeitos, dentre elas a complexidade do ato da escrita que exige tempo, paciência e muitas vezes, implica questões de domínio da língua.

Diante do contexto de desintegração dos laços comunais, da aceleração da vida, os ravenenses sentiram necessidade de retomar esse compartilhamento biográfico e a mídia social foi o instrumento escolhido para promover a sociabilidade. O grupo é então uma resposta ao que o presente tem apresentado àquela comunidade. É um ponto de apoio desses membros que sentem pesar pelo que se foi. Talvez as memórias sejam um instrumento, uma ferramenta que os ajuda a se localizar na Ravena de hoje, tão diferente da que vivenciaram um dia. Pelas análises fica claro que ambos – saudosismo e pertencimento – são os pontos comuns que unem esses indivíduos e os reúnem no “Ravena e suas memórias”, entretanto, embora haja potencialidades, o grupo ainda não sai de si mesmo, as discussões se encerram ali.

Como explicado anteriormente, o caminho metodológico propunha como método de coleta de dados a realização de dois grupos focais. Entretanto, devido à falta de quórum, as reuniões foram inviabilizadas. Esse fato chamou atenção para algumas fragilidades. Sem dúvida, o grupo tem papel importante para aquele distrito, no entanto, o que se vê até o momento é um grupo que se alimenta da saudade, mas que não parte dela para buscar novos rumos. A mesma coletividade que se une para lembrar seus membros, festejos e tradições com tamanho saudosismo e riqueza de detalhes, também não poderia ser aquela que utiliza o *Facebook* como ferramenta de organização social, compondo estratégias de luta por aquilo que deseja? Se os moradores reconhecem que muito tem se perdido, por que eles mesmos não se dispõem a fazer algo contra essas perdas?

Embora o trabalho de levantar traços sobre o passado de Ravena seja valioso, é substancial reconhecer que esse exercício é feito à luz da realidade de hoje. Sabe-se – e os materiais coletados para essa pesquisa demonstraram muito claramente – que o distrito vem passando por um processo de expansão demográfica. A população originária assiste a essa expansão em estado de alerta, pois além de presenciar mudanças significativas na qualidade de vida, acredita que há possibilidade de perder a identidade cultural de sua terra. Essa noção de perda é um dos fatores que fazem com que as lembranças compartilhadas no “Ravena e suas memórias” ganhem ainda mais relevância.

Também entra nessa questão a presença de um conservadorismo, um desejo de preservar a comunidade, em suas formas e tradições tão impactadas pelo crescimento local e pelas mudanças proporcionadas pela vida moderna. Em diferentes etapas da pesquisa foi possível ver que o “Ravena e suas memórias” cria uma hiper-realidade. O conjunto desses fragmentos carregados de saudosismo – compartilhados por indivíduos desejosos de buscar e

preservar as suas “raízes” – cria um complexo de relatos que dão uma versão quase mitológica de uma Ravena. E essa questão da preservação de uma memória intacta, livre de influências negativas pode estar relacionada ao interesse de alguns membros de que o grupo permaneça como um espaço exclusivo de lembranças. Esse desejo revela uma oposição ao que é de hoje, uma intenção de preservar, ainda que somente em resquícios, uma essência perdida.

Mas, se por um lado, o grupo demonstra essas disputas de poder (o que pode ser publicado e o que não pode) – marcas de todo e qualquer espaço público – por outro evidencia uma construção afetiva que demonstra o entendimento que esses membros têm sobre Ravena. Entende-se que o lugar não é uma construção uniforme, mas se dá através de diferentes ligações e sentidos que emergem na relação que aquele grupo humano constitui com o espaço.

É interessante ressaltar que a expressão “interação” foi uma das mais citadas nas entrevistas, seguida muitas vezes por “troca de informações”. A palavra “informações” é usada nesses casos praticamente como um sinônimo de “conhecimento”. Isso é significativo, pois os membros reconhecem aqueles fragmentos de memória como da história do distrito e também deles mesmos. E nesse ponto pode-se dizer que o grupo é um acervo histórico e cumpre essa função primordial, mas se há potencial interativo para relembrar esse passado, também há para se discutir o que pode ser feito atualmente. Falta ao grupo um maior envolvimento nas causas atuais. Reconhecer a memória do local é importante, sem dúvida, mas tomar esta como ponto de partida para discussão e tomada de medidas que garantam com que a identidade e os pontos importantes do distrito sejam preservados seria algo ainda mais valioso.

Para alguns membros, os laços e as amizades virtuais são de fato muito frágeis para gerar transformações nos modos de vida. No entanto, outros acreditam que o *Facebook* tem um papel fundamental no processo de fortalecimento identitário e creem que algo pode mudar em Ravena. Para essa parcela, o *site* facilitou o processo comunicativo. Eles destacam a funcionalidade da ferramenta que permite que as imagens sejam compartilhadas de modo rápido, prático e com grande alcance. No entanto, embora se reconheça a facilidade de uso do *Facebook*, muitos relatam não ter total domínio da mídia social digital, mas isso não os impede de participar do grupo e interagir. Nas conversas com os entrevistados até foram citados casos de pessoas que não tinham um perfil no *site* de rede social e, depois da criação do grupo, montaram páginas pessoais para poder participar *online* (boa parte idosos), o que reforça o interesse em partilhar dessa iniciativa. Para eles, o grupo impulsiona os membros a

relembrar e a trocarem informações. Uma ferramenta que ajuda a gerar um sentimento de identificação com o local e com as pessoas que ali vivem.

E, de fato, a memória tem papel fundamental nesse processo, pois é o elemento que torna aquele espaço comum para os indivíduos. Cada experiência individual integra algo maior que está diretamente relacionado àquele grupo e, nesse caso, o espaço implicado tem o papel de servir de lugar dessas memórias. As interações só fazem sentido porque possuem esse elo com Ravena. Se, por exemplo, fossem contadas em outro contexto, descosturadas do lugar, perderiam a importância que têm para aquele grupo.

Ao final deste estudo, pode-se dizer que o exercício de compartilhar fragmentos de memória é uma tentativa de levantar, dividir e, sobretudo, preservar esses signos das vivências em comum. E essa atitude tem notória relevância no processo de entendimento e significação do lugar para aqueles que ali vivem, pois ao grupo no *Facebook* somam-se as demais vivências desses indivíduos no cotidiano da comunidade. Chega-se então ao fim desse trabalho com a compreensão de que o “Ravena e suas memórias” implica diretamente na compreensão e identificação dos sujeitos com o distrito, pois mexe com os sentimentos topofílicos e incentiva uma afetividade baseada no saudosismo e pertencimento. Os fragmentos de memória são faíscas carregadas de nostalgia que desencadeiam as trocas comunicativas, reforçando a relação com a localidade. Pode-se dizer que o grupo contribui para a ressignificação de Ravena como lugar, já que promove um reforço da ligação entre os sujeitos com a ideia de comunidade, além de uma valorização daquela localidade como sendo o espaço onde estes membros encontram suas raízes. No entanto, muito ainda pode ser feito a partir dessa iniciativa, pois, o passado não volta e as mudanças precisam ser impulsionadas por aqueles que vivem o presente.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Janaina V. **A comunicação no embate entre empresa e comunidades**: análise crítica dos discursos de trabalhadores e população sobre as práticas comunicativas de responsabilidade socioambiental das organizações. 2010. 336f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- BARTLETT, Frederic C. **Remembering**: a study in Experimental and Social Psychology. New York: Cambridge University Press Digital Printing, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BRITO, Walderes Lima. **Empresas responsáveis e comunidades cidadãs**: responsabilidade social sob o crivo da Comunicação Pública. 2009. 161f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.
- CARVALHAL, Antônio Carlos O. **Comunicação comunitária**: uma releitura dos principais conceitos. 2010. 157f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- CARVALHO, Grazielle Anjos. **Análise espacial urbano – sócio – ambiental como subsídio ao planejamento territorial do Município de Sabará**. 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.
- COSTA, Maria E. Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 180-192.
- DEWEY, John. **Experiência e Natureza**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 2007.
- FRANÇA, Vera Regina V. Quéré: dos modelos da comunicação. In: **Revista Fronteiras**. São Leopoldo: UNISINOS, v. 5, n. 2, p. 37-51, 2003.
- FERREIRA, Eduardo G. M. **Dialogo social**: a comunicação na construção dos relacionamentos das organizações com as comunidades vizinhas – o caso da Ampla. 2011. 363f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC/SP. São Paulo, v. 24, p. 09-26, Jun., 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 2006.
- HJARVARD, Stig; **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. In: **Matrizes**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, Jan/Jun., 2012.
- _____. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. In: **Matrizes**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, Jan/Jun., 2014.
- HENRIQUES, Márcio Simeone. Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social. In: HENRIQUES, Márcio S.; ARROYO, Miguel G. e PERUZZOTTI, E. (Orgs.).

Sociedade Civil e Participação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

_____. **Comunicação e mobilização social na prática da polícia comunitária.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. A cultura e o poder na relação entre organizações e comunidades: aspectos reveladores. In: MARCHIORI, Marlene (Org.). **Sociedade, Comunidade e Redes.** Rio de Janeiro: SENAC, 2014.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes e DODEBEI, Vera. A virtualização da memória no *Facebook*. In: **CES Revista.** Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 257-273, 2013.

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: a theoretical outline. In: **Journal of Computer-Mediated Communication,** v. 3, n. 3, December 1997.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual.** São Paulo: Editora 34, 1996.

MARQUES, Ângela C. Salgueiro; ROCHA, Simone M. A produção de sentidos nos contextos de recepção: em foco o grupo focal. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos.** São Leopoldo: Unisinos, v. 3, n. 1, p. 38-53, 2006.

MARTINO, Luís M. Sá. **Teoria das Mídias Digitais.** Petrópolis: Vozes, 2015.

MATTOS, Maria Angela; VILLAÇA, Ricardo Costa; Aportes para nova visada da metapesquisa em Comunicação. In: **Comunicação & Sociedade.** São Paulo, v. 33, n. 57, p.199-218, Jan/Jun., 2012.

MIDDLETON, David; BROWN, Steven D. A psicologia social da experiência – a relevância da memória. In: **Pró-Posições.** Campinas, v.17, n. 2 (50), p. 71-97, Mai/Ago., 2006.

MONTEIRO, Luísa da Silva. **Interações e Mediações entre empresas e comunidades:** um estudo sobre processos de mediação e relacionamentos. 2013. 96f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

MOURA, Maria Aparecida. Interações sociais e Comunidades Virtuais: transformações na sociabilidade? In: **Informática Pública.** Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 85-97, março de 2005.

NISBET, Robert A. Comunidade. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José S. **Sociologia e Sociedade:** leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1977. Cap. 05, p. 255-262.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; LIMA, Fábila P.; MONTEIRO, LUÍSA da S. Movimentos comunicacionais na relação entre organização e comunidades: perspectivas teórico-metodológicas para apreensão do fenômeno. In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia.** Porto Alegre, v.18, n. 2, p. 557-575, maio/ago., 2011.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum:** comunidade, mídia e Globalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, Cicília M. K. Comunidades em tempo de redes. In: COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel; PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?** Porto Alegre: UNISINOS, 2002, p. 275-198.

_____. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos.** São Leopoldo: Unisinos, v. 11, n.1, p. 33-43, Jan/Abr., 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Imagens, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatáhy (Orgs.). **Imagens na História.** São Paulo: Hucitec, 2008.

- PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: **E- Compós**. Brasília: v. 9, p. 1-21, 2007.
- QUÉRÉ, L. D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. In: **Réseaux**. Paris: v. 9, n.46 p. 69-90, Março – Abril, 1991.
- _____. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno S; MENDONÇA, Carlos M.; GUIMARÃES, César (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RECUERO, Raquel. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Mídia, imprensa e novas tecnologias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 221.
- _____. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com**. 2006. 334f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SANTOS, Myrian S. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. A relevância das comunidades virtuais na cultura organizacional. In: MARCHIORI, Marlene. (Org.) **Sociedade, comunidade e redes**. Rio de Janeiro: Editora SENAC e Difusão Editora, 2014.
- SHIKIDA, Aparecida M; MOURA, Maria A. Memória e Redes Sociais: informação e conhecimento em relatos orais. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. (08.). **Anais...** Salvador, 2007, p. 01-15.
- SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Denis. **Sociedade Midiatizada** (Org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- _____. Sobre a vida anunciada. In: **Galáxia**. São Paulo: PUC, n. 2, p. 113-120, 2001.
- TANURE, Cláudia Vieira; **Sujeitos da Interação mediada pelo discurso da sustentabilidade: Samarco e comunidade do entorno**. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society**. New York: Dover, 1957
- TUAN, Yi Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- TURKLE, Sherry; CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: fronteiras do real e do virtual. In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: v. 06, n. 11, p. 117-123, Jul/Dez., 1999.
- WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.
- WELLMAN, Barry. Computer Networks as social Networks. In: **Science**, v. 293, n. 5537, p. 2031-2034, 1999.
- _____. Physical Place and Cyberplace: the rise of personalized networking. In: **International Journal of Urban and Regional Research**, v.25, n. 2, p. 227-252, Jun., 2001.

APÊNDICE A – Tabela de Análise de Conteúdo

POSTAGEM	TEMA	AMOR AO LUGAR	SAUDOSISMO	ACONCHEGO/ SEGURANÇA	MEMÓRIAS INDIVIDUAIS/ COLETIVAS
2013-11-16	Pais e padrinhos no batizado de uma criança	A legenda fala de hábitos dos personagens em Ravena.			Memórias individuais que se misturam a memórias coletivas.
2013-11-22	Objetivo do grupo	Comentários que falam: “Nossa querida Ravena” Topofilia			Material fotográfico tido como dispositivo de memória. Comentários do tipo: “Tenho muitas fotos”
2013-11-23	Foto da banda Lira da Paz		Comentários do tipo: “queria ter nascido nessa época” Saudosismo	Citações sobre como a “Praça da matriz era palco de grandes eventos”	Memórias coletivas. A foto mostra um grupo de pessoas no espaço público da localidade
2013-11-24	Time de futebol			“Aproveitei demais a infância”	Uma jogadora postou a foto de um Grupo de jogadores.
2013-11-25_1	Álbum com várias fotos de Ravena	Falas do tipo: “nossa Ravena” Evidencia pertencimento	Comentários do tipo: “Quanta saudade”	Agradecimentos como: “Obrigada por perpetuar a memória”	Indagações que buscam levantar elementos de memória.
2013-11-25_2	Rua da Casa Paroquial	Comentários do tipo: “rua da minha casa” Pertencimento		Falas do tipo “nestes tempos” “tempos bons”	Lembranças individuais sendo compartilhadas: “É a rua da minha casa”
2013-11-25_3	Foto da praça principal	Falas como: “nesta rua da minha infância” “lembro de Ravena assim”... Topofilia	Um comentário do tipo: “Eta saudosismo”		Uma das pessoas se coloca como um dos retratados: “deveria ter a idade dessa menininha”.

2013-11-26_1	Depoimento sobre o grupo	Comentários afetuosos: “nossa querida Ravena” “Obrigada por me mostrar Ravena”. Topofilia	Saudades evidenciadas pelos comentários		
2013-11-26_2	Procissão	Nessa foto Ravena já se transformava Preocupação com o lugar	Comentários como: “Bons tempos”.		Compartilhamento de memória individual: “Meu pai foi festeiro”.
2013-11-26_3	Família após batizado				Junção de depoimentos para contar quem são os personagens da foto.
2013-11-26_4	Foto de uma procissão largo do Rosário			Falas do tipo: “Era assim a Ravena que conheci...”.	Comentários com fragmentos de memória: “Ravena sem asfalto era muito legal”.
2013-11-26_5	Procissão em frente à Igreja do Rosário				
2013-11-26_6	Grupo de festeiros				Lembranças individuais.
2013-11-26_7	Barraquinhas em frente a matriz		Falas como: “Que saudades”.		Fragmento de memória individual: “Olha meu pai na roleta das maçãs”.
2013-11-26_8	Procissão da padroeira		Comentários saudosistas: “Ah, que saudade! Tempo bom”.		
2013-11-26_9	Procissão no Largo do Rosário.				
2013-11-26_10	Família Ferreira Pinto				As pessoas comentam a foto informando quem são as

					peças.
2013-11-26_11	Leilão				
2013-11-26_12.1	Procissão chegando a Matriz		Falas como: “Tempo bom”. Saudosismo	Comentário: “era uma época de ouro que toda comunidade participava”.	Referências à lembranças: “Lembro-me nitidamente”.
2013-11-26_13	Festa na chácara de Álvaro				
2013-11-26_14	Procissão chegando à Matriz				Um dos sujeitos conta um relato que ouviu de seu pai a respeito da festa.
2013-11-27	Turma de crianças na escola				
2013-11-27_1	Fotografia de uma casa que ainda existe no distrito				Um dos indivíduos pede que os outros confirmem um fato do passado e outro conta sobre a vida da família naquela casa.
2013-11-27_2	Montagem com duas fotos, a primeira retrata uma família e a segunda um grupo de crianças.				Um dos sujeitos chama atenção para sua figura na imagem e outro fala de uma das personagens e algo que viveu com ela.
2013-11-27_3	Grupo de crianças em sua primeira eucaristia				
2013-11-28	Retrato dos noivos no dia do casamento				
2013-11-28_1	Rapaz e menino				Um dos interagentes fala

	posam para a foto				sobre a casa, que já não existe e diz que são boas lembranças
2013-11-28_2	Aniversário de criança				Alguns retratados falam sobre a foto
2013-11-28_3	Tio e sobrinha posam para foto				Uma das retratadas fala sobre as circunstâncias da foto e outras pessoas levantam memórias com o senhor da imagem (já falecido)
2013-11-28_4	Retrato de um bebê				
2013-11-28_5	Fotografia de uma casa antiga que foi a primeira escola				Alguns interagentes levantam recordações e fatos sobre o prédio
2013-11-28_6	Três mulheres da mesma família aparentemente em uma festa				
2013-11-28_7	Mulher e seu filho pequeno				
2013-11-28_8	Retrato (desenhado) de uma jovem				Uma das interagentes levanta relatos passados a ela pela madrinha
2013-11-28_9	grupo de rapazes posam em frente a um caminhão				
2013-11-28_10	Duas crianças brincando com um cavalo				

2013-11-28_11	Turma de crianças em uma festa junina				
2013-11-28_12	Formatura de pré-escolar				
2013-11-28_13	Senhora e sobrinha posando para foto				
2013-11-28_14	Criança e tio na rua principal de Ravena				
2013-11-28_15	Duas meninas posando para a foto				
2013-11-28_16	Grupo de pessoas cantando em uma missa	“Quando voltaremos a ter missa na matriz” Espressão revela preocupação com o patrimônio histórico local.			
2013-11-28_17	Retrato de um homem				
2013-11-28_18	Grupo de crianças e sua professora				Lembrança individual sendo compartilhada: “Nunca esquecerei quando chovia”.
2013-11-28_19	Senhora e dois filhos na roça		Falas do tipo: “eita época boa” Comentário: “Bateu saudade”.	Comentários como: “Encontramos a verdadeira felicidade”. Comunidade imaginada	Lembrança: “Nossa, o pé de amora...”
2013-11-28_20	Irmãos sentados lado a lado em um casamento				

2013-11-28_21	Turma de alunos na escola estadual				
2013-11-28_22	Foto de um bebê				
2013-11-28_23	Grupo de crianças				
2013-11-28_24	Time de futebol				
2013-11-29	Grupo de pessoas em frente a uma casa				Memória individual: “Nessa data eu tinha”.
2013-11-29_1	Foto de uma encenação				Duas pessoas relembram como eram os teatros
2013-11-29_2	Outra foto do teatro				
2013-11-29_3	Foto de casamento				Os parentes levantam fatos sobre a família
2013-11-29_4	Festa do índio na escola	Comentário: “época que fui muito feliz em Ravena” Topofilia			
2013-11-29_5	Retrato de uma jovem				
2013-11-29_6	Postagem agradecendo a criação do grupo		Saudosismo		
2013-11-29_7	Grupo de festeiros		Saudosismo		
2013-11-29_8	Grupo de pessoas conversando na festa		Saudosismo		
2013-11-29_9	Grupo de jovens na				

	praia				
2013-11-29_10	Jovens de Ravena no Convento da Penha ES.				
2013-11-29_11	Pessoas em frente a uma casa em Ravena				
2013-11-29_12	Foto panorâmica da Igreja do Rosário	Comentário falando da beleza do lugar. Topofilia			
2013-11-29_13	Postagem agradecendo a criação do grupo				
2013-11-29_14	Mulher e jovem em uma loja				
2013-11-29_15	Time de futebol				Os interagentes levantam histórias sobre os times em Ravena
2013-11-29_16	Casal de idosos com sua neta				
2013-11-29_17	Foto tirada dentro de uma antiga venda				
2013-11-29_18	Grupo de rapazes em uma cachoeira		Relato: “Bons tempos onde tínhamos água limpa” Saudosismo		Os interagentes contam experiências com o lugar
2013-11-29_19	Foto de um casal de idosos já falecido				Os interagentes contam histórias vividas com o casal nas atividades deles na comunidade.

2013-11-30_1	Grupo de mulheres caminhando na rua principal	Sim. Algumas pessoas falam das casas, da rua sem asfalto das brincadeiras. Topofilia e memória			Algumas pessoas comentam memórias que tem naquele espaço.
2013-11-30_2	Retrato descontraído de um rapaz (já falecido)				Um dos interagentes conta uma história vivida com o personagem
2013-11-30_3	Casal e todas suas filhas				
2013-11-30_4	Festeiros		Uma das interagentes comenta com saudades da festa		
2013-11-30_5	Grupo de homens e crianças posando para a foto				
2013-11-30_6	Retrato (desenho) de um casal		Um dos interagentes fala da saudade de sua infância com os tios em Ravena		O comentário levanta uma série de memórias individuais.
2013-11-30_7	Foto de um casal (a esposa já falecida)			Uma das interagentes fala da dificuldade de encontrar pessoas como a personagem	
2013-12-01_01	Foto do batizado de uma criança				
2013-12-01_2	Foto de um jovem casal				Um dos interagentes conta uma lembrança sobre um dos retratados
2013-12-01_3	Foto de uma senhora e dois rapazes		Os interagentes falam sobre a personagem		Alguns comentários falam sobre a personagem

2013-12-01_4	Grupo de rapazes e meninos em um jogo de futebol				
2013-12-01_5	Foto de dois rapazes (um deles personagem conhecido em Ravena, já falecido)	Uma das interagentes declara amor a todo o “povo de Ravena”. Topofilia			Vários interagentes levantam histórias com o personagem
2013-12-01_6	Grupo de rapazes em um caminhão				
2013-12-01_7	Retrato de um rapaz		Saudades do personagem da foto		Várias pessoas contam histórias e lembranças vividas com o personagem da foto
2013-12-02_1	Retrato posado de uma moça				
2013-12-02_2	Foto da praça, com destaque para a matriz.				Alguns interagentes tentam lembrar sobre a época da foto
2013-12-02_3	Foto de uma coroação com crianças				Algumas das crianças retratadas comentam a imagem
2013-12-03_1	Foto de um senhor no Parque Municipal de BH				Os interagentes contam lembranças do retratado
2013-12-03_2	Retrato de uma mulher		Saudades da personagem		
2013-12-03_3	Foto de uma família				Alguns interagentes comentam sobre os

					personagens
2013-12-04	Retrato de um rapaz (já falecido)		Menções de saudosismo do personagem retratado		
2013-12-06	Foto da praça Nossa Senhora da Assunção	Várias falas referentes às qualidades de Ravena “Amo Ravena” Topofilia		Algumas falas se referem a força do ravenense	
2013-12-09	Time do Ravena Esporte Clube		Algumas falas saudosas sobre aquele tempo		Alguns interagentes levantam memórias sobre a época que jogavam.
2013-12-10	Retrato de uma jovem				Um dos interagentes conta uma memória pessoal
2013-12-12_1	Retrato de um rapaz				O retratado e outras pessoas levantam memórias da época da foto
2013-12-12_2	Formatura de uma jovem		Um comentário carregado de saudosismo		
2013-12-12_3	Imagem de uma jovem com traje junino				
2013-12-12_4	Grupo de homens e crianças				
2013-12-12_5	Grupo de pessoas em uma chácara				
2013-12-12_6	Pai com os filhos pequenos na praça				Algumas pessoas comentam as mudanças da rua e casas

2013-12-14	Pais e duas filhas pequenas				
2013-12-15_1	Três homens posando para a foto				Um dos interagentes levanta uma lembrança sobre um dos retratados
2013-12-15_2	Irmãos na roça da família				Alguns interagentes trazem alguns detalhes de memória individual e coletiva
2013-12-15_3	Grupo de pessoas no batizado de uma criança				Algumas pessoas trazem pequenos fragmentos de memória
2013-12-15_4	Rapaz concertando um carro				Os interagentes trazem aspectos da memória individual
2013-12-15_5	Três crianças pequenas				
2013-12-15_6	Grupo de crianças brincando em frente uma casa				
2013-12-15_7	Foto de um homem sentado em frente a um caminhão				Pequena citação de memória individual
2013-12-15_8	Duas moças e duas crianças pequenas				
2013-12-15_9	Casal na Serra da Piedade				Algumas pessoas trazem detalhes pessoais
2013-12-15_10	Grupo de estudantes em turma feminina				Fragmentos de memória individual e coletiva

2013-12-15_11	Grupo de homens no local onde foi construído o prédio da Regional				Vários fragmentos de memória coletiva
2013-12-15_12	Foto de um velório				
2013-12-16_1	Foto de um show organizado pelos jovens de Ravena				Alguns interagentes contam lembranças do show
2013-12-16_2	Mais fotos do show				Um dos interagentes conta detalhes do show
2013-12-16_3	Foto de dois casais no batizado de uma criança		Comentários apontando saudades das figuras retratadas		Algumas pessoas levantam lembranças pessoais e coletivas
2013-12-16_4	Foto de casamento	Falas do tipo: “Querida Ravena” Topofilia			Alguns fragmentos de memória individual
2013-12-17_1	Grupo de senhoras				Uma das interagentes conta uma lembrança
2013-12-18	Foto de uma senhora (já falecida)		Saudades da figura retratada		Muitos interagentes compartilham lembranças pessoais
2013-12-18_1	Homem segurando seus dois filhos				
2013-12-18_2	Foto de um senhor (já falecido)				Alguns interagentes contam lembranças sobre o personagem
2013-12-18_3	Uma senhora (já				

	falecida)				
2013-12-18_4	Duas senhoras sentadas em frente a casa de uma delas		Saudades das personagens evidenciadas nas falas		Alguns fragmentos de memória individual
2013-12-18_5	Família em frente a uma casa de taipa				
2013-12-18_6	Uma senhora (já falecida)		Comentários exaltando a saudades da personagem		
2013-12-18_7	Grupo de homens em um bar				
2013-12-18_8	Avós e seus netos				
2013-12-18_9	Crianças com um pároco de Ravena		Falas sobre as saudades do personagem		Alguns interagentes contam vivências com o personagem
2013-12-19_1	Foto de um homem (já falecido)		Falas sobre as saudades do personagem		Muitos interagentes contam lembranças de momentos vividos com o personagem.
2013-12-19_2	Foto de um rapaz recebendo um título de garoto ravena	Organização das filmagens	Falas sobre as saudades do personagem		Vários interagentes comentam lembranças
2013-12-25_1	Criança vestida para coroação				Um dos interagentes compartilhou uma memória individual
2013-12-26_1	Duas jovens		Falas sobre as saudades do personagem		Um dos interagentes compartilha uma memória individual
2013-12-28_1	Um casal de idosos		Comentários saudosistas sobre as personagens		Alguns interagentes compartilham memórias

					individuais
2013-12-28_2	Retrato de uma jovem		Comentários sobre a saudades da personagem retratada		
2014-01-01_1	Post sobre o falecimento de um morador de Ravena		Relato saudosista sobre a personagem retratada		Vários comentários com lembranças sobre o personagem
2014-01-04_1	Pai e seus dois filhos pequenos				
2014-01-04_3	Dois irmãos (um deles falecido)		Falas sobre as saudades do personagem		
2014-01-06	Vídeo de uma senhora				Alguns interagentes tentam lembrar sobre a canção
2014-01-08_1	Foto de uma senhora carregando um feixe de lenha	Falas como: “Ravena e suas riquezas” Topofilia			Alguns interagentes compartilham vivências com a personagem
2014-01-08_3	Foto de um senhor idoso e toda sua família				Alguns compartilham lembranças com o personagem
2014-01-8_4	Depoimento de um morador que não é natural de Ravena mas se sente ravenense	O depoimento reforça a ligação do sujeito com o lugar. Topofilia			O depoimento é um compartilhamento de memória individual
2014-01-11_1	Foto de uma família em um dia de festa		Falas sobre as saudades do personagem		
2014-01-11_2	Foto de um casal de idosos				Alguns interagentes contam vivências com os

					personagens
2014-01-13_1	Grupo de catequistas		Saudosismo daquela época		
2014-01-15_1	Vista da Igreja do Rosário	Várias demonstrações de afeto ao lugar Topofilia	Saudosismo da Ravena de antes	Falas que reforçam a ideia de manter a essência de Ravena	Alguns interagentes compartilham vivências em Ravena
2014-01-16	Retrato de uma jovem				Alguns interagentes compartilham fragmentos de memória individual
2014-01-18_1	Foto da primeira escola de Ravena				Vários comentários com lembranças
2014-01-22	Grupo de homens tocando violão				Compartilhamento de memórias coletivas
2014-01-27	Foto de um personagem muito conhecido em Ravena				Os interagentes citam frases usadas pelo personagem
2014-01-28	Foto de uma estrada aberta recentemente				Um dos interagentes comenta a semelhança com outras localidades
2014-01-28_1	Foto de uma senhora entrando na Igreja do Rosário				Um dos interagentes conta como assistiam tv antigamente
2014-01-28_2	Foto de uma criança em frente a uma casa antiga desmoronando				Há compartilhamento de lembranças pessoais
2014-01-28_3	Foto de um caminhão na rua	Manifestações de afeto ao lugar;	Saudosismo		Vários interagentes compartilham memórias

	principal	Topofilia			individuais
2014-02-07	Foto de uma senhora e uma criança de colo				Há compartilhamento de memórias individuais
2015-01-29_1	Praça da Matriz na década de 80	Amor ao lugar Topofilia	Saudosismo	Comentários como: “Éramos felizes e não sabíamos”.	Compartilhamento de memórias
2015-07-13	Foto de um senhor e seus netos em ocasião do falecimento dele				Os interagentes compartilham lembranças sobre o personagem da foto
2015-09-06-	Fotos de um rapaz (falecido)		Falas sobre as saudades do personagem	Falas do tipo: “Mundo egoísta e maldoso”.	Várias pessoas compartilham momentos e lembranças
2015-09-23	Montagem comparando a praça antes e hoje	Falas do tipo: “E quem rodou o mundo sabe o valor de Ravena”. Topofilia			
2016-11-26_3	Foto de um grupo de pessoas após um batizado na matriz				
2103-12-16_5	Foto de um show na praça				Há compartilhamento de memórias

APÊNDICE B – Convite Grupo Focal

Bom dia,

Eu me chamo Nathália Edwirges Amado, sou pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais e gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa “Ravena e suas memórias: Contradições entre comunidades *online* e *offline*”. Para tanto gostaríamos de contar com sua participação em um grupo de discussão que acontecerá no dia __de __ 2016 às _h, (local a ser definido). O objetivo da pesquisa é levantar os sinais sobre os sentidos comunitários contemporâneos presentes no ambiente virtual e aspectos mais tradicionais ligados à localidade de Ravena.

Sua participação é voluntária e a qualquer momento você poderá desistir de participar, o que não implicará prejuízos na sua relação com a pesquisadora ou com a UFMG. Coloco-me a disposição para dúvidas e esclarecimentos.

Entre em contato respondendo a essa mensagem ou por alguma de minhas referências abaixo:

Email: nathalia.e.amado@gmail.com

Telefone: (31) 99188 9914

Aguardo sua resposta e desde já agradeço.

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista

Sobre o grupo *online*:

- 1) Por que você participa do grupo “Ravena e suas memórias”?
- 2) O grupo mostra muitas coisas sobre o passado de Ravena. O que você acha que mudou?
- 3) Você conhece a maioria das pessoas que estão no grupo?

A comunidade de Ravena:

- 4) Falando sobre Ravena, o que a comunidade ravenense significa para você?
- 5) Ravena de agora ou do passado, qual você acha melhor?

Percepção de comunidade:

- 6) Para você, o que é uma comunidade?
- 7) Quais valores você acredita que guiam a vida comunitária?

APÊNDICE D – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da investigação “Ravena e suas memórias: Contradições entre comunidades *online* e *off-line*”, realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais, como pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, no nível de Mestrado. Sua participação é voluntária. Caso concorde em participar, favor assinar ao final deste documento.

A pesquisa tem por objetivo perceber os traços da produção de sentido comunitário que se dá no meio digital que perpassa a vivência dos sujeitos e deixam entrever contradições entre a comunidade virtual e a comunidade territorialmente estabelecida. Esta pesquisa pretende auxiliar na compreensão das comunidades virtuais, suas semelhanças e diferenças do modelo mais tradicional, de base territorial.

Estas informações serão obtidas através da realização de uma entrevista. O áudio somente poderá ser gravado mediante sua prévia aprovação no início da mesma. A gravação ficará em poder da pesquisadora por um período mínimo de cinco anos. Esta terá finalidade de suporte, não havendo a publicação da mesma em qualquer tipo de canal. Caso seja fornecido algum dado confidencial, este será tratado com sigilo. Menções à sua participação no relatório e em publicações da pesquisa serão feitas por pseudônimo.

Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa não trará prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a UFMG.

Você receberá uma cópia deste termo, constando o telefone e endereço da pesquisadora, do pesquisador-orientador, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação.

Nathália Edwirges Amado
Pesquisadora Responsável

Eu, _____, concordo em participar voluntariamente da pesquisa e declaro que sou maior de 18 anos, que li as informações contidas nesse documento e fui devidamente informado (a) pela pesquisadora sobre os objetivos, sobre os procedimentos utilizados e sobre a confidencialidade da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento. Concordo que os resultados obtidos no estudo sejam divulgados em apresentações e publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados sem meu consentimento expresso.

Ravena, _____ de _____ de _____.

ASSINATURA: _____.

Pesquisadora Responsável: Nathália Edwirges Amado

Endereço: Rua Mogi, 272 – Renascença. CEP: 31.130-440 – Belo Horizonte/MG

Telefone: (31) 99188 9914

E-mail: nathalia.e.amado@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6.627 – Fafich – 4.º andar – Campus Pampulha – CEP 31.270-010 – Belo Horizonte/MG.

Telefone: (31) 3409-5078. **E-mail:** simeone@ufmg.br

APÊNDICE E – Questionário Padrão

“Ravena e suas memórias: contradições entre comunidades *online* e *off-line*”

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Ravena e suas memórias: contradições entre comunidades *online* e *off-line*”. O objetivo dessa pesquisa é levantar os sinais sobre os sentidos comunitários contemporâneos presentes no ambiente virtual e aspectos mais tradicionais ligados à localidade de Ravena. Para isso conto com sua contribuição, enquanto membro do grupo "Ravena e suas memórias".

Sua participação é voluntária e anônima. Nenhuma das questões abaixo pede ou sugere a sua identificação. Todos os dados serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Essa é uma Pesquisa de Mestrado realizada pela jornalista Nathália Edwirges Amado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques.

QUESTIONÁRIO
1) Idade: <input type="checkbox"/> 18 a 24 anos <input type="checkbox"/> 25 a 29 anos <input type="checkbox"/> 30 a 34 anos <input type="checkbox"/> 35 a 40 anos <input type="checkbox"/> Acima de 40 anos
2) Sexo <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
3) Qual sua relação com o Distrito de Ravena? <input type="checkbox"/> Moro e trabalho/ estudo em Ravena. <input type="checkbox"/> Moro em Ravena, mas estudo/ trabalho em outra cidade. <input type="checkbox"/> Moro e trabalho em Ravena, mas estudo em outra cidade. <input type="checkbox"/> Moro e estudo em Ravena, mas trabalho em outra cidade. <input type="checkbox"/> Não moro em Ravena atualmente, mas já morei. <input type="checkbox"/> Outra

4) Se você não mora em Ravena. Com que frequência você vai ao distrito?

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Sempre

5) Há quanto tempo você tem um perfil no *Facebook*?

- Há mais de três anos.
- Há mais de dois anos.
- Há mais de um ano.
- Menos de um ano.

6) Qual a principal utilidade do Facebook para você?

- Interagir/ encontrar meus amigos.
- Interagir/ encontrar meus parentes.
- Diversão/entretenimento.
- Informação.
- Trabalho ou estudo.

7) Com que frequência você acessa o Facebook?

- Uma vez por semana.
- Duas vezes por semana.
- De três a cinco vezes por semana.
- Ao menos uma vez por dia
- Várias vezes ao dia

8) Desde quando você participa do grupo “Ravena e suas memórias”?

- Desde a criação do grupo em 2013.
- Desde 2014.

- Desde 2015.
- Não me lembro.

9) Você já publicou no grupo Ravena e suas memórias?

- Sim
- Não
- Não, mas estou em algumas das fotos postadas por outros

10) Você tem o hábito de curtir ou comentar as postagens do grupo?

- Sim
- Não

11) O que você mais gosta no grupo? Marque as opções que desejar

- Ver como era Ravena antigamente.
- Relembrar o passado.
- Tentar reconhecer as pessoas das fotos .
- Encontrar parentes que não conhecia.
- Saber mais sobre a história e cultura de Ravena

12) Na sua opinião, qual a finalidade do grupo “Ravena e suas memórias”?
